

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

CARLA RENATA CAPILÉ SILVA

**PROGRAMA MULHERES MIL:
SUBJETIVIDADE, INCLUSÃO E GOVERNABILIDADE**

**CAMPO GRANDE
2015**

CARLA RENATA CAPILÉ SILVA

**PROGRAMA MULHERES MIL:
SUBJETIVIDADE, INCLUSÃO E GOVERNABILIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório.

**CAMPO GRANDE
2015**

CARLA RENATA CAPILÉ SILVA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório

Campo Grande, 27 de Novembro de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

Profa. Dra. Zaira Andrade Lopes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Jacy Corrêa Curado
Universidade Federal da Grande Dourados

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família, meu suporte, meu exemplo, da qual tenho muito orgulho de fazer parte: meu pai, irmão, meus queridos e amados avós, tias e tios, todos, mas, principalmente minha mãe, que sempre me incentivou e, mesmo com todas as dificuldades, sempre buscou, no conhecimento, na educação um meio digno para crescer e para termos uma condição de vida melhor.

Ao meu companheiro e esposo, por estar sempre do meu lado, incentivando-me desde o processo de seleção até a conclusão do mestrado, pela sua paciência e compreensão.

Aos colegas de trabalho do IFMS, entre eles o Prof. Delmir e a Profa. Hilda, pelo apoio na execução do trabalho; às amigas Carol, Janete, Débora e Evelyn, pela força, pelas risadas e tudo quanto fizeram para que meu trabalho não se tornasse um fardo nesta jornada.

Aos colegas da linha de pesquisa Psicologia e Processos Educativos, com os quais foi possível compartilhar experiências, conhecimentos, além das dúvidas, anseios e angústias. Minha gratidão especial a Pedro Morelli, que se tornou um grande parceiro de caminhada.

A todos os integrantes do Grupo de Pesquisa GEIARF que se configurou um espaço para desenvolver e crescer neste processo, principalmente com relação ao referencial teórico.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pelo compromisso e competência; profissionais de excelência que compartilharam todo conhecimento que pudesse nos auxiliar nesta jornada, mas principalmente o anseio de que nos tornássemos profissionais melhores.

Às professoras Jacy Côrrea Curado e Zaira de Andrade Lopes, pela disponibilidade e, mais que tudo, compreensão, mesmo nas questões mais complexas, e por mostrarem outros caminhos e possibilidades no desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, àquele que passei admirar cada dia mais por todo seu conhecimento, humor e confiança, sempre muito acessível e disposto a auxiliar e orientar, Prof. Antônio Carlos Nascimento Osório.

RESUMO

Este trabalho é fruto da pesquisa realizada sobre o Programa Mulheres Mil, como uma das ações do Estado brasileiro, coordenada pelo Governo Federal que tem, como um de seus propósitos, a formação profissional e tecnológica articulada com elevação do nível de escolaridade de mulheres de baixa renda. Um dos objetivos deste estudo foi identificar as formas de subjetivação das participantes, com base nos discursos oficiais presentes nessa política e, também, se houve rupturas significativas nas condições de vida dessas participantes, tendo, como suporte de análises, partes dos pressupostos teóricos e metodológicos de Michel Foucault. O ponto de partida foram os documentos norteadores do Programa e a sua operacionalidade no município de Aquidauana/MS, em que se tomaram, como subsídios, seus objetivos, metas, proposta metodológica (análise documental) e os resultados das entrevistas realizadas com 19 estudantes concluintes dos cursos ofertados no ano de 2013. Os resultados finais indicam que o Programa Mulheres Mil apresenta, em seus discursos oficiais, uma proposta marcada por elementos subjetivos relacionados à inclusão educacional, à produtividade e aos aspectos sociais. Porém, os resultados alcançados apontam um conjunto de contradições, a começar pela operacionalidade do Programa diante das condições materiais de cada uma das participantes, que demarca um conjunto de tecnologias e estratégias que visam, preponderantemente, aos interesses de cunhos políticos e econômicos, em detrimento de uma transgressão das condições existenciais de cada participante. Dessa forma, é necessário refletir sobre a governabilidade do Programa Mulheres Mil, a fim de que ele possa, realmente, proporcionar mudanças significativas na vida das estudantes, em vez de reforçar as práticas de exclusão a qual estão submetidas.

Palavras-chave: Programa Mulheres Mil; Estado; Políticas públicas.

ABSTRACT

This work is the result of research conducted about Thousand Women Program, as one of the actions of the Brazilian State, coordinated by the Federal Government that among its purposes aims to vocational and technological training combined with raising the level of education of low-income women. One goal of this study was to identify the forms of subjectivity of the participants, from the official discourses present this policy and whether there were significant disruptions in the existential conditions of each, supported by analyzes parts of the theoretical and methodological assumptions of Michel Foucault. Starting point were the guiding documents of the Program and its operation in the city of Aquidauana / MS, with the subsidies its objectives, goals, methodological proposal (document analysis) and the results of interviews with 19 graduating students of the courses offered in the year 2013. Final results indicate that the Thousand Women Program shows in their official speeches, a proposal marked by subjective elements related to educational inclusion, productive and social. However, the results achieved, identify a number of contradictions, starting with its operation before the material conditions of each of the participants, marking thus a set of technologies and strategies, which mainly aim to interests of political and economic dies, rather than a transgression of stocks conditions of each participant. Thus, it is necessary to rethink the governance of this program, so you can really bring about significant changes in the lives of their students, rather than enhance exclusionary practices, which until then were submitted.

Keywords: Women Thousand. Program. State public policy.

LISTA DE SIGLAS

ABC	- Agência Brasileira de Cooperação
ACCC	- Associação das Faculdades Comunitárias Canadenses
ARAP	- Reconhecimento de Aprendizagem Prévia
CGCB	- Coordenação Geral de Cooperação Técnica Bilateral
CIDA	- Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional
CRAS	- Centro de referência de Assistência Social
FIC	- Formação Inicial Continuada
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
IFMS	- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
MEC	- Ministério da Educação
PIPE	- Programa de Conhecimento para a Promoção da Equidade
PNUD	- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRONATEC	- Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SETEC	- Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO: O PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA.....	14
2.1 Reflexões e apoderamentos em Michel Foucault: desafios e possibilidades	14
2.2 Para além de uma metodologia de investigação: arqueogenealogia do Programa Mulheres Mil	17
2.2.1 Busca e análise dos documentos oficiais	18
2.3 As entrevistas e a caracterização dos sujeitos da pesquisa	21
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROGRAMA MULHERES MIL	24
3.1 Pobreza e estado: marcas de uma governamentalidade.....	27
3.2 Fundamentos e operacionalização do Programa Mulheres Mil.....	29
4 INCLUSÃO E GOVERNABILIDADE: OS SUJEITOS DA PESQUISA E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÕES	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste "duplo constrangimento" político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno. (FOUCAULT, 1995, p.239)

A escolha do tema **Programa Mulheres Mil: subjetividade, inclusão e governabilidade** ocorreu a partir da nossa participação no Programa Mulheres Mil, no município de Aquidauana, Estado de Mato Grosso do Sul, no biênio 2012 e 2013.

O programa é uma ação do governo federal, executado como uma política de Estado pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, cujas propostas está a de oferecer qualificação profissional de curta duração para mulheres de baixa renda, pertencentes a municípios com baixo índice de desenvolvimento humano. Por Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) podemos compreender, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (2015), o cálculo anual do “progresso” a partir de três dimensões: renda, saúde e educação, de forma que se considerem não apenas os dados econômicos da população, mas também sua expectativa de vida e o acesso ao conhecimento.

Assim, a partir de um público-alvo com perfil pré-estabelecido em suas diretrizes, cuja prioridade seria a participação de mulheres socialmente vulneráveis, o programa foi executado no município de Aquidauana. A cada etapa do desenvolvimento das atividades surgiam questionamentos, por parte da pesquisadora, referente à abrangência dessa ação, se havia alcance dos objetivos que eram propostos e de que forma as estudantes matriculadas no curso constituíam suas subjetividades a partir dos discursos oficiais e das práticas contidas na proposta.

Enquanto uma linha de intervenção do Estado brasileiro, na análise da propositura surgiram as seguintes indagações: É realmente possível ocorrerem mudanças em um curto prazo de tempo e transformar uma realidade decorrente de vários anos de vida, décadas ou até mesmo gerações? Há outros caminhos de transgressões das condições existenciais dos envolvidos a partir de um curso de qualificação? Ou, ainda, em que medida a proposta contida no Programa estaria ou não reforçando práticas sociais e culturais marcadas por movimentos excludentes e, ao mesmo tempo, aperfeiçoando uma condição de exclusão, de forma a gerir,

entre os sujeitos envolvidos, um sentimento de culpabilização pelas condições de vida que demarcam cada um deles?

Com base nessas contradições iminentes, outra indagação se tornou pertinente: como contribuir para melhoria dessa política por meio da área de formação da pesquisadora, a Psicologia? Em que medida existem ações profissionais do psicólogo que têm ultrapassado os limites do assistencialismo na busca de um compromisso de mudanças significativas na vida das populações consideradas pobres? (DANTAS; OLIVEIRA; YAMAMOTO, 2010, p.105).

Aqui damos início ao primeiro momento, que denominaremos de desnaturalizações, uma vez que provocou a exercitação de movimentos contrários e críticos, ao mesmo tempo extremos, ao que está posto, ao óbvio. Tais momentos foram constantes no decorrer da pesquisa, já que esta se baseia em alguns princípios do referencial de investigação de Michel Foucault.

Cabe reforçar que esses movimentos não são remetidos a simples dimensionamentos de oposições, mas a problematizações inerentes às especificidades da temática em estudo, ou seja, exercícios críticos sobre determinados objetos que circulam por uma rede de relações, permitindo delinear sua forma historicamente singular e sobre a maneira pela qual eles se apresentaram num dado tempo e espaço, constituindo uma determinada resposta a um certo tipo de problema. (FOUCAULT, 2010).

Na obra: Ditos e escritos, volume V, Foucault (2010, p. 242), ao discorrer sobre o processo de problematização de seus objetos de estudos, aponta que

Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.).

Dessa forma, ao problematizar o objeto de pesquisa, não nos cabe resolver ou buscar uma solução, mas procurar uma melhor compreensão das relações que se instauram, dos discursos que o envolvem o Programa Mulheres Mil, e desse modo, despier o óbvio em suas múltiplas facetas e perceber as condições que emergem em decorrência dessas configurações.

Portanto, nesse processo, questionaremos como os discursos oficiais e os modos de subjetivação dessa política pública são compreendidos pelas mulheres que participam do Programa e de que forma essa ação constitui a subjetividade, assim como, que outros dizeres englobam os discursos oficiais desta ação governamental.

Nesse ponto, encontramos uma primeira indicação para um tipo de contribuição da área da Psicologia. Na verdade, não seria a proposta de uma teoria mais adequada ou da formulação de uma proposição que especifique um sujeito universal; ao contrário, é-nos proposto uma desacomodação, um olhar crítico sobre esse saber e seus efeitos nos modos de subjetivação (GUARESCHI; HUNING, 2009), em que:

É justamente por esses deslocamentos que o olhar permeado pelo pensamento foucaultiano pode produzir um novo pensar/fazer Psicologia, com a mudança do foco dos problemáticos (de que, tradicionalmente, corremos atrás para entender) para a problematização das teorias, das normas que constituem os mesmos [...] Esse processo de desconstrução ou desnaturalização pode ser sempre reinventado ao questionar outras verdades e ao ocupar-se da problematização de outros saberes que, sempre transversalizados por relações de poder, operam na constituição da Ciência Psicológica. (p. 178).

Dentro dessa ótica, compreendemos que nesse momento, meu papel social, enquanto pesquisadora na área da Psicologia, não seria explicar a condição do sujeito através de uma teoria geral ou indicar a correção através de uma intervenção, mas lançar outros olhares às práticas, realizar reflexões e interrogações sobre o sujeito-objeto, questionar e perceber as relações que os atravessam e os compõe.

Tal constatação aproxima-se da afirmação de Foucault (2010, p. 347), quando questionado em uma Mesa-redonda, em 20 de maio de 1978, sobre o que tentara realizar em suas pesquisas:

Ajudar, de uma certa maneira, para que se escamem algumas "evidências", ou "lugares-comuns [...] de modo que certas frases não possam mais ser ditas tão facilmente, ou que certos gestos não mais sejam feitos sem, pelo menos, alguma hesitação; contribuir para que algumas coisas mudem nos modos de perceber e nas maneiras de fazer... - não me sinto em condições de fazer muito mais que isso.

Assim, baseamo-nos na proposta de investigação de Michel Foucault para esquadrihar os sujeitos da pesquisa, os quais, aqui, não consideramos estáticos, prontos e acabados, mas sujeitos em movimento, interpelados por diversos momentos históricos, sociais, culturais e econômicos, sujeitos transformados e transformadores, em processos constantes de constituição, nunca esgotados.

Diante desse prisma, cabe-nos refletir o papel da educação na constituição do sujeito, a partir da oferta de cursos de qualificação profissional pelo Programa Mulheres Mil. A construção de metodologias, ferramentas, técnicas e currículos dessa ação, do ano de 2013, foram articulados para que promovessem o acesso, permanência e êxito das beneficiárias nos processos educacionais, de formação e inserção no mundo do trabalho, conforme desenhado na proposta.

Por meio do processo educativo do Programa vislumbramos, pelo paradoxo, a inclusão de uma parcela da população afastada das instituições escolares, de modo a propiciar, por conseguinte, o acesso à educação, sua qualificação e ao mercado de trabalho.

Porém, cabe registrar que em uma sociedade capitalista como a nossa, o capital jamais será socializado, pelo contrário, ele se transforma numa ferramenta de seleção, de exclusão. Ao dimensionar o campo da educação no interior dessa relação, fica evidente que ela não pode ser pensada de forma isolada desse contexto, tampouco podemos acreditar que a mesma se reduza aos meros aspectos de ensino-aprendizagem.

Pelo contrário, além de ser um espaço de aperfeiçoamento das tecnologias de exclusão, reflete saberes e poderes que vão se estabelecendo, a partir de determinados momentos e espaços históricos, sociais, políticos e econômico de uma sociedade, na medida em que, segundo Foucault (2002, p. 12):

A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos, no entanto que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo.

Ao iniciar uma discussão sobre a educação como uma ponte para inclusão, devemos compreender as contradições que se instauram durante esse processo, pois se pautam em discursos de intervenção institucional, “associados ou não a aspectos como gênero, raça, regionalidade, minorias sociais, deficiência, desemprego e analfabetismo” (OSÓRIO, 2007 p.302)

Essa fragmentação da população contribui para que sejam criadas estratégias, leis, programas, políticas públicas que remediam tais problemáticas, porém não se consideram a sociedade e as relações sociais que se estabelecem como um todo, não se cria uma política para a população, mas neste caso uma política educacional que enfatiza as diferenças, que segundo Osório (2007, p. 303), pode ser observado quando,

Recortando a história, em passagens, destaca-se a educação como um dos meios tecnológicos mais eficientes de domínios e controles, cujos propósitos têm que ser compreendidos não só no universo limitado das práticas pedagógicas, mas, acima de tudo, como um campo de convergência de ordens, nem que não sejam cumpridas, destacando-se, que, enquanto um meio, o Estado intervém não em nome de uma educação melhor ou pior, mas como um campo gerador de outros interesses e doutrinador da ordem social estabelecida, sob a tutela da “guarda” por algumas horas do dia.

Portanto, este estudo buscará problematizar, a partir dos discursos oficiais do Programa Mulheres Mil, e dos modos de subjetivação da ação implantada pelo governo federal, a compreensão que as participantes têm da proposta e de que forma e geram rupturas em suas condições de vida , tendo, como suporte de análises, parte dos pressupostos teóricos e metodológicos de Michel Foucault.

Para tanto, a dissertação se divide em quatro seções. A primeira consiste em discorrer sobre o referencial teórico, os objetivos, o planejamento da pesquisa, métodos e técnicas utilizadas. Na segunda seção iniciamos um aprofundamento no Programa Mulheres Mil, e o que está posto em seu discurso oficial, refletindo o papel do estado e sua governabilidade.

A terceira seção discute a concepção de sujeito, os modos de subjetivação, a constituição de subjetividade a partir da proposta do programa. As considerações finais discorrerá sobre alguns pontos destacados na pesquisa e fazemos uma reflexão a partir das discussões apresentadas no desenvolvimento do trabalho.

2 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO: O PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa teve como objetivo inicial problematizar, a partir dos discursos oficiais do Programa Mulheres Mil e dos modos de subjetivação dessa iniciativa do governo federal, a compreensão da proposta, pelas participantes do Programa e verificar se houve rupturas em suas condições de vida.

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, além de nos apropriarmos de parte dos referenciais teóricos e metodológicos de Michel Foucault, foi necessário (re)pensarmos os limites e possibilidades desses pressupostos, conforme pontuado neste Capítulo.

2.1 Reflexões e apoderamentos em Michel Foucault: desafios e possibilidades

Segundo Foucault, uma das primeiras questões que o pesquisador deve considerar, ao realizar uma pesquisa, é a impossibilidade de este se enquadrar em uma corrente filosófica específica; esse autor cita, como exemplo, a sua trajetória, em que abandonou tal postura e não se prendeu a uma ou outra abordagem.

O autor considera a liberdade de escrita desvencilhada de uma pretensão de se delimitar a um conhecimento específico. Na passagem do livro *A Arqueologia do Saber* (2014) ele propõe: “não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livre quando se trata de escrever.” (FOUCAULT, 2014, p. 21)

Essa postura exige, então, de seus leitores que a apreensão dos seus estudos rompam com uma visão de enquadramento e com o desejo de encaixá-los precisamente em uma corrente de pensamento. Dreyfus & Rabinow (2013) reforçam a ideia dessa impossibilidade de limitar o trabalho de Foucault a uma linha teórica específica, uma vez que, em suas obras, o mesmo modo como podem ser observadas algumas aproximações, também existem claros distanciamentos.

Osório (2010, p. 100) considera que:

É importante mencionar que seus escritos não se encontram circunscritos ao âmbito de qualquer disciplina delimitada. Seus questionamentos partem dos próprios pressupostos das delimitações, são apenas contingentes e históricos, e em alguns escritos são adotados diversos períodos das práticas sociais, quando- por exemplo- ele visita o final do século XVIII e início do século XIX; ou ainda os gregos e a

atualidade com o propósito de identificar elementos que explicitam outras relações, imperceptíveis pelas páginas do tempo.

Sobre esse assunto, Foucault deixa claro que não é seu objetivo definir sua proposta investigativa a determinadas abordagens e até se diverte com os diferentes julgamentos que o interpelam, como podemos ver:

É verdade que não gosto de me identificar e que me divirto com a diversidade dos julgamentos e das classificações de que fui objeto [...] e, como não posso evidentemente duvidar da competência daqueles que se atrapalham em seus julgamentos divergentes, como não é possível denunciar sua distração ou seu preconceito, é preciso se contentar em ver, em sua incapacidade de me situar, alguma coisa que tem a ver comigo. (FOUCAULT, 2010b, p. 220)

Por conseguinte, esclarecemos um dos primeiros embates na utilização de seus pressupostos: compreender que a tentativa de delimitação poderá acarretar uma interpretação inadequada de sua teoria, na qual teríamos lacunas e confusões, em vez de uma possível explicação. Entretanto, tais distanciamentos possibilitaram, em seus escritos, um entendimento de determinado objeto, não do ponto de vista de uma teoria universal, ou que o fragmente, mas uma compreensão em sua totalidade, cuja explicitação só ocorre nas investigações, por intermédio de sua construção.

Foucault parte, portanto, da premissa de que o sujeito está inserido em um determinado momento histórico, político, econômico e social e sempre em uma condição de constituinte. O mesmo não é fruto apenas de uma evolução ou amadurecimento de suas atividades, mas sim de uma construção nas relações que se engendraram ao longo dos tempos e que o tornaram sujeito pelas práticas sociais. Observemos, como exemplo, um dos trechos transcritos do Mapa da Vida (Anexo F).

D. Maria e João. Aquidauanense pegaram-me aos 6 anos para levar para São Paulo para criar como filha chegando lá me tornei escrava, aos 6 anos lavava roupa no frio e na chuva da grande São Paulo. Mas precisamente na Vila Mariana. Vim passear 4 anos depois e ver meus pais e não voltei mais.

Eu Dália 50 anos. Estudei a 5ª série, não terminei a sexta por problemas de saúde, os pais antigamente achavam que bastava assinar o nome.

Terminei de ser criada por D. Ana e trabalhava lá, lá aprendi o bom gosto por casas limpas e bem arrumadas e também aprendi a cozinhar e o bom por pratos enfeitados e plantas e mesas bem postas e bonita.

Fazenda, casamento, conheci a primeira fazenda Santana, sofrimento primeira filha Luiza separação, fome miséria, filho morto: Mario Luis não esqueço. Eliane Cristiane gêmeas, Pedro o caçula todos criados. Luta conheci a vida dura implacável, aprendi a lei da sobrevivência. Vitória filhas criadas e formadas cada uma com sua casa própria, filho peão de campo. Sobrevivi e estou aqui nas Mulheres Mil, o que me restou doença. Diabete, muitas varizes. Mas foi bom, aprendi a trabalhar, a ter responsabilidade e dar valor a vida e posso passar a meus filhos e netos o valor do trabalho e honestidade.

Gostaria de ter estudado mais, pois hoje em dia faz-me falta. Meu propósito voltar a estudar ano que vem, Mulheres Mil fez-me que ainda sou capaz de aprender. (DÁLIA – participante da pesquisa).

Essas relações possuem como fator elementar o poder que gera um saber; todavia, vale ressaltar que, para Foucault, não são o poder e o saber as suas preocupações, mas o sujeito, este, sim, é o tema central de sua pesquisa (FOUCAULT, 1995). Esse sujeito que se torna o objeto de estudo, só pode ser compreendido no momento em que o entendemos como um sujeito que produz e é produzido, ao mesmo tempo, por um conjunto de poderes e saberes, na condição de verdades que se instituem pelos discursos, se transformam em acontecimentos e se esgotam, em um tempo e espaço, pois

[...] o poder não é, justamente, uma substância, um fluído, algo que decorreria disto ou daquilo, mas simplesmente na medida em que se admita que o poder é um conjunto de mecanismos e de procedimentos que têm como papel ou função e tema manter - mesmo que não o consigam - justamente o poder. (FOUCAULT, 2008 p.4).

É o que podemos constatar no relato de Dália, em uma sucessão de eventos e infortúnios, nos quais ela se considera uma sobrevivente. Em diversos momentos esse sujeito fora interpelado por relações e práticas até mesmo perversas, mas que se tornaram um conhecimento, como ela mesma relata, “a lei da sobrevivência”, em que obteve “vitória”, e a constituíram como pessoa.

Para Foucault (1995), o poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. (FOUCAULT, 1995, p.235).

Ainda de acordo com a discussão de Foucault sobre poder, este se faz presente em todas as relações, seja entre dominador ou dominado, seja ele intencional ou não. Cria-se, de certa forma, um ciclo no qual inserem todas as relações que, direta ou indiretamente, inserem-se no cerne das relações de poder. O termo poder designa relações entre parceiros (entendendo-se por isto não um sistema de jogo, mas apenas - e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade - um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras). (FOUCAULT, 1995, p. 240).

Um segundo fator importante, na compreensão dos referenciais foucaultianos, está relacionado à verdade, mais precisamente aos jogos de verdade. Para Revel (2005), trata-se de reconstituir uma verdade produzida pela história e isenta de relações com o poder, identificando ao mesmo tempo as coerções múltiplas e os jogos, na medida em que cada

sociedade possui seu regime de verdade. Assim, é necessário compreender que não existe uma verdade única, mas verdades que, para serem estudadas, deverão ser analisadas através do meio em que estão inseridas e dos elementos que as atravessam.

Para tanto, é preciso que nos valhamos de duas ferramentas utilizada por Foucault em seus estudos: a arqueologia e a genealogia, destacando que, segundo o autor, a arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí se desprendem. Tudo isso para reconstituir o projeto de conjunto (FOUCAULT, 2010c, p 11).

Esses aspectos de cunho teórico e metodológico se encaminham para o objeto de nosso estudo, tendo a pretensão de problematizar, por meio da análise arqueogenealógica, os discursos oficiais e os modos de subjetivação acerca do Programa Mulheres Mil, de como as participantes compreendem os objetivos dessa política pública e de que forma a iniciativa gera rupturas em suas condições de vida.

2.2 Para além de uma metodologia de investigação: arqueogenealogia do Programa Mulheres Mil

Foucault, em suas obras, desenvolve três movimentos que se tornam ferramentas de investigação: arqueologia, genealogia e ética. Esta pesquisa, de caráter empírico, terá como referência para investigação os princípios arqueológicos e genealógicos. Segundo Guareschi e Huning (2009, p. 175-175):

A arqueologia e a genealogia foucaultiana nos apresentaram análises de como determinadas práticas foram historicamente produzindo rupturas, demarcação de campos discursivos e saberes oficiais sobre os sujeitos, enredados em campos de exercício de poderes. A proposta foucaultiana de construção de uma história do presente desconstrói verdades acatadas e possibilita a produção de novas articulações na análise do que nos tornamos e de nossas práticas.

Cabe mencionar que os estudos de Foucault não seguem uma linearidade metodológica, cujo método ou técnica não podem ser delimitados de forma simples sem que tenhamos, primeiramente, compreendido o que de fato queremos analisar/estudar. De acordo com Osório (2010, p. 109-110):

Ao apropriar-se dos princípios epistemológicos, neste caso de Michel Foucault, o pesquisador necessita de uma clara compreensão de fatos sociais concretos, como comportamentos, lutas, motivos que estabeleceram conflitos, decisões tomadas e táticas utilizadas, sempre enfatizando as estratégias e técnicas recorridas frente ao fenômeno em estudo.

Desse modo, reforçamos que o intuito deste estudo não é o de analisar a instituição executora, nem a função do Programa Mulheres Mil, mas sua operacionalidade, de modo de possamos esmiuçar o movimento pelo qual perpassam, considerando as relações que se estabelecem e os sujeitos envolvidos, por meio das ferramentas de investigação da arqueologia e da genealogia. Tais ferramentas nem sempre estarão unidas, no desenvolvimento da pesquisa, porém se complementarão para evidenciar as problematizações e reflexões que surgiram com referência ao objeto de estudo.

Com base nesses princípios, adotamos, como procedimentos de investigação, as seguintes etapas:

- a) Análise dos documentos oficiais referentes ao Programa Mulheres Mil;
- b) elaboração do roteiro semiestruturado de entrevista;
- c) validação das perguntas definidas, por intermédio de testagem entre os sujeitos, que não compuseram a amostragem da parte empírica;
- d) definição da amostragem, totalizando 22% das participantes que concluíram os cursos ofertados no ano de 2013;
- e) elaboração de um roteiro de entrevista com a coordenadora local do Programa Mulheres Mil;
- f) transcrição das entrevistas, preservando a identidade das entrevistadas;
- g) discussão e reflexão a partir dos elementos defrontados durante o desenvolvimento da pesquisa.

2.2.1 Busca e análise dos documentos oficiais

As análises dos documentos oficiais constituíram um processo primordial no desenvolvimento deste estudo, pois permitiram a reconstituição parcial dos discursos oficiais, e favoreceram a compreensão de como se tecem as relações entre o proposto e o executado pelo Programa Mulheres Mil.

Foucault (2008, p. 31) propõe, ao realizar a análise dos discursos, que nos libertemos do tema de continuidade, das tradições e da busca de agrupamentos e recortes que nos são habituais, para assim compreender as complexas redes de relações que se enredam em determinado discurso.

A análise do campo discursivo [...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua

existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.

A análise dos discursos oficiais do Programa Mulheres Mil não busca o marco que surgiu em determinado discurso de forma repentina, mas sim em qual meio e situações emergiu, determinando suas condições de existência e operacionalização.

É válido ressaltar que o entendimento dos textos legais se dá pela possibilidade de sentidos que cada pessoa pode ter em uma sociedade historicamente determinada no espaço e no tempo, com percepções e visões nas quais são associadas noções e ideias que fogem do estrito sentido da letra fria da lei. (SPINK, 2014 p. 222).

Nesse contexto, para referenciar a busca pelos documentos oficiais, utilizamos os sítios¹ do governo federal: portal MEC, Programa Mulheres Mil e Brasil Sem Miséria, em que são disponibilizados diversos documentos referentes à proposta dessa política pública.

Outra fonte de informação foi a coordenação local do Programa, que respondeu a um questionário semiestruturado, encaminhado via *e-mail*, sobre alguns subsídios decorrentes da execução do programa, além de disponibilizar os projetos dos cursos ofertados, bem como o material produzido pelas participantes durante as atividades dos cursos, denominados de Mapa da Vida e os contatos telefônicos das concluintes do ano de 2013.

Considerando a metodologia do Programa Mulheres Mil, que se pauta no Sistema de Avaliação e Reconhecimento dos Saberes, sistema adaptado a partir da “Cooperação Internacional Brasil-Canadá, em parceria com a Associação das Faculdades Comunitárias Canadense (ACCC), realizamos contato via e-mail com a Coordenação-Geral de Cooperação Técnica Bilateral (CGCB) do Ministério das Relações Exteriores, para busca de documentos referentes à Cooperação Internacional Brasil-Canadá, na tentativa de identificar os elementos contidos nos discursos metodológicos no Programa, as relações que tecem uma rede de saberes e os elementos que se atravessam em sua composição.

Foucault chama a atenção, em sua obra **A ordem do Discurso** (2012), para que o pesquisador tome as seguintes decisões: “interrogar a vontade de verdade, restituir ao discurso o seu caráter de acontecimento e abandonar a soberania do significante”. (FOUCAULT, 2012, p. 14), como princípios de investigação que servem para orientá-la, propondo elementos como a inversão, descontinuidade, especificidade e a exterioridade dos discursos. (FOUCAULT, 2012, p.14-15).

¹ www.portal.mec.gov.br/, www.mulheresmil.mec.gov.br/ e www.brasilsemmiseria.gov.br

O princípio de inversão torna-se necessário para identificar um jogo negativo de um recorte e de rarefação do discurso, a partir das figuras do autor, da disciplina e da vontade de verdade. E, para continuidade da investigação, é importante se apoderar do princípio de descontinuidade, no qual os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam e que, às vezes, se justapõem, mas que também se ignoram e se excluem (FOUCAULT, 2012, p. 14).

Outro princípio relevante para o investigador arqueológico é o da especificidade, em que se busca para além das aparências de um discurso, de modo a desfazer suas significações prévias. Por fim, o princípio da exterioridade, no qual se pesquisa não o interior e núcleo de um discurso, mas vai até suas condições externas de possibilidades, buscando as noções de acontecimentos, a de série, regularidade e a condição de possibilidades (FOUCAULT, 2012, p. 15).

Outra ferramenta metodológica da qual nos apropriamos no decorrer da pesquisa foi o movimento genealógico. A genealogia não se opõe à história e se opõe ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Ela se opõe à pesquisa de origem. (FOUCAULT, 2015).

Assim, a análise genealógica reconstitui todo um conjunto de alianças, de interlocuções, que evidenciam as sustentações dessas relações. Foucault (2009) evidencia três princípios metodológicos que utilizou em seus estudos: o primeiro seria passar por fora da instituição para substituí-la pelo ponto de vista global da tecnologia do poder; o segundo seria substituir o ponto de vista interno da função pelo ponto de vista externo das estratégias e táticas e, por fim, recusar-se optar por um objeto já pronto. Destarte, para início das análises, baseamo-nos nestes documentos:

- Portaria nº 1.015 de 21 de julho de 2011²;
- Programa *Mulheres Mil*³;
- Guia metodológico⁴;
- Projeto Mulheres Mil - Curso de Confecção de Faixa Pantaneira e Empreendedorismo - Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) - Câmpus Aquidauana⁵;
- Mapa da Vida⁶;

² Fonte: <http://portal.mec.gov.br/>

³ Fonte: <http://portal.mec.gov.br/>

⁴ Fonte: <http://portal.mec.gov.br/> e <http://mulheresmil.mec.gov.br/>

⁵ Fonte: Coordenação Local Programa Mulheres Mil- câmpus Aquidauana

⁶ Fonte: Coordenação Local Programa Mulheres Mil- câmpus Aquidauana

- Programa Brasil-Canadá para Promoção da Equidade / Folheto 1-7⁷;
- Cartilha PRONATEC/MMIL⁸.

2.3 As entrevistas e a caracterização dos sujeitos da pesquisa

Para subsidiar a pesquisa no que se refere à coleta dos dados, utilizamos entrevista semiestruturada a fim de conhecermos a percepção das participantes sobre os principais objetivos do Programa Mulheres Mil. Também são de extrema importância a tentativa de identificar as relações de governabilidade entre o proposto e executado pelo projeto e reconhecer as técnicas de si, nas relações de trabalho destas estudantes, posteriormente à conclusão do curso.

Para tal, elaboramos um roteiro (cf. Anexo B) com base em algumas informações contidas nos documentos elaborados pelo Governo Federal referente ao Programa Mulheres Mil e o projeto em execução no município de Aquidauana, tendo como referências seus objetivos, metas, proposta metodológica e resultados esperados.

Para o levantamento do *corpus* das linguagens produzidas nos discursos das egressas do Programa, foram utilizados os resultados dos questionários das entrevistas, enfatizando que os saberes destas fontes não constam apenas de demonstrações, mas podem estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais e decisões políticas. (FOUCAULT, 2008, p. 205).

As entrevistas foram realizadas com as egressas do Programa, que no ano de 2013 somavam 83 concluintes. Foram realizadas 19 entrevistas com concluintes dos cursos de Confecção de Faixa Pantaneira e de Empreendedorismo. Para seleção dos sujeitos das entrevistas utilizamos, como critério, a conclusão do curso e a aceitação para participar da entrevista já na primeira tentativa por contato telefônico.

Com base em uma lista com os nomes das estudantes que concluíram os cursos e seus respectivos telefones, realizamos o contato e informamos o objetivo da entrevista, indicando as possíveis datas para sua realização, sondando sobre a disponibilidade no dia e horário sugeridos. Como os números dos telefones foram repassados no ano de realização dos cursos, ou seja, 2013, cerca de 50% dos números indicados apresentaram a mensagem de voz da operadora como telefone desligado ou inexistente.

⁷ Fonte: Ministério das Relações Exteriores

⁸ Fonte: <http://www.brasilsemmiseria.gov.br>

Além dessa dificuldade, alguns contatos conseguidos não atenderam a chamada nem deram retorno à ligação. Conseguimos entrar em contato com três participantes por meio de uma das entrevistadas, uma vez que algumas colegas do curso eram suas vizinhas, e, dessa forma, informaram os endereços.

As entrevistas foram realizadas nas casas das próprias participantes, para onde nos deslocamos no dia e horário marcados previamente. No início das entrevistas, líamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A) para a entrevistada, a fim de confirmar a disposição e interesse em participar da pesquisa.

Cabe ressaltar que nem sempre havia condições adequadas para realização das entrevistas, haja vista que nos deparamos, em alguns casos, com situações como: vergonha do sujeito em participar de uma entrevista com gravação em áudio ou apenas pelo fato de participar de uma entrevista, como foi manifestado por Rosa na sua entrevista: “mas você sabe que por conta da minha escolaridade fico com vergonha de responder muita coisa”.

Outra dificuldade foram os ruídos externos, em decorrência do fato de a maioria das entrevistas serem realizadas no lado externo da casa (varanda, quintal ou na calçada). Com Verônica, a entrevista foi realizada no quintal de sua casa, separado da casa do vizinho apenas por uma cerca de arame. Desse modo, o volume do som que o vizinho ouvia interferiu na qualidade da entrevista.

Ocorreu, também, em algumas entrevistas, a interrupção de terceiros (filhos, cônjuges e vizinhos). Com as participantes Acácia, Açucena, Azálea e Perpétua, mesmo que tenhamos solicitado um espaço mais reservado, o cônjuge ou algum outro familiar da participante, ainda que sem interferir, permanecia no local ou bem próximo de onde se encontravam a pesquisadora e a participante, inibindo, desse modo, uma participação efetiva de ambas. Das 19 (dezenove) entrevistas realizadas, apenas 7 (sete) foram realizadas sem interrupções.

Todas as entrevistadas autorizaram a gravação em áudio das entrevistas, que posteriormente foram transcritas. As participantes foram identificadas com nomes fictícios, garantindo total sigilo de suas identidades, bem como de seus cônjuges, filhos, parentes e conhecidos.

No roteiro da entrevista incluímos um campo para registro dos dados de identificação e caracterização das participantes como: nome, idade, escolaridade, filhos, profissão, beneficiário do Programa de transferência de renda do governo. Entre as entrevistadas, como pode-se verificar no Quadro de Caracterização das Entrevistadas (anexo E).

Do total de 19 entrevistadas, 9 concluíram o curso de Empreendedorismo e 10 o curso de Faixa Pantaneira. Dentre essas, o nível de escolaridade configurou-se em 11 entrevistada com Ensino Fundamental Incompleto, 2 participantes com Ensino Fundamental Completo, 3 possuíam Ensino Médio Incompleto e 3 participantes haviam concluído o Ensino Médio.

Com relação ao estado civil, 8 declaram estar em uma união estável, 5 são casadas e 6 entrevistadas estão solteiras. Entre as profissões destacam-se: “do lar”, com 5 entrevistadas e “autônomas”, com 3 participantes; uma delas é refiladora aposentada e as outras informaram estar trabalhando como cozinheira, costureira, merendeira, faxineira, diarista, empregada doméstica e manicure. Com relação ao benefício social, 16 entrevistadas informaram que recebem, atualmente, algum benefício de transferência de renda do governo. As idades das participantes das entrevistas variaram entre 27 a 61 anos.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROGRAMA MULHERES MIL

O Programa Mulheres Mil foi instituído pela Portaria nº 1.015/2011 do Governo Federal. Visa à formação profissional e tecnológica articulada com a elevação de escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade social, além de ser uma ação que integra o Plano do Brasil sem Miséria, instituído, também, no ano de 2011, por meio do Decreto número 7.492 e possui como principais objetivos: elevar a renda e as condições de bem-estar da população, aumentando o acesso da população em situação de extrema pobreza aos serviços públicos e às oportunidades de ocupação e renda, através de ações de inclusão produtiva.

É importante ressaltar que o Plano do Brasil sem Miséria operacionaliza suas ações através da construção de políticas para alcançar os brasileiros mais vulneráveis, mais distantes, mais abandonados pelo Estado e mais excluídos pela sociedade. (BRASIL, 2014c p. 34).

Entre essas políticas encontram-se programas como Bolsa Família (destinado à transferência de renda, para a população com renda per capita inferior R\$70,00), Brasil Carinhoso (transferência de renda para custear despesas com a manutenção e desenvolvimento da educação infantil), Programa Água para Todos (universalização do acesso a água em territórios rurais), Programa Bolsa Verde (fomenta o pagamento para famílias que promovem ações de conservação ambiental onde vivem ou trabalham), Brasil Sorridente (promoção e prevenção da saúde bucal), PRONATEC e o Programa Mulheres Mil.

Nesse contexto, utilizando o princípio de especificidade da análise arqueológica e dos pressupostos foucaultianos, questionamos sobre a função do Plano do Brasil sem Miséria, e, conseqüentemente, do Programa Mulheres Mil como uma política social de erradicação da pobreza, não em busca de uma verdade, mas das intenções encobertas pelos discursos. Para tanto, foi necessário rever o papel do Estado. Para Foucault (2008), [...] a razão do estado é uma relação consigo mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 369-370).

Ainda para esse autor,

O Estado é o que deve estar no fim da operação de racionalização da arte de governar... é o princípio de inteligibilidade do que é, mas também o que deve ser. Quero dizer que, antes de mais nada, o Estado é, essencialmente a ideia reguladora dessa forma de pensamento, dessa forma de reflexão, dessa forma de cálculo, dessa forma de intervenção, que se chama política (FOUCAULT, 2008a, p. 385).

O Estado constitui-se uma instituição na qual deve gerir o poder público, a população, os serviços a ela ofertados, porém, esse mesmo Estado que deve estar a serviço da população, em suas relações, articula de acordo com o poder vigente e administra não apenas o social, mas também o capital, os bens, territórios, comércio, buscando a manutenção do poder.

A arte de governar vai consistir, não em restituir uma essência ou em permanecer fiel a ela, vai consistir em manipular, em manter, em distribuir, em restabelecer relações de força, e relações de força num espaço de concorrência que implica crescimentos competitivos. Em outras palavras, a arte de governar se desenrola num campo relacional de forças. (FOUCAULT, 2008a, p.419-420)

Osório (2003) relata que o governo não é, independentemente de ideologias e agremiações partidárias, a simples instrumentalização da força de um Estado cada vez mais compacto, mas uma figura original de poder, articulando técnicas e estratégias específicas de saber, controle e de coerção. Assim, ao pensarmos o Estado devemos compreender que o mesmo não é uma instituição neutra, ele constitui-se a partir de um campo de forças, de verdades, de relações de poder que se engendraram ao longo da história.

O poder aqui discutido não está apenas no campo de dominação, de soberania, mas se trata de uma estratégia que emana de todos os lugares. Como nos mostra Foucault (1988), a análise do poder deve abranger a multiplicidade de correlações de força, do jogo, que por meio das lutas e afrontamentos as transforma, reforça, inverte, o apoio que tais correlações de forças encontram uma nas outras.

Para manter o controle sobre a população, o Estado adota estratégias e técnicas, de forma que a partir de diferentes mecanismos de controle social, estabelecem relações de saber-poder. O Estado é a instituição propriamente dita, culturalmente entendida como gestor público e responsável pela guarda da sociedade a qual abriga, criando e implementando programas, políticas e leis que regem a ordem de uma dada conduta social. (OSÓRIO, 2010, p.123).

O Programa Mulheres Mil, muito mais que uma política pública para suprir a demanda de uma população específica, vem ao encontro das necessidades do Estado, por meio de estratégias e táticas que promovam o alcance de seus objetivos; tais relações se articulam ou se atravessam, constituindo novos saberes e novos sujeitos.

O mapeamento dos principais elementos que caracterizavam a extrema pobreza serviu como um diagnóstico para a definição do que deveria ser considerado na construção do Brasil sem Miséria. As diferenças regionais apontavam para a necessidade de criação de estratégias específicas para além das ações de caráter universal; a parcela significativa de crianças e adolescentes demonstrava a necessidade de repensar as políticas de transferência de renda e, ao mesmo tempo,

pensar ações de inclusão produtiva dos adultos que aliassem rapidez e efetividade. (BRASIL, 2014c, p. 40).

Assim, compreendemos que o papel do governo deve ser o de buscar perfeição, maximização ou intensificação dos processos que ele conduz; desse modo, os instrumentos do governo, em vez de serem leis, serão diversas táticas (FOUCAULT, 2008a p. 332).

Essas táticas, em conjunto com estratégias, cálculos, programas e políticas públicas constituem-se um fenômeno que tem como foco a população. Esses instrumentos empregados pelo Estado é o que Foucault denominou de saber econômico e dispositivos de segurança.

Por esta palavra “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer esta forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança.(FOUCAULT, 2008a, p.143).

Observamos, portanto, que o programa se insere nas políticas públicas de combate à pobreza, mais especificamente no eixo de Inclusão Produtiva Urbana do Plano Brasil sem Miséria, que visa ampliar as oportunidades de trabalho e renda para a população mais pobre, como aponta o documento Brasil sem Miséria (BRASIL, 2014c p. 35), em que a última das inflexões foi a criação de estratégias voltadas para ampliar a inclusão econômica dos adultos em situação de pobreza e de extrema pobreza, baseada na criação de oportunidades para emprego e empreendedorismo.

Quadro 1: Síntese da formulação do eixo de Inclusão Produtiva (eixo, dificuldades e demandas, estratégias)

Inclusão Produtiva Urbana	Dificuldades dos empreendedores individuais que já tinham ou queriam iniciar um negócio próprio	Ampliação da formalização dos mais pobres como Microempreendedores Individuais
	Aumento do acesso a cursos de qualificação de mão de obra visando melhores colocações no mercado de trabalho	Garantir a participação dos mais pobres em cursos de qualificação profissional do Pronatec Brasil sem Miséria
	Ampliação do apoio a cooperativas e associações de economia solidária	Aumento dos recursos disponíveis para as ações de fomento a projetos de economia popular e solidária

Fonte: Brasil, 2014a.

Como uma estratégia de combate à pobreza no âmbito da inclusão produtiva urbana, o Estado se utiliza de recursos que possam inserir a população mais pobre em ações de qualificação profissional, incentivando o empreendedorismo e a economia solidária.

Assim, cabe-nos discutir aspectos relacionados à população que se encontra na linha da extrema pobreza. Nos discursos oficiais do Programa Mulheres Mil as mulheres pertencentes a esse tipo de população são consideradas em situação de vulnerabilidade social, populações não tradicionais, moradoras de comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano e/ou de baixa-renda.

3.1 Pobreza e Estado: marcas de uma governamentalidade

O Programa Mulheres Mil tem como público alvo mulheres de baixa renda, e faz parte de um conjunto de políticas destinadas ao combate da extrema pobreza. Primeiramente devemos compreender que pobreza não significa apenas a ausência de condições financeiras, mas prevê diversos fatores e relações históricas e culturais que compõe um campo de saber, no qual se estabelecem diversas técnicas e estratégias, acerca desse conhecimento. Curado (2013, p. 103) faz a seguinte observação:

Trataremos a população pobre, não como um conjunto de indivíduos infortunados, excluídos, vulneráveis e sim como um campo de intervenção e objeto da técnica de governo que irá dispor e conduzir as coisas, que podem produzir efeitos econômicos específicos e ter regularidade própria, com suas taxas e índices de renda, empregabilidade, escolaridade entre outras.

Nesse sentido, observamos que por meio desse conhecimento, técnicas e estratégias, o Estado, de modo geral, passa a ter um controle maior dessa população. Por estarem incluídas nos grupos, nos registros oficiais, no mercado de trabalho, nas cotas de bolsa-assistência, na escola etc., as pessoas tornam-se alvos fáceis das ações do Estado. (LOPES, 2009, p. 155).

O Programa Mulheres Mil, ao delimitar em sua proposta que as participantes devam ser moradoras de comunidades integrantes dos Territórios da Cidadania e/ou com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (BRASIL, 2014e) utiliza-se de indicadores pré-estabelecidos para quantificar, classificar e cadastrar uma parcela da população, uma forma de tornarem público-alvo de determinadas políticas desenvolvidas e aplicadas pelo Estado.

Sob a coordenação da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC), a partir da oferta de cursos de qualificação

profissional, busca-se a elevação de escolaridade e inserção no mercado de trabalho de mulheres de comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano.

O Programa possibilita que mulheres moradoras de comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano, sem ao pleno acesso aos serviços básicos tenham uma formação educacional, profissional tecnológica, que permita sua elevação de escolaridade, emancipação, e acesso ao mundo do trabalho, por meio do estímulo ao empreendedorismo, às formas associativas solidárias e a empregabilidade. (BRASIL, 2013, p. 01)

O discurso oficial do Programa informa que não basta apenas ofertar a formação profissional e o desenvolvimento do empreendimento solidário, mas há necessidade de apoiar e dar suporte técnico às educandas para estabelecer a conexão com os processos de comercialização e *marketing*. (BRASIL, 2014d, p. 34).

De acordo com Lopes (2009), o Estado tem de lançar mão de determinadas estratégias educacionais, de preferência articuladas com o próprio mercado, para que outras formas de subjetivação constituam os sujeitos de modo a dirigi-los em favor do mercado.

A promessa da mudança de *status* dentro de relações de consumo — uma promessa que chega até aqueles que vivem em condição de pobreza absoluta —, articulada ao desejo de mudança de condição de vida, são fontes que mantêm o Estado na parceira com o mercado e que mantêm a inclusão como um imperativo do próprio neoliberalismo. (Lopes, 2009 p. 167).

Porém, nesse viés de atuação, é possibilitado, ao sujeito, o conhecimento teórico e prático, e caberá a ele aplicá-lo ou não, efetivar seu trabalho, a fim de garantir sua renda e melhorar sua condição de vida.

[...] o problema é, nesse momento, sem olhar mais longe e, por conseguinte, sem ter de fazer todas essas investigações burocráticas, policiais, inquisitórias, conceder-lhe um subsídio tal que o mecanismo pelo qual [ele] lhe é concedido o estimule a voltar ao nível do patamar e ele se sinta suficientemente motivado, ao receber assistência, para ter vontade, apesar de tudo, de passar de novo acima do patamar. Mas, se não tem vontade, não tem a menor importância, ele permanecerá assistido. (FOUCAULT, 2008b, p. 282).

Portanto, é necessário refletir sobre as políticas públicas de combate à pobreza e, também, se as mesmas atendem à demanda da população ou cumprem com os objetivos do Estado. É importante, ainda, compreender que a pobreza é resultante de uma herança patrimonial autoritária, da inserção precária de trabalhadores no mercado de trabalho, da seletividade de acesso às políticas de proteção e da insuficiência de renda, mesmo para os trabalhadores da ativa. (IVO, 2008, p.1122).

3.2. Fundamentos e operacionalização do Programa Mulheres Mil

Para operacionalização de suas ações, o Programa se baseia na metodologia do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito, no qual se aplica o Sistema de Avaliação e Reconhecimento dos Saberes. Este sistema foi adaptado a partir da Cooperação Internacional Brasil-Canadá, em parceria com a Associação das Faculdades Comunitárias Canadense (ACCC). A Cooperação Internacional Brasil-Canadá esteve em vigor no período de 2005-2010 e possuía como temas transversais: equidade de gênero e etnia e gestão ambiental. Para compreender melhor o que foi essa cooperação e como foi articulada, buscaram-se documentos que pudessem subsidiar a compreensão desse processo.

Em uma pesquisa geral no site de buscas pela internet, não foram encontrados dados oficiais, a não ser que a cooperação foi articulada pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), órgão ligado ao Ministério de Relações Internacionais. Assim, foi possível, através do *e-mail* disponibilizado no *site* do Itamaraty⁹, o contato com o responsável pela ABC, a fim de que nos fornecessem informações a respeito da Cooperação Brasil-Canadá e do PIPE.

Por meio do contato foram fornecidos, via *e-mail*, 6 (seis) folhetins publicados pela Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA). Esses folhetins continham o seguinte: Folhetim 1 - Informações Gerais; Folhetim 2 – PIPE - Express (Iniciativas de curto e médio prazos); Folhetim 3 – PIPE - Iniciativas de Longo Prazo; Folhetim 4 – PIPE - Multiplicação e Disseminação; Folhetim 5 – PIPE - Intra-Brasil; Folhetim 6 – Pipe - Igualdade de Gênero e Etnia.

A execução do Programa de Conhecimento para a Promoção da Equidade (PIPE) destinou uma quantia em dinheiro para o financiamento de projetos e ações que pudessem contribuir para consecução de uma maior equidade no Brasil, de modo que ao mesmo tempo reforçassem as relações bilaterais Brasil-Canadá (Folhetim 1). Para ter acesso ao financiamento de projetos, foram estipuladas 6 (seis) áreas, denominadas de janelas, para submissão e aprovação de iniciativas que atendessem a cada objetivo.

A primeira foi PIPE-*Express*, destinada a iniciativas de curto e médio prazo, com menos de 2 (dois) anos, baseadas numa troca de conhecimentos entre organizações canadenses e brasileiras. Para projetos com duração de mais de 2 (dois) anos, o financiamento se enquadrava no PIPE- Longo Prazo (Folhetim 3 e 4). A terceira janela denominou-se de

⁹ <http://www.itamaraty.gov.br/>

PIPE-Multiplicação e Disseminação, o qual abrangia iniciativas que multiplicavam ou disseminavam os resultados de projetos com êxito, financiados pela CIDA.

Outra opção era o PIPE - Intra – Brasil que abarcava projetos baseados em uma troca de conhecimentos entre regiões e/ou organizações brasileiras (Folhetim 5). Como quinta alternativa, surge o PIPE - Igualdade de Gênero e Etnia, que financiava iniciativa que contribuíssem para o aumento da igualdade de gênero e étnica no mundo do trabalho (Folhetim 6).

Além dessas janelas, foi aberta PIPE - Cooperação Trilateral, que teve como objetivo apoiar o papel crescente do Brasil como papel doador, ou seja, promotor de ações que contribuíssem para o desenvolvimento de países subdesenvolvidos. O folhetim 7 (sete), que continha informações mais detalhadas sobre este tópico, não foi disponibilizado. Também não conseguimos acesso ao projeto piloto do Mulheres Mil, porém sabemos que este teve a colaboração da CIDA para execução das atividades, que, a princípio, foram implantadas pelos Institutos Federais de Ciência e Tecnologia em 13 estados do Norte e Nordeste, como encontramos nos relatos dos atores envolvidos na implantação do projeto piloto do Programa Mulheres Mil. (BRASI, 2011b, p. 7):

O Mulheres Mil aconteceu no momento em que o Brasil e o Canadá estavam terminando o projeto piloto em Natal e tínhamos que construir o que seria a continuidade do projeto. Começamos a negociar com a CIDA, que inicialmente pretendia realizá-lo somente na Região Nordeste, mas comprovamos com dados estatísticos que o Norte também era uma região desfavorecida do nosso país e que merecia atenção. Então, eles concordaram e conseguimos montar o Mulheres Mil com os primeiros 13 subprojetos. E assim ele começou.

Aqui destacamos a importância dos dados estatísticos para o Estado, pois se configura como um conjunto de procedimentos para fazer as forças crescerem [...] a estatística constitui-se como o saber do Estado sobre o Estado. (FOUCAULT, 2008a).

Após a execução do projeto piloto em alguns dos estados brasileiro da região Norte-Nordeste, o Programa foi expandido para outros estados brasileiros, a partir da Portaria Nº 1.015, de 21 de julho de 2011, que define suas diretrizes:

Art. 2 O Programa Mulheres Mil constitui uma das ações do Plano Brasil Sem Miséria e terá como principais diretrizes:

- I – Possibilitar o acesso à Educação;
- II – Contribuir para redução de desigualdades sociais e econômicas de mulheres;
- III – Promover a inclusão social;
- IV – Defender a igualdade de gênero;
- VI – Combater a violência contra mulher.

No estado de Mato Grosso do Sul, o Programa Mulheres Mil iniciou-se no ano de 2011, executado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) e foi pactuado através de uma chamada pública MEC/SETEC – 01/2011, por meio de edital. Inicialmente, as atividades foram desenvolvidas pelos *campi* de Aquidauana e Nova Andradina. No ano de 2013, o Programa foi institucionalizado, iniciando o desenvolvimento das ações nos *campi* de Coxim e Ponta Porã, e no ano de 2014, o programa foi implantado em todos os *campi* do IFMS.

Em Aquidauana, no ano de 2011, o Programa foi estendido e também desenvolvido no município vizinho de Anastácio, com o curso de Panificação e Confeitaria. Esses cursos foram selecionados com base em um diagnóstico realizado por uma equipe do IFMS, do *campus* de Aquidauana, com a comunidade local, a fim de fazer um levantamento com a população sobre a preferência dos cursos a serem ofertados; os cursos majoritariamente indicados foram os da área de confeitaria e panificação. No ano de 2013 o programa foi implantado no próprio município de Aquidauana, com a oferta dos cursos de Empreendedorismo e Confecção de Faixa Pantaneira.

Para a escolha dos cursos e da população beneficiada, no ano de 2013 a instituição realizou um levantamento junto à Gerência de Desenvolvimento Social e Economia Solidária, assim como o diálogo com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município, sobre os bairros da cidade que possuíam população de baixa renda e um perfil que caracterizasse o público-alvo para a oferta dos cursos. A Coordenadora Local do Programa Mulheres Mil relatou em sua entrevista sobre o processo de implantação no IFMS, *campus* Aquidauana:

O Curso foi implantado em Aquidauana a partir de um levantamento das potencialidades e possibilidades de qualificação das mulheres em situação de vulnerabilidade social.

No ano de 2011 atendemos a uma Chamada Pública MEC/SETEC – 01/2011, porém deveríamos atuar em áreas de abrangência do território da cidadania. Por esse motivo desenvolvemos o primeiro projeto na cidade de Anastácio;

No ano de 2012 com o desenvolvimento do projeto em 2013 realizamos uma pesquisa na Gerência de Desenvolvimento Social e Economia Solidária e nos CRAS do município com o objetivo de realizar um levantamento dos cursos já ofertados e uma tentativa de identificar um indicador que pudesse diagnosticar as necessidades reais das comunidades. Nesse contexto percebemos que as mulheres em sua maioria já haviam realizado vários cursos de capacitação, porém não lhes proporcionavam essa mudança social. Identificamos também um grupo de mulheres que desenvolviam o artesanato regional, específico de nossa região pantaneira. Os dois cursos surgiram com base nesse diagnóstico. (Entrevista à Coordenadora Local, ANEXO C)

Os cursos iniciaram no dia 03 de junho de 2013 e encerraram no dia 29 de novembro desse mesmo ano. Com carga horária de 200h, continham, **na** grade curricular, as disciplinas de Português, Matemática, Educação Ambiental, Ética Profissional, História e Desenvolvimento Local, Segurança do Trabalho, Desenvolvimento Pessoal e Profissional, Informática Básica, Saúde e Qualidade de Vida da Mulher, Direito e Cidadania da Mulher, Educação Financeira, e as atividades complementares em forma de oficina: Metodologia de Avaliação e Reconhecimento de Aprendizagem Prévia (ARAP) e Mapa da Vida. Além das disciplinas comuns descritas acima, cada curso possuía uma carga horária para disciplina específica, o curso de Empreendedorismo com a disciplina de Empreendedorismo e o curso de Confeção de Faixa Pantaneira com a disciplina de Faixa Pantaneira.

As disciplinas foram ministradas por servidores do IFMS, do *campus* Aquidauana. As disciplinas para as quais não havia docentes especializados foram atendidas por meio de uma parceria com a Prefeitura Municipal, que cedeu a equipe técnica necessária, como foi o caso das disciplinas Direito da Mulher e Saúde e Qualidade de Vida da Mulher. Para a disciplina de Faixa Pantaneira foi contratado, com recursos do próprio Programa, um instrutor para ministrar os conteúdos teóricos e práticos relacionados à confecção da Faixa Pantaneira.

As informações sobre a área de atuação de cada curso ministrado no ano de 2013 são descritas nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Empreendedorismo na Modalidade Formação Inicial Continuada (FIC) e de Confeção de Faixas Pantaneiras na Modalidade Formação Inicial Continuada (FIC).

Área de Atuação Empreendedorismo

A estudante concluinte do Curso de Empreendedorismo na modalidade FIC poderá atuar no acompanhamento das diferentes atividades associadas aos instrumentos, técnicas e estratégias utilizadas na busca da qualidade, produtividade e competitividade das organizações empreendedoras.

O mercado de trabalho que mais absorve este profissional da área de Empreendimentos é composto principalmente por:

- Associações de bairros e empresas públicas e privadas.

Esse profissional será capaz de realizar as seguintes atividades:

- a) Identificar oportunidades de novos empreendimentos na área de conhecimento.
- b) Fornecer conhecimentos e ferramentas auxiliares à gestão desses empreendimentos.
- c) Orientar o desenvolvimento de competências em gestão de negócios.
- d) Desenvolver o senso crítico, a percepção e identificação de estratégias inovadoras, para a aplicação dos conhecimentos no campo econômico, político e/ou social.

Área de Atuação Confeção de Faixas Pantaneiras

A estudante concluinte do Curso de Confeção de Faixas Pantaneiras na modalidade FIC poderá atuar no mercado de artesãos e ou empreendimentos próprios. O mercado de trabalho que mais absorve este profissional da área de Confeção de Faixas Pantaneiras é composto principalmente por:

- Associações de artesões e ou empresas públicas e privadas
 - a) Esse profissional será capaz de realizar as seguintes atividades:
 - b) Confeccionar as faixas pantaneiras com qualidade e legitimidade.
 - c) Identificar oportunidades de novos empreendimentos na área de conhecimento.
 - d) Orientar o desenvolvimento de competências em gestão de negócios.
 - e) Desenvolver o senso crítico, a percepção e identificação de estratégias inovadoras, para a aplicação dos conhecimentos no campo econômico, político e/ou social.

Foram matriculadas 100 mulheres, no ano de 2013, com faixa etária de 18 a 65 anos. As estudantes matriculadas no curso passaram inicialmente por uma seleção em que preencheram a inscrição e um questionário socioeconômico. Posteriormente, uma equipe local do Programa Mulheres Mil analisou esses documentos preenchidos e selecionou, para participarem no curso, as candidatas com menor renda.

Observamos a seguir, através da transcrição das falas de entrevistadas, participantes do curso, referentes à questão sobre como tiveram acesso aos cursos.

Teve uma reunião na bolsa família, aí foi oferecido, fui no CRAS, foi rapidão, e quando estava esperando já chegou a ligação para confirmar a matrícula, aí estava pronto, foi rápido. (HORTÊNCIA, cf. ANEXO C)

Pelo CRAS, teve as inscrições, aí eu fiz a inscrição. (ANIS, cf. ANEXO C).

Como parte das ações do Programa inclui a permanência e o êxito das estudantes, estas receberam auxílio financeiro (bolsas), como apoio à sua formação acadêmica. No caso de Aquidauana, o valor oferecido para cada estudante, mensalmente, era de R\$ 100,00 (cem reais), durante seis meses, sendo que o pagamento da bolsa estava condicionado à frequência no curso.

Outra ação característica da metodologia do Programa Mulheres Mil, conforme apresentado no Guia Metodológico do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito, é a construção do Mapa da Vida. Utilizando alguns materiais disponibilizados (cartolina, revistas, cola, tesoura, lápis de cor), cada estudante confecciona o mapa da sua própria vida, em que expõem alguns momentos importantes ao longo de sua história, como por exemplo, família, processo de escolarização, casamento, filhos, trabalho, objetivos de vida. Em seguida, as alunas eram incentivadas a compartilhar com a turma as informações contidas no mapa. Encontram-se, no Anexo F, transcrições de alguns relatos retirados do Mapa da Vida.

A construção do mapa da vida estimula pessoas a organizar sua própria história, numa cronologia que possibilite que cada uma visualize e apresente sua trajetória global. Por outro lado, coloca o sujeito diante da perspectiva de fazer escolhas e selecionar o que quer contar e registrar, revelando os fatos marcantes, as rupturas e as pessoas significativas. (BRASIL, 2015, p.14).

A partir de dados contidos nos Projetos Pedagógicos dos cursos, disponibilizados pela coordenação local do programa, verificamos o seguinte perfil das estudantes matriculadas nos cursos ofertados no ano de 2013 no município de Aquidauana: 20% estão na faixa etária de 18 a 24 anos, 31% de 25 a 29 anos; de 30 a 29 anos estão 28%, de 40 a 49 20%, 16%; de 50 a 59 anos e acima de 60 anos encontram-se 4%. Das estudantes participantes, 74% recebem algum benefício social do estado ou governo federal.

Com relação à escolaridade, 48% das estudantes possuem o Ensino Fundamental incompleto, 5% Ensino Fundamental completo, 27% Ensino Médio incompleto, 17% Ensino Médio completo, 2% Superior incompleto e nenhuma estudante havia concluído, até então, o Ensino Superior. As estudantes, em sua maioria (95%), teria parado, em algum momento da vida, de estudar, antes de completar o Ensino Médio. Entre os motivos apontados estão o fato de precisarem trabalhar, casamento (proibição do conjugue de frequentar a aula), gravidez ou necessidade de cuidar dos filhos, família ou problema de saúde, moradia em fazenda onde não há escola próxima, e outros mais.

Não tenho muito a dizer da minha vida, do nascimento até os 7 anos de idade não me lembro nada. Com 7 anos eu morava com minha avô, depois fui morar com minha tia, depois voltei a morar com minha avô, até então nunca brinquei de boneca, tive minha infância roubada, com 8 anos de idade fui morar em campo grande onde uma mulher prometeu me dar estudo, roupas, sapatos e comida, nada disso era verdade, quando cheguei lá parecia uma prisão, eu trabalhava, não ia a escola, na verdade não sabia a onde é que eu estava, não tinha notícia da minha família, não podia atender o telefone (JASMIM - Material contido no Mapa da Vida)

Eu engraidei e não tive mais condição de estudar. (ANIS).

Portanto, muito mais do que registrar números e estatísticas, devemos refletir sobre essas condições de vida, não apenas como fatos isolados, eventos específicos, mas como situações que se apresentam com uma variedade de fatores e relações que as permeiam. Para Osório (2007, p. 307),

É necessário, portanto, reforçar a própria educação, a cultura, a economia, a ética ou a biopolítica como objetos que não podem ser um fim em si mesmos, em particularidades, num exercício reducionista, que se auto-esgotam e se auto-explicam, mas como síntese de múltiplas determinações provisórias, com possibilidades de aproximação, no sentido de compreender o sujeito em seus

complexos processos de sujeição, em suas múltiplas relações com o meio, a normalização, a regulamentação, visando uma possível adequação de sua existência, sobrevivendo naquilo que lhe é concedido.

Os recursos utilizados para consecução do Programa, até o ano de 2013, eram verbas da Lei Orçamentária Anual (LOA), por meio das quais se podiam financiar material de consumo, permanente e de terceiros, sendo que os servidores que se dedicavam ao Programa apenas agregavam o trabalho à carga horária, sem qualquer retribuição financeira. Para o ano de 2014 o programa passou a fazer parte do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), e, então, o servidor passou a cumprir carga horária extra, pela qual recebe uma bolsa financeira.

O PRONATEC foi concebido e criado praticamente ao mesmo tempo do Brasil sem Miséria e contou com uma modalidade específica para atendimento aos mais pobres. Ele viabilizou a inclusão do público em cursos de qualificação de curta duração (cursos de formação inicial e continuada, ou FIC) com características e regras próprias de mobilização, inscrição e permanência. (BRASIL, 2014c, p.55)

Portanto, políticas públicas são parte de diferentes modalidades de governo, engendradas na modernidade a fim de investir na vida e, nesse sentido, produzir os modos de subjetivação característicos do Estado moderno. (GUARESCHI; LARA; ADEGAS, 2010, p. 334). É o que discutiremos no próximo capítulo.

4 INCLUSÃO E GOVERNABILIDADE: OS SUJEITOS DA PESQUISA E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÕES

Uma das questões iniciais deste estudo foi identificar se era possível que, através do desenvolvimento dos cursos ofertados pelo Programa Mulheres Mil, acontecessem rupturas das condições existenciais das participantes, uma qualificação profissional que permitisse mudanças significativas as estudantes, e, ainda, com base no que diz o Guia Metodológico do Sistema de Acesso Permanência e Êxito, promovesse inclusão social, educacional e produtiva dessas participantes.

Chamamos de acesso o processo de aproximação e de estabelecimento de diálogo com a comunidade que resulte em inclusão das populações não tradicionais nas instituições educacionais e, conseqüentemente, sua participação efetiva no processo de formação, elevação de escolaridade e de inserção no mundo do trabalho. (BRASI, 2014d, p. 4).

Para refletir sobre tais indagações baseamo-nos em alguns princípios da genealogia, de modo que interpelaremos o nosso objeto de pesquisa, não com intuito de obter uma resposta, mas de compreendê-lo em suas inúmeras relações. A genealogia não diz respeito a uma metodologia estruturada de pesquisa, mas a um modo de interrogação que suspeita de nossos objetos de análise e questiona nossa relação com eles; constitui-se em uma metodologia de desconfiança e crítica. (GUARESCHI, 2009, p.103).

Assim, faz-se necessário esclarecer o papel da inclusão, já que esta norteia um dos objetivos das ações desenvolvidas pelo Programa Mulheres Mil. Para Osório (2007), um dos princípios observado nos discursos de inclusão é que o mesmo se orienta pelo significado subjetivo da expressão, sem precisar conhecer ou explicitar seu público alvo.

Isso reflete diretamente na definição de políticas e leis, na criação de programas e de serviços e impõe adequação às instituições envolvidas, entoando tentativas de melhoria das condições de vida, tanto daqueles que estão em risco, como os demais que se sentem ameaçados, ou moralmente abalados. (OSÓRIO, 2007, p.305).

Na Portaria nº 1015/2011, o Art. 2 prevê, como diretrizes para essa ação governamental, possibilitar o acesso à educação, contribuir com a redução de desigualdades sociais e econômicas de mulheres, promover a inclusão social, defender a igualdade de gênero, combater a violência contra mulher.

Com base nos discursos constantes nos dados desta pesquisa, evidencia-se que a promoção de novas práticas sociais ou as relações com os próprios sujeitos partem da

premissa de que ele está fora deste processo, ou seja, excluído. Dessa maneira, constata-se que o discurso de inclusão apoia-se sobre outros sistemas e mecanismos de exclusão, que são suportes do conjunto de estratégias institucionais. (OSÓRIO, 2007, p. 301). Essa constatação pode ser corroborada nesta fala de uma das entrevistadas, quando questionada sobre as opções de curso para fazer, ela relata sobre a dificuldade que encontra, devido à sua condição de escolaridade:

Não, é bem difícil, só teve esse mesmo da Mulheres Mil, depois não teve nenhum curso, depois só com Ensino Fundamental [...] só com fundamental, Ensino Médio. (AZÁLEA – participante).

Tais estratégias pressupõem que o sujeito não se enquadra em uma norma; trata-se de irregularidades que se manifestam em determinada população, grupos, comunidades, categorias, para as quais se faz necessário uma atuação do Estado que corrija esse tipo de desvio. Essa correção seria o que Foucault denominou de normalização.

A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é constituído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. (FOUCAULT, 2008, p.75).

Para Lopes (2009), entre as estratégias criadas para que a normalidade se estabeleça dentro de quadros nos quais surge a ameaça do perigo, é possível citar a criação de políticas de assistência e de políticas de inclusão social e educacional.

A inclusão via políticas de inclusão escolares, sociais, assistenciais e de trabalho, funciona como um dispositivo biopolítico a serviço da segurança das populações. Ao estarem incluídas nos grupos, nos registros oficiais, no mercado de trabalho, nas cotas de bolsa-assistência, na escola, etc., as pessoas tornam-se alvos fáceis das ações do Estado. Tratam-se ações que visam a conduzir as condutas humanas dentro de um jogo com regras definidas, no interior dos distintos e dos muitos grupos sociais. (LOPES, 2009, p.156).

Dessa forma, as ações do Estado se configuram como “mecanismos de segurança com o objetivo de funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina” (FOUCAULT, 2008^a, p.14). Assim as estratégias implementadas pelo Estado buscam não apenas normalizar as condutas dos sujeitos, mas articular em conjunto com a economia vigente.

Como o próprio nome diz, na emergência das diversas disciplinas e seus estudos analíticos, o corpo passa, dentro das diversas instituições, a ser pesquisado, analisado, articulado, esquadrihado, moldado para se retirar o máximo de suas

forças e habilidades como materialidade e como uma máquina para produção de capital. (GUARESCHI; LARA; ADEGAS, 2010 p. 334).

Tal constatação vai ao encontro do Projeto do Programa Mulheres Mil, executado no município de Aquidauana, uma vez que os Programas dos Cursos de Empreendedorismo e Confecção de Faixa Pantaneira, disponibilizados pela Coordenação Local, prevêm, como papel desses cursos, o reconhecimento das estudantes como cidadãs e a importância da contribuição delas para o desenvolvimento regional e até nacional.

Neste contexto, de acordo com a carga horária prevista para a execução das propostas, procurou-se estruturar os cursos com foco na compreensão do processo empreendedor, resgate cultural, propondo a criação de inovações com base nas suas vivências. Despertando assim o reconhecimento de cidadã como parte contribuinte para o desenvolvimento econômico da cidade de Aquidauana e do país. (Projeto Construindo Sonhos, Transformando Vidas: Curso de Empreendedorismo e Confecção de Faixas Pantaneiras, p.13).

Observamos, por meio das falas das entrevistadas, como a participação nos cursos ofertados auxiliaram no modo de administrar seu dinheiro e seus negócios. Margarida, por exemplo, relata: “eu aprendi muito a parte financeira, isso eu aprendi bastante”; Violeta também informa que sua vida “mudou, principalmente no emprego, no modo de pensar, mudou bastante”.

Esses cursos possuem como foco os corpos dos sujeitos alinhados ao mercado econômico, a partir dos processos de escolarização, como observamos no relato de Angélica: “eu aprendi a economizar bastante, aprendi economia”. Portanto, o indivíduo constitui-se como sujeito, marcado não apenas por uma trajetória pessoal, mas por tudo que o atravessa, um sujeito que constitui a história, mas também é constituído por ela.

Compreendemos, sim, que determinadas práticas e técnicas localizadas em um tempo e um espaço da trama histórica constituem o sujeito, considerando a organização dos saberes, dos poderes, dos discursos, dos domínios de objetos. (GUARESCHI; LARA; ADEGAS, 2010, p. 333).

O sujeito, em cada relação que estabelece, posiciona-se de uma forma diferente. Há, então, várias formas de sujeito, conforme as relações vão se constituindo com diversos jogos de verdades (MURAD, 2010). Observemos o relato de uma entrevistada, quando indagada sobre mudanças acontecidas após a conclusão do curso ofertado pelo Programa Mulheres Mil: “Ah sempre muda, porque você aprende muitas coisas, toda vez que você participa de um curso deste você abre mais a sua mente, você fica mais instruída com todas as coisas, então acaba que muda a vida da gente.”

Para Vivar Y Soler (2008), podemos compreender a subjetividade como resultante do entrecruzamento de forças e como produção atravessada pelas esferas políticas das relações do sujeito com a verdade, com o discurso, com o poder e com a ética.

A subjetividade deve ser entendida como parte integrante desta maquinaria moderna correlativa às mais variadas práticas sociais, sejam as de ordem discursiva, sejam aquelas presentes no campo dos dispositivos, sejam as que se dão pelos processos de subjetivação. (VIVAR Y SOLER, 2008, p.573).

Os processos de subjetivação podem ser observados através de dois movimentos: primeiro pelos modos através dos quais o sujeito é objetivado e segundo pela relação consigo, no qual se constitui como sujeito. A partir dos pensamentos foucaultianos, de acordo com Revel (2005, p. 82),

Os “modos de subjetivação” ou “processos de subjetivação” do ser humano, correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeito – o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência.

A entrevistada Iris relata: “algumas coisas assim, não entro muito nas ideia né, mas algumas coisas valeu a pena sim. Eu já estou criando até, eu já sou um empreendedora, eu crio galinha e codorna”. Podemos perceber que a partir dos conhecimentos adquiridos no curso a entrevistada concretiza seu papel de empreendedora, mesmo reconhecendo que não obtém renda resultante da sua ação: “mais inclusive eu quero falar a verdade eu nem vendo eu dou para as pessoas”.

Ao refletir sobre os modos de subjetivação devemos entender que os mesmos ultrapassam os mecanismos de dominado e dominador, são gerados a partir de relações mais complexas. Foucault (1995, p. 236) afirma que, sem dúvida, os mecanismos de sujeição não podem ser estudados fora de sua relação com os mecanismos de exploração e dominação. Porém, não constituem apenas o "terminal" de mecanismos mais fundamentais. Eles mantêm relações complexas e circulares com outras formas.

Embora as políticas de inclusão social visem a orientar as famílias para dirigi-las em favor do jogo social, não se tem nenhuma garantia de que as estratégias utilizadas produzam os resultados esperados. Ao contrário disso, elas podem contribuir para reforçar comportamentos que desejam modificar. (MEYER, 2014, p.1009).

Lopes (2009), por sua vez, argumenta que o estado e o mercado estão cada vez mais articulados e dependentes um do outro, na tarefa de educar a população para que ela viva em condições de sustentabilidade, de empresariamento e de autocontrole.

Eu mexo com vendas né, ai teve aquelas aulas lá né, do professor tudo para administrar o dinheiro, como administrava as coisas então melhorou. (CAMÉLIA – participante).

Mas mudou minha visão de trabalhar nas vendas [...] Achava que se vendesse bastante ia ser mais lucrativo, no fim as pessoas acabam comprando fiado. Para receber é um problema, as vezes você nem recebe. Ai mudou né, porque se eu vendia 70, 80 eu passei a vende menos, mas com certeza que vai ganhar [...]Aprendi a economizar, a ter maior relacionamento com as pessoa. (DÁLIA – participante).

Mudou porque através dele eu pude é entende que nós mulheres não devemos só fica no fogão. Nós devemos aprender a fazer outros cursos como a faixa, como o tapete, o bordado, até mesmo salgado que serviria como um lucro até mesmo para a gente que fica mais em casa. (MAGNÓLIA – participante).

A partir dos discursos apresentados, evidencia-se que os sujeitos da pesquisa também entram na lógica de consumo, fazendo girar as engrenagens de um mercado local que passa a se sustentar, ou pretende sustentar-se. (LOPES, 2009).

Esse sujeito empreendedor é que Foucault (2008b) denominou de *homo oeconomicus* a partir de uma política econômica neoliberal, um sujeito consumidor e produtor. O *homo oeconomicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produto, sendo para si mesmo a fonte de sua renda (p. 311). Portanto, a dúvida é não apenas se os sujeitos são ingressantes dessas relações econômicas, mas se os mesmos permanecem em tal ciclo.

Nesse contexto, observamos, durante as entrevistas, que, quando questionadas sobre se houve mudanças em suas condições de vida após o término dos cursos, algumas mulheres relataram que não tiveram mudanças, ou que, embora houvesse mudanças, não foi possível aplicar todo conhecimento por falta de recursos.

Mudou bastante coisa, mas estou com dificuldade de aplicar tudo [...] ai tem o negócio do banco, do apoio, ai ficaria fácil para mim, pois ficaria aqui, porque o pessoal pede bolo, tão pedindo bolos recheados, só que eu estou com dificuldade de manter o trabalho, quero fortificar meu trabalho, por este motivo, é outro meio de buscar para investir, eu já procurei alguém para me emprestar, mas as pessoas parece que não acreditam em você, dúvida de você, do seu trabalho, mas eu vou conseguir. (ROSA – participante).

Não, continuou a mesma coisa. (PETÚNIA – participante).

Não porque tem que ter o tear, e não teve como mandar fazer. (AÇUCENA – participante).

Então o meu sonho para ser realidade era alguém que investisse, sabe, nem que seja uma contra partida de fique alguma coisa ali pendente porque na minha situação, eu tenho problema né, estou com meu nome com problema [...] Ah não é assim, você precisa tirar seu nome daquela loja, porque cê pode até fala que tá limpo, mas seu nome tá ali, alienado ali, então eu acho assim, alguém que acreditasse nos sonhos da gente. Eu precisaria alguém que investisse na verdade no meu sonho. (GIESTA – participante).

Portanto, parece evidente que tais políticas, apesar de incentivarem a produtividade, o empreendedorismo através da autogestão, não oportunizam de forma eficiente possibilidades para que os sujeitos envolvidos tenham realmente acesso a tais canais econômicos, dificultando a materialização do que aprenderam na teoria durante os cursos ministrados.

Caberia ao Estado arranjos com diferentes atores sociais, para não tornar este um processo perverso, na medida em que instrui as participantes sobre as possibilidades de serem empreendedoras, mas não garantem condições reais para que coloquem em prática o que aprendem durante as aulas.

Eu acho que me ajudou sim, a ficar mais instruída. Saber mais das coisas. É saber o que a gente pode fazer, o que a gente quiser fazer, a gente pode fazer entendeu? Tipo assim, até mesmo ter uma micro e pequena empresa assim, é tipo tocar algum comércio, alguma coisa, a gente tem a possibilidade, porque a gente aprendeu isso sabe como lida né.

Dessa forma, Spink (2005), a partir de discussões realizadas em um ciclo de seminários voltados à análise das estratégias locais para redução da pobreza, da troca de experiências e da análise dos programas e ações e políticas locais de sucesso, apresenta reflexões relacionadas à importância ao acesso e articulação ao mercado.

Na área específica do crédito, há uma dificuldade frequentemente assinalada e que se refere ao próprio processo de exclusão - o que foi chamado por muitos de bloqueios aos sem acesso [...] o apoio ao acesso e a articulação junto aos mercados é vital para a sobrevivência das pessoas envolvidas nos projetos. (SPINK, 2005, p.8-9).

Portanto, tais ações demonstram que não basta apenas inserir o público alvo nas atividades ofertadas, sem que haja um fortalecimento nas articulações e parcerias com demais setores que poderão auxiliar para que se alcance de forma eficiente os objetivos do Programa. Perpétua, em entrevista concedida, relata: “eu fiz o curso do sabão, do bordado (mostrando a camiseta que está vestindo com os dizeres Curso Bordado em Tecido Xadrez). São ofertados diversos cursos com objetivo de gerar uma renda, porém por dificuldade de um financiamento para comprar materiais básicos como, por exemplo, a linha ou o tear, materiais necessários para confecção da Faixa Pantaneira, as estudantes não conseguem dar uma continuidade ao trabalho.

Há uma capacidade empreendedora nas experiências discutidas. Entretanto, as experiências também sinalizam para a carência de ação governamental em diversos níveis. Torna-se necessário, portanto, criar políticas, regras e instrumentos mais flexíveis e também novos arranjos entre esferas do governo. (SPINK, 2005, p.7).

Encontramos, nos discursos oficiais, a referência a parcerias com Ministérios, Estaduais e entidades públicas, Governos Estaduais, Governos Municipais, Organizações da Sociedade Civil e Organizações Internacionais (BRASIL, 2014e, p.2); todavia, no desenrolar desta pesquisa foi possível perceber a escassez de arranjos entre o governo, o que dificulta o desenvolvimento desse trabalho, pois cada setor possui sua meta e objetivos.

Ao observar o Quadro 3, a seguir, verificamos, nas falas de algumas estudantes que participaram desta pesquisa, o modo como identificam o principal objetivo do programa, em que reconhecem a proposta de empreendedorismo e independência financeira, mas, por questões econômicas, conforme demonstrado na coluna referente às dificuldades, essas estudantes relatam sobre a falta de investimento, ou condições financeiras para comprar material necessário à produção dos produtos, que impedem que elas dêem continuidade ao trabalho realizado ou aumentem sua produção.

Quadro 2: Transcrição de dados coletados nas entrevistas

PARTICIPANTE	OBJETIVO MMIL	MUDANÇA NA CONDIÇÃO DE VIDA	DIFICULDADE
ROSA	Um curso de empreendedorismo é um que ensina como administrar, uma administração para trabalhar e tocar seu negócio	Mudou bastante coisa, mas estou com dificuldade de aplicar tudo, para mim creio que se eu conseguir aplicar tudo as regras, mudou porque eu parei de fazer muitas contas.	Eles explicaram que atualmente até possuem bastante encomenda, mas não possuem dinheiro o suficiente para comprar o material, não tem dinheiro por exemplo para terem ingredientes em estoque, se alguém fizer um pedido grande, não teriam como atender.
MARGARIDA	Eu aprendi muito a parte financeira, com o professor Marcus, eu não sabia administrar o meu negócio, sempre trabalhei nesta área de salão, mas eu não sabia administrar, não mexia com cheque nem cartão, era só um caderninho, anotado e me dava muito prejuízo	Administrar melhor	É na verdade não está do jeito que eu quero, aqui é alugado, é diferente de você ter o seu salão próprio, com a porta para rua, uma porta só para o salão, porque atendo na entrada, mas é casa, não é a mesma coisa
HORTÊNSIA	É um ensino que veio para nós aprender a administrar as coisas, o nosso produto que nós fizemos.	Eu consegui administrar melhor, eu vendo mais	Investimento, para você poder dobrar, dobrar ele, porque o que você tem da para você fazer só aquele produto para repor, então você compra aquele que você repõem, mas você não tem condições financeiras para trazer e fazer dois ou três receitas, você não tem estas condições financeiras.

AMARÍLIS	Acho que o objetivo do curso, seria assim estar tirando as pessoas, as mães da casa, porque que nem minha irmã, eu fui também participar deste curso por conta da minha irmã, lembra que ela tem um marido que é problemático, que judia dela, não deixa sair, e assim eu conseguiria fazer com que ela fosse, eu acho que esse curso era mais para isso, e para estar ensinando estas mulheres a se defender destas situações[...] E no curso foi ensinado muito isso para as pessoas, a ser mais livre, não ficar apenas dependendo do marido.	Ah sempre muda porque, você aprende muitas outras coisas, todo vez que você participa de um curso deste você abre mais sua mente, você fica mais instruída com todas as coisas, então acaba que muda na vida da gente, a gente cresce um pouco mais.	Então eu acho que deveria ter um acompanhamento de um designer, ajudando a gente neste ponto, porque que nem a faixa, tem um monte de jeito para gente estar usando, por exemplo nas camisetas, nas blusinhas, só que tinha que ter ajuda de alguém.
VIOLETA	Incentivar mais a mulher, ser mais independente, buscar seus objetivos	Mudou, principalmente no emprego, no modo de pensar, mudou bastante.	Acho que faltou a continuidade, tinha um projeto que não terminamos que era fazer a cooperativa, eu acharia bom se tivesse mesmo a cooperativa
AÇUCENA	Ressuscitar a nossa cultura, que é muito esquecido já		Não porque tem que ter o tear, e não teve como mandar fazer.
MAGNÓLIA	Para mim, eu me identifiquei muito por que antigamente nós mulheres não tinha o direito de fazer nada. Não tinha direito de trabalhar, não tinha direito de sair, nem mesmo fazer	Eu aprendi isso, que não é só o dever de casa que nós devemos fazer né, mesmo sendo dona do lar. Tivemos que fazer um outro exercício em vez de ser só naquilo da casa, do lar, de mexer	No meu caso é por causa da linha , porque que ela só tem uma marca que utiliza, é duas né, mais o preço subiu muito , então é isso.

	curso. Hoje, no ano que vivemos, nós mulheres tem o direito de fazer praticamente quase tudo bem dizer, tudo, se quiser e pude e tive estudo até mesmo o serviço que o homem faz. E no curso Mulheres Mil, eu me senti assim, valorizada né, por ter participado do curso e aprender coisas que eu não sabia também.	com roupa, cozinha.	
PERPÉTUA	Para fazer a faixa.	Eu produzi, mas depois vendi.	A linha (é cara) Tear (comprar)
PETÚNIA	Eu queria aprender a fazer a faixa né. Porque eu já faço crochê então era mais, entendeu? Eu aprendi.	Não	É cara (linha).
GIESTA	O projeto Mulheres mil o objetivo que quando eu comecei nas primeiras aulas, o objetivo que eu vi com ele, é que eu era uma profissional, capacitada	Então eu aplico o empreendedorismo que eu precisava aplicar. E também aprendi a fazer comprar, no empreendedorismo. Que compra é essa?. Eu compro uma luva que custa três reais. Vem o par de luva, vem a lixinha e o palitinho, são descartáveis isso aí. E eu cobro vinte e cinco reais da manicure. Certo? Então já tá ali, dentro dos vinte e cinco envolvido, eu aprendi isso aqui.	Investimento

Além da inclusão produtiva, o Programa Mulheres Mil possui em seus objetivos a elevação da escolaridade das participantes dos cursos, que, em sua maioria, não chegaram a concluir o Ensino Médio, porém, pelo que podemos perceber em seus relatos, teriam interesse em concluir os estudos, não fosse a distância das escolas e o fato de a escola mais próxima não oferecer aulas para um público que não iniciou os estudos ou desistiu de continuá-los/concluí-los.

Ah porque era aqui no Marly Russo depois foi para o CEJAR, achei longe, daí não quis mais mesmo. (VERÔNICA- participante).

Eu tentei esse ano, em terminar né, porque eu fiz o primeiro mais não conclui o segundo nem o terceiro. Só que como aqui só tem a tarde é, aqui no Marly, aí não consegui acompanhar porque devido dos alunos, dos alunos se mais novos que eu, então como fala, a falação me atrapalhava um pouco a entende o que a professora falava. (MAGNÓLIA –participante).

Outro objetivo que vale destacar, no Programa Mulheres Mil (2014d), é o de prever que haja uma transformação substantiva na vida pessoal e familiar das participantes, como sujeitos da sua própria história. Cabe-nos problematizar sobre essa afirmativa que sugere que o sujeito seja agente de sua própria história, porém devemos considerar que esta história é constituída por diversas relações e arranjos sociais. De acordo com Osório (2007, p. 306),

Na perspectiva foucaultina, entende-se o presente não por uma lógica pré-determinada, mas como construto provisório, consequentemente de uma trajetória que sempre será social, portanto como uma manifestação concreta de uma cultura vivida a partir de valores e preconceitos determinadas por um grupo ou por uma sociedade.

Assim, ser sujeito de sua própria história não deveria remeter ao domínio da história de vida, como se responsável por todos os acontecimentos, mas, como apresentado por Foucault (2015), de forma genealogicamente dirigida, compreender todas as discontinuidades que a atravessam, seja nas relações culturais, sociais, econômicas, políticas.

Como podemos observar em alguns relatos das entrevistadas, no qual apontam como que alguns momentos de suas vidas foram interpelados por relações, por um poder-saber que as assujeitavam.

E começou me dar um problema, principalmente da matemática, modéstia à parte eu sou boa na matemática. Mais eu acho que o esforço, o estudo de hoje era o de antes, que é a raiz quadrada, essas coisas, aí eu comecei a ter uma espécie de desmaio na sala de aula, quando comecei a me esforçar de mais, fui no médico e o médico me proibiu de estudar. (DÁLIA – participante).

Eu tinha uma vontade de ser professora de matemática, e não consegui, porque meus pais eram muito rígidos, falava que mulher não precisava estudar, mulher não precisa isso, não precisa aquilo, então eu não tive aquele apoio, eu não tive nenhum colega, nenhum amigo que desse aquele empurrão, vai, vai, vai. Não tive. Em 75, 79, meu pai surrava a gente para não ir para escola, porque a gente se aprontava para ir, aí ele falava vai fazer isso, vai fazer aquilo, você não fez isso, vai fazer primeiro, aí como ia chegar atrasado já na hora do amém. Meu pai não deixava. (HORTÊNSIA - participante).

Com 15 anos eu larguei de estudar de novo, pra mim pode ir para fazenda trabalhar e mandar dinheiro para minha mãe. Que eu vi que minha mãe está em uma situação difícil trabalha também de empregada doméstica. Tive que de novo parar. (JASMIM – participante).

Dessa forma, ser sujeito de sua própria história, significaria ter domínio sobre suas vontades, desejos, sonhos, ou seja, sobre seus corpos. Algumas entrevistadas demonstraram ter uma compreensão que extrapolou os objetivos específicos e técnicos dos cursos ofertados, e rompem os discursos sobre seus corpos.

Acho que o objetivo do curso, seria assim estar tirando as pessoas, as mães da casa, porque que nem minha irmã, eu fui também participar deste curso por conta da minha irmã, lembra que ela tem um marido que é problemático, que judia dela, não deixa sair, e assim eu conseguiria fazer com que ela fosse, eu acho que esse curso era mais para isso, e para estar ensinando estas mulheres a se defender destas situações, acho que era esse o maior objetivo destes cursos. E como conseguiu, muitas pessoas ali se libertaram disso. Minha irmã só não conseguiu porque não foi participar do curso. (AMARÍLIS – participante).

Eu tive tia minha que passou por isso. Até mesmo a minha bisavó passou por isso. Então vem história, vem passando, a história antiga vem passando para os novos [...]Bastante, eu creio que para o tanto de mulheres que tinha, que eu acho que tinha umas trinta, creio que para umas dez mulheres aquilo foi muito importante. Foram muito, porque lá né na sala você ouvia o depoimento delas, que elas nunca imaginavam que iriam estar saindo de casa para estar fazendo um curso, daqui, algumas mesmo até saiu por causa do marido que não queria que elas fizesse. (MAGNÓLIA – participante).

O que eu quero dizer o que aprendi aqui, com os professores, com os alunos, com tudo as pessoas em volta, é que a gente precisa, muitas vezes rompe o casulo, sai daquela casca, sacrificar algum boi na vida da gente que muitas vezes a gente segurando uma coisa que acha que é tudo e não é. Quando aceitei Mulheres Mil meu casamento ficou no fio, um dia ele falou assim, se você continuar a gente vai separar, eu aceitei. “Não aceitou por que não gostava dele?” Não, não aceitei porque eu queria aprender. Porque quando a pessoa te prende muito você numa coisa, que você sabe que é bom, você tá vendo que tem pessoas ali envolvida, você tem que arriscar. Muitas vezes a gente tem que pagar algum preço para pode ter algum proveito na vida. (GIESTA – participante).

Houve algumas situações que queremos destacar, como a de Acácia, que, no momento da entrevista, manteve-se bastante calada, e teve a presença do esposo, que permaneceu ao seu lado. Ao ser indagada sobre o que mudara em sua vida, após concluir o curso, foi o companheiro que deu a resposta em seu lugar: “foi só isso que mudou”. O silêncio da

entrevistada e a intervenção do seu esposo nos levaram a pensar se a participante não compreendera a pergunta ou se a compreendera, contudo, naquele momento, não poderia falar por causa da presença do companheiro.

Nesse sentido, partiremos da própria denominação dada ao Projeto: Programa Mulheres Mil, reforçando e explicando que, apesar de ser uma ação voltada para mulheres, não foi nosso objetivo discutir questões de gênero, já que esta não se configura na proposta da pesquisa, mas compreendemos que os corpos também estão sujeitos ao poder, como o *locus* de dominação através do qual a docilidade é executada e a subjetividade constituída (NARVAZ, 2007).

Porém devemos considerar o sujeito não apenas como produtor de saberes, mas também como produto de um saber, pois o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido, ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem (FISCHER, 2001, p. 207).

Portanto, nossa discussão partiu de como as relações que se estabelecem através das políticas públicas destinadas a população podem conter outros dizeres, e esses mesmos discursos interpelam os sujeitos, atravessam-nos, constituindo novos saberes e novas práticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivos iniciais problematizar os discursos oficiais do Programa Mulheres Mil, discutir o papel do Estado na instituição desta ação governamental, bem como sua operacionalização. Uma indagação surgida durante o trabalho foi se eram possíveis rupturas nas condições de vida das participantes do projeto. É importante ressaltar que não era objetivo da pesquisa determinar um modelo adequado ou não, para implantação do Programa, discorrer sobre uma teoria geral do sujeito que enquadraria todos participantes, mas sim problematizar os elementos principais que o constituem.

Compreendemos que o Estado, através de leis, regulamentos, programas, políticas públicas visam não apenas o bem estar de sua população, mas a manutenção de um poder, poder este que mantém o próprio Estado. Tais estratégias possuem como objetivos os interesses políticos e econômicos vigentes.

O Programa Mulheres Mil, como um processo educativo, possui, em suas diretrizes, a proposta de inclusão social, produtiva e educacional de mulheres de baixa renda. Porém, é necessário compreender não apenas as estatísticas que justificariam tais ações a uma determinada população, mas sim as relações que a atravessam, constituíram seus sujeitos e que determinam a situação social e econômica em que se encontram.

Não é suficiente ser “sujeito de sua própria história”; faz-se necessário ser sujeito de múltiplas histórias, histórias da quais não podemos nos apropriar como verdades absolutas, mas como provisórias, mutáveis, histórias permeadas por inúmeras verdades, para que não apenas o sujeito seja responsabilizado por suas condições de vida, mas sim toda conjuntura o qual está inserido.

Dessa forma, outro fator importante é que no momento da operacionalização de uma ação como o Programa Mulheres Mil não cabe apenas a uma instituição prover todas as lacunas que existem, mas faz-se necessária uma articulação com outras esferas públicas, para que através de uma rede de atores sociais possa ser oferecido um serviço que realmente abranja seus participantes e possibilite mudanças em vez de reproduzir as mesmas condições já existentes.

Pois no momento em que se orientam as participantes dos cursos sobre os processos e caminhos como, por exemplo, do empreendedorismo, deve-se articular para que as mesmas obtenham todas informações e condições para efetivar seu trabalho. Assim devemos refletir

sobre como não tornar este, mais um processo perverso, que, em lugar de incluir, irá solidificar e reforçar a exclusão.

Assim, propiciamos mais um momento de reflexão, pois é necessário compreender que incluir não é apenas possibilitar o acesso às ações propostas, mas dar condições para que os sujeitos permaneçam e tenham condições em dar continuidade ao processo. Para isso, é necessário que, neste caso, as ofertas dos cursos possam atender as reais necessidades das estudantes, a fim de que não se perpetuem ciclos de inúmeros cursos nos quais as participantes não compreendem sua razão e objetivos.

Porém, apesar de uma escassa articulação, que em alguns momentos até são existentes, mas não suficientes para dar conta da proposta do Programa, nas entrevistas, observamos que as participantes se sentiram valorizadas elevando, em algumas situações, seu empoderamento, sua autoestima, o que demonstra as possibilidades que esta ação proporciona com sua metodologia e técnicas, como Mapa da Vida, por meio do qual é realizado um resgate de identidade, além da troca de experiência e valorização dos saberes das participantes.

Outra questão importante, relatada pelas estudantes, foi a da possibilidade de estar em uma sala de aula estudando novamente, pertencer a uma instituição de ensino, situação que para muitas, em algum momento de suas vidas, principalmente quando estavam em idade escolar, não foi possível ou, ainda hoje, em razão da baixa escolaridade, das idades e das condições de vida são impossibilitadas de estudar, como o exemplo da entrevistada Magnólia.

No início da pesquisa, questionamos o papel do profissional da área de Psicologia, nesse processo. Compreendemos que é necessário que indaguemos sobre nossas práticas, que reflitamos sobre os discursos que compõem ações e estratégias implantadas pelo governo, já que algumas delas se configuram, atualmente, como amplos campos de trabalho aos profissionais da área.

Analisar de forma crítica questões que nos são apresentadas como verdades absolutas, que, no entanto, se compõem de diversos elementos, como a pobreza, por exemplo. Esta é muito mais do que não possuir renda, mas pode se tornar, também, uma estratégia de governamentalidade, uma estratégia do Estado para cadastrar, calcular e controlar determinada população, conforme identificamos no relato de Hortênsia, cujo acesso ao curso se deu quando “teve uma reunião na bolsa família, aí foi oferecido, aí fui no CRAS, foi rapidão, e quando estava esperando já chegou a ligação para confirmar a matrícula, aí tava pronto, foi rápido.”

É válido ressaltar que a proposta da pesquisa não foi a de trazer uma abordagem sobre o certo ou o errado, mas a de possibilitar novas compreensões, novos olhares ao objeto de estudo, em nossas práticas, para que, por meio de programas como o Mulheres Mil seja possível, realmente, promover transformações e rupturas nas condições de vida de uma população que, em seus relatos, demonstra que sempre esteve à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portaria Nº 1.015, de 21 de julho de 2011.** Diário Oficial da União - Secção 1, n.140, sexta-feira, 22 de julho de 2011.

_____. **Mulheres Mil na Rede Federal:** caminhos da inclusão. Disponível em: <http://mulheresmil.mec.gov.br/images/stories/pdf/geral/mulheres_mil_na_rede_federal_-_caminhos_da_inclusao.pdf> Acesso em: 17 jun. 2014a.

_____. **Decreto nº 7.492, de 2 de junho de 2011.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7492.htm. Acesso em: 01 jul. 2014b.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **O Brasil sem miséria.** Organizadores: Tereza Campello, Tiago Falcão, Patrícia Vieira da Costa. Brasília: MDS, 2014c.

_____. **Guia Metodológico do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito.** SETEC/MEC. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12299:programa-mulheres-mil-&catid=267:programa-mulheres-mil-&Itemid=602. Acesso em: 01 jul. 2014d.

_____. **Programa Nacional Mulheres Mil: Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12299:programa-mulheres-mil-&catid=267:programa-mulheres-mil-&Itemid=602. Acesso em: 15 jun. 2014e.

BUARQUE, C. **Bolsa-Escola, História, Teoria e Utopia.** Brasília: Thesaurus/Liber, 2012.

CURADO, J. C. Governo de Pobreza: A instrumentalização da população nas Políticas Públicas Contemporâneas. In: OSÓRIO, A. C. N. (org) **Poderes e saberes:** corpus em educação. Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2013.

DANTAS, C. M. B.; OLIVEIRA, I. F.; YAMAMOTO, O. H. Psicologia e pobreza no Brasil: produção de conhecimento e atuação do psicólogo. **Psicologia & Sociedade**, 22 (1): 104-111, 2010.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault:** Uma trajetória filosófica: para além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p.197-223, Nov. de 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. Tradução de Maria Tereza de Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do Estruturalismo e da Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. **Polêmica, Políticas e Problematisações. Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso do Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010c.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **A ordem do Discurso**. Disponível em: <<https://projeto-phronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-a-ordem-do-discurso-aula-inaugural-no-college-de-france.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015a.

GUARESCHI, N. M. F.; HUNING, S. M. (org). **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

GUARESCHI, N. M. F.; LARA, L.; ADEGAS, M. A. Políticas públicas entre o sujeito de direitos e o homo-economicus. **Psico**. Porto Alegre: PUCRS, v. 41, n. 3, p. 332-339, jul./set. 2010.

IVO, A. Políticas sociais, pobreza e trabalho: dilemas do bem-estar em países de capitalismo periférico. **BAHIA Análise & Dados**, Salvador, v.17, n.4, p.1121-1133, jan./mar. 2008.

LOPES, M. C. Políticas de Inclusão e Governamentalidade. **Educação & Realidade**. 34(2):153-169 mai/ago 2009.

MEYER, D. E. (org). **Políticas públicas**: imperativos e promessas de inclusão social. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 85, p. 1001-1026, out./dez. 2014.

MURAD, M. F. G. **O sujeito em Foucault**. Disponível em: <<http://www.spid.com.br/pdfs/2010-2/Atividades-Jornadas-Interna-2010.1-O-SUJEITO-EM-FOUCAULT-Maria-Fernanda-Guita-Muradoc.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2013.

NARVAZ, M. Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, Vol. VII – Nº 1, mar/2007. p. 45-70

OSÓRIO, A. C. N. As políticas de Educação Profissional: Velhas Propostas em novos Discursos? **Intermeio**: revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, v. 9, n.17, 2003, p. 102-111.

_____. Estranho medo da inclusão. **Educação Santa Maria**, v. 32, n.2, p.301-318, 2007. Disponível em : <<http://www.ufms.br/ce/revista>>. Acesso em: 11 de ago. 2014.

_____. (org.). **Diálogos em Foucault**. Campo Grande: Ed. Oeste, 2010.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **O que é o IDH?** Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/IDH.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDH>. Acesso em: 01 de jun. 2015.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Milton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SPINK, P. A Administração cotidiana e a heterogeneidade da pobreza. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, V. 10, N. 47 - Jul/Dezembro 2005.

SPINK, P. (orgs). Documentos de Domínio Público e a Produção de Informações. In: SPINK, M.J. BRIGAGÃO, J.I. M; NASCIMENTO, V. L.V; CORDEIRO, M. P. (orgs) **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual).

VIVAR Y SOLER, R. D. Uma história política da subjetividade em Michel Foucault. **Fractal**: Revista de Psicologia, v.20 - n.2, Jul./Dez, 2008, p.571-582.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Este estudo está sendo conduzido pela Psicóloga Carla Renata Capilé Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPPSI), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e orientada pelo Prof.^a Dr.^o Antônio Carlos do Nascimento Osório.

O projeto tem como objetivo identificar as formas de subjetivação das mulheres inseridas no Programa Mulheres Mil no município de Aquidauana, assim como analisar os discursos oficiais do programa e reconhecer as relações de governabilidade entre o proposto, o executado e o esperado. Para tanto, realizaremos 20 entrevistas com estudantes que realizaram suas matrículas e concluíram os cursos ofertados pelo Mulheres Mil, Confecção de Faixa Pantaneira e Empreendedorismo, no ano de 2013 no município de Aquidauana.

A sua participação consiste em responder a uma entrevista individual semi-estruturada, que tem por objetivo selecionar elementos que indiquem a percepção dos sujeitos envolvidos e sobre suas potencialidades no mercado de trabalho, na tentativa de identificar as relações de governabilidade.

Você não deverá experimentar constrangimento ao responder as perguntas. O período de duração da sua participação na pesquisa se restringirá ao tempo de duração desta entrevista e ela não acarretará qualquer tipo de prejuízo pessoal ou no seu trabalho. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei, somente o pesquisador e o Comitê de Ética terão acesso às informações.

No caso de dúvidas ou problemas referentes à sua participação ou ao estudo, ligue para os pesquisadores, Professor Doutor Antônio Carlos do Nascimento Osório, no telefone (67) 3345-7226/ou para a pesquisadora Carla Renata Capilé Silva (67) 9802-2214. Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (67) 3345-7187.

Você é livre para recusar-se a participar deste estudo, bem como para sair do mesmo caso sinta-se desconfortável. Sua participação no estudo é voluntária. Você pode escolher não fazer parte do estudo, ou pode desistir a qualquer momento. Você não será proibido de participar de novos estudos. Você poderá ser solicitado a sair do estudo se não cumprir os procedimentos previstos ou atender as exigências estipuladas. A sua participação nesta pesquisa ocorrerá após a assinatura de 2 (duas) vias deste termo de consentimento, das quais você receberá uma via assinada pelo pesquisador e por você, participante.

Autorizo a gravação da entrevista: () SIM () Não

(Caso a participante opte pela **AUTORIZAÇÃO** para gravação da entrevista, será acordado o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos: poderei solicitar para ler a transcrição de minha gravação; os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais, livros; os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa Carla Renata Capilé Silva, após esse período, serão descartados e serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.)

Eu, _____ declaro que li e entendi este Termo de Consentimento e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e que sou voluntário para participar deste estudo.

_____ data ____/____/____

Assinatura do Voluntário

Telefone:

_____ data ____/____/____

Assinatura do pesquisador

ANEXO B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome: _____ **Idade:** _____
Estado Civil: () Solteira () Casada () Divorciada/separada () União Estável ()
Viúva () Outra, _____
Escolaridade: () Superior Comp () Superior Inc () E.M. Comp () E.M Inc ()
() Fund. Comp () Fund. Inc () Alfabetizada () Não alfabetizada
Filhos: () Não () Sim, Quantos: _____
Recebe benefício do governo: () Não () Sim, Quanto tempo: _____
Profissão: _____
Conclusão do Curso: () Faixa Pantaneira () Empreendedorismo

ROTEIRO ENTREVISTA

1. Para você, o que é o Programa Mulheres Mil? Quais foram seus objetivos?
2. Como foi o acesso ao curso?
3. Durante o curso, como se sentia durante as aulas? Teve dificuldade em acompanhar os conteúdos?
4. Quais as principais dificuldades encontradas para frequentar o curso?
5. Você teve apoio da sua família?
6. Após o curso você retornou seus estudos ou pretende fazê-lo?
7. Após a conclusão do curso, como está sua vida? Mudou alguma coisa em relação ao que era antes?
8. Você conseguiu aplicar os conhecimentos adquiridos no curso?

ANEXO C – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

1ª ENTREVISTA – ROSA

Identificação: 38 anos, casada, Fund. Inc (estudou 3 ou 4 meses quando era criança, aprendeu um pouco mais com a vida, um pouquinho de ler de escrever), 2 filhos, recebe bolsa família (8anos), profissão: autônoma (faz pão com o marido para vender, e vende produtos por catálogos)

Carla: Para você, o que foi o Programa Mulheres Mil?

Rosa: Para mim o que que é?

Carla: Se fosse explicar para uma amiga o que é o Programa Mulheres Mil, o que você diria?

Rosa: Eu já falei o que que é (risos), mas você é entendida eu não consigo expressar (risos)

Carla: Mas preciso saber de você, como vê o Programa Mulheres Mil, esta é minha pesquisa, como está sendo entendido.

Rosa: Eu fui fazer uma entrevista em um hotel onde queria trabalhar, ai falei que fiz um curso de empreendedorismo, é um que ensina como administrar, uma administração para trabalhar e tocar seu negócio, fui explicando para ele, ai ele gostou, mas eu não sei se expliquei certo.

Carla: Então tem o curso de Empreendedorismo, e o programa como um todo, o objetivo dele para que serve?

Rosa: Muitas coisas eu aprendi, mas não sei explicar para que serve, mas para mim foi muito útil, entendeu, mas não sei explicar uma palavra x, mas para mim foi muito bom.

Carla: Como foi que chegou até o Programa Mulheres Mil? O Programa fala de acesso, de buscar as mulheres, você acha que foi difícil participar do curso?

Rosa: Eu achei que não ia, eu passei em um dia (CRAS) e no outro iria ter a inscrição, e a Dália falou que teria um curso do governo federal, e porque você não entra porque faz pão, e eu falei que porque não tenho estudo, ai ela falou não tenta, ai falei ta bom, no outro dia cheguei la cedo, ai vi a Danieli e me senti mais a vontade, ela que fez a entrevista comigo, mas não sabia que iria entrar, eu fiz por fazer, ela perguntou o que eu queria, e eu disse do empreendedorismo,, ela perguntou se queria da Faixa Pantaneira, e eu falei que queria do empreendedorismo, eu quero aprender , administrar, quero trabalhar e ter meu negócio, então eu quero o empreendedorismo, mas não achei que iria chegar lá, mas foi legal até que

consegui meu objetivo. Foi assim informação, me informaram e eu corri atrás e deu certo, graças a Deus.

Carla: Durante as aulas, como você se sentia, em relação ao conteúdo que era passado, você teve a dificuldade?

Rosa: Eu tinha dificuldade, porque como falei para você não tive escolaridade, eu tinha dificuldade em anotar tudo, eu não queria perder lance nenhum, então os pontos x, que nem a Kelle, eu prestava bastante atenção, dos pontos que encaixava na administração, no foco, no objetivo, você tem que ter um objetivo, focar naquilo, ser criativo, aí eu consegui captar, mas eu tinha vontade de captar todos, até eu falei para meu marido que ficava sentida de não ter estudado, que daí eu tinha dificuldade de captar tudo que estava passando lá, mas eu tinha dificuldade de catar, mas foi muito bom, eu não conseguia copiar tudo, mas algumas coisas eu conseguia captar, foi muito bom para mim. Muitas vezes falava de foco, ser criativo, deu para gravar, memorizar.

Carla: Você teve dificuldade em frequentar o curso? Para ir até lá?

Rosa: Era difícil porque tinha que enfrentar este solzão, mas com o maior prazer eu ia, maior felicidade, eu queria e o que eu quero é estudar ainda, fui com o maior prazer.

Carla: Você teve apoio da sua família? Seu marido e seus filho apoiaram para estudar?

Rosa: Tive

Carla: Após o curso você chegou a retomar seus estudos ou pretende fazer ainda?

Rosa: Eu pretendo fazer, por causa que eu não fui por conta da minha filha ainda, porque sempre tem que estar correndo, em médico, estas coisas, e este negócio do nosso trabalho, ta apertado, mas tenho vontade, eu até comentei com meu esposo, eu vou estudar, porque no caso do serviço do hotel foi difícil pegar o serviço, só porque eu não tenho o curso de informática, até falei com ele, que acho que vou fazer um curso de informática, ele falou como, você não ta nem estudando, aí eu falei que isso não tem nada a ver com a escolaridade, não sei se tem também, mas nesse negócio de administração precisa de informática, tudo precisa agora, aí eu falei “Ah seu Zê volta lá a Matemática de caderno, porque eu sou boa em Matemática de caderno”, aí ele deu risada.

Carla: Após a conclusão do curso, como está sua vida, mudou alguma coisa na forma como você gerenciava seu negócio ou não, você acredita que não teve muito efeito?

Rosa: Mudou bastante coisa, mas estou com dificuldade de aplicar tudo, para mim creio que se eu conseguir aplicar tudo as regras, mudou porque eu parei de fazer muitas contas.

Carla: O que aconteceu?

Rosa: é que antes tudo que via já ia comprando, sem utilidade, agora não, só compro o que é necessário mesmo

Carla: Você falou que estava procurando um emprego?

Rosa: Eu quero num sentido Carla, é até difícil de falar, mas por causa que te aprendeu de tudo, é assim, a gente aprendeu de tudo, mas é para buscar uma renda para fortificar o nosso trabalho, porque ai eu trabalho um tempo fora para mim voltar a se estruturar, porque depois da cirurgia eu me desestruturei e descontrolei, foi muito gasto, gasto, ai de vez enquanto dá um problema na minha filha ai corre, ai descontrola de novo, ai você começa querer equilibrar de novo, estes dias quase mataram meu pai, então foi outro descontrole de novo, ai assim esse lado, porque se eu estivesse com nome limpo, ai tem o negócio do banco, do apoio, ai ficaria fácil para mim, pois ficaria aqui, porque o pessoal pede bolo, tão pedindo bolos recheados, só que eu estou com dificuldade de manter o trabalho, quero fortificar meu trabalho, por este motivo, é outro meio de buscar para investir, eu já procurei alguém para me emprestar, mas as pessoas parece que não acreditam em você, dúvida de você, do seu trabalho, mas eu vou conseguir, já tem 2 anos e 5 meses que estamos nisso ai, foi tudo antes de começar o curso, ai durante o curso foi aplicando mais.

Entrevistadora: E vocês vendem a onde?

Rosa: Na rua, de casa em casa.

Entrevistadora: Mas então os conhecimentos adquiridos no curso, você tenta aplicar, tem algum que consiga dar exemplo? Em aplicar no dia-a-dia no trabalho de vocês?

Rosa: Foi esse lado, que agora compro só o necessário, você sabe né, nada de supérfluo mais, agora é só o necessário, até as crianças acham ruim, mas é só o necessário mesmo.

Entrevistadora: Então tá, gostaria de agradecer sua participação.

Rosa: (risos) mas você sabe que por conta da minha escolaridade fico com vergonha de responder muita coisa.

Entrevistadora: Mas está tranquilo, não tem certo nem errado.

Observações

1. A entrevista foi realizada no quintal da casa de Rosa, estava presente no local sua vizinha com sua filha.
2. Após encerrar a entrevista conheci o local onde ela e seu esposo fabricam o pão, no momento ele estava sovando uma massa, conversamos e eles explicaram que atualmente até possuem bastante encomenda, mas não possuem dinheiro o suficiente para comprar o material, não tem dinheiro por exemplo para terem ingredientes em estoque, se alguém fizer

um pedido grande, não teriam como atender. Eles informaram que começaram a fazer pão em uma época muito difícil para eles, e que tinham apenas 2kg de trigo para começar. Rosa informou que se tivessem um dinheiro para investir comprariam um forno melhor, e arrumariam a cozinha da casa.

2ª ENTREVISTA – MARGARIDA

IDENTIFICAÇÃO: 33 anos, Casada, E.M. Comp., 4 filhos, Recebe Bolsa família faz 3 anos, profissão cabeleireira.

Carla: Para você, o que é o Programa Mulheres Mil? Se alguém perguntasse sobre o Mulheres Mil, o que é, o que responderia?

Margarida: Eu aprendi muito a parte financeira, com o professor Marcus, eu não sabia administrar o meu negócio, sempre trabalhei nesta área de salão, mas eu não sabia administrar, não mexia com cheque nem cartão, era só um caderninho, anotado e me dava muito prejuízo, quando chegava alguém, pedia e anotava, entendeu, ai marcava para um certo dia e não recebia, ai muitas vezes chegava um cliente para me pagar na hora, e eu não tinha produto, então ele ensinou muito essa parte para gente, de administrar eu aprendi bastante com ele.

Carla: Mas assim, tem a parte do Curso de Empreendedorismo, mas em relação ao programa como um todo, que eles falam do Mulheres Mil, o que ficou?

Margarida: O Programa foi excelente, eu gostei muito, aprendi bastante, aprendi a desenvolver mais as coisas.

Carla: Como foi o acesso ao curso, para você chegar até o curso, foi fácil ou difícil?

Margarida: Tranquilo enquanto estava ali, na Escola Cândido Mariano, até ia de a pé, quando foi para lá no IFMS foi dificultoso, mas quando você quer não importa a distância, ficou um pouquinho mais longe, mas não foi muito difícil.

Carla: Durante o curso, como você se sentiu nas aulas, você tinha dificuldades em acompanhar os conteúdos que os professores passavam?

Margarida: Não, não tive não, só faltou mais aulas na parte de informática, isso ai que eu achei que faltou mais, foi muito pouco tempo.

Carla: E para frequentar o curso, foi como você falou, que estava em uma escola e depois ficou mais longe para ir, só foi esta dificuldade?

Margarida: Só, o resto foi tudo tranquilo.

Carla: Você teve apoio da sua família para fazer o curso? Para ir nas aulas?

Margarida: Tive, eu sempre gostei de participar destes cursos, nunca gostei de ficar sempre em casa, é bom você aprender mais.

Carla: Quando terminou o curso, já que o objetivo dele é aumentar a escolaridade, você chegou a voltar ou pretende voltar a fazer outro curso futuramente?

Margarida: Olha eu gosto muito desta área de estética, como Aquidauana não oferece muita coisa, mas eu pretende fazer alguma faculdade de estética.

Carla: E após a conclusão do curso, como está sua vida, mudou alguma coisa do que era antes?

Margarida: Mudou que nem eu te falei, eu aprendi muito a parte financeira, isto aí eu aprendi bastante.

Carla: Administrar melhor?

Margarida: Administrar melhor.

Carla: Então você consegue aplicar o conhecimento que adquiriu lá no dia-a-dia?

Margarida: Sim, lembro muito das palavras daquela professora Kelle, nossa ela ensinou muita coisa para gente, é uma pessoa excelente, aprendi muito com ela

Carla: Você poderia citar um exemplo?

Margarida: Por exemplo qualidade de vida, formação, nada é fácil, você não começa nada de cima, tem que batalhar, por exemplo meu salão, ainda não está do jeito que eu quero, mais vai ficar, é um objetivo meu.

Carla: Você tem uma meta?

Margarida: tenho uma meta, não está do jeito que eu quero, mais vai ficar.

Carla: E qual é sua dificuldade atualmente, você aprendeu a parte teórica, mas no dia-a-dia quais as principais dificuldades para você aplicar tudo que aprendeu?

Margarida: Tipo?

Carla: Por exemplo, você fez o curso de Empreendedorismo, tem o seu negócio, mas ainda falta muita coisa como você falou para ficar do jeito que você quer, o que você acha que falta, que se você tivesse conseguiria melhorar mais ainda o seu negócio, aproveitar o conhecimento que adquiriu, e aplicar no dia-a-dia, o que você acha que precisa melhorar, como você disse ainda não está do jeito que você quer.

Margarida: É na verdade não está do jeito que eu quero, aqui é alugado, é diferente de você ter o seu salão próprio, com a porta para rua, uma porta só para o salão, porque atendo na

entrada, mas é casa, não é a mesma coisa, diferente de você estar passando na rua e entrar no salão, esse que é meu objetivo.

Carla: Aqui quem são seus clientes?

Margarida: Então eu tenho uma clientela formada, fixa, e também tenho da vizinhança, e sempre está aparecendo, as pessoas indicam meu trabalho e voltam, nunca tive reclamação do meu trabalho, agora terminei um cursinho de maquiagem, que fiz pelo SENAC, foi 3 meses de curso, lá na Mulher.com, uma excelente profissional, aprendi muita coisa com ela.

Carla: Margarida eram estas as perguntas, gostaria de agradecer sua participação.

Observação: após o término da entrevista, a participante informou que está na espera do programa de casas populares pela prefeitura, quando mudar pretende continuar com seu negócio de salão de beleza.

3ª ENTREVISTA – HORTÊNSIA

Identificação: 61 anos, solteira, escolaridade: Fund. Incompleto I, 2 filhos, recebe bolsa família – 2 anos, profissão: refiladora aposentada, cursou Empreendedorismo.

Carla: Para você, o que é o programa Mulheres Mil? Por exemplo, se alguém perguntasse sobre o Mulheres Mil, o que falaria? Qual o objetivo?

Hortênsia: é um ensino que veio para nós aprender a administrar as coisas, o nosso produto que nós fizemos.

Carla: Além de administrar o seu negócio, você percebeu se tinha um outro objetivo além disso?

Hortênsia: Tinha, tinha objetivo da gente aprender outras coisas, mas não deu tempo.

Carla: Que tipo de coisas?

Hortênsia: Bordado, curso de corte de costura, para nós, porque nós quando chegamos nesta idade, já está encerrado lá para fora, então nós precisamos de um curso para aprender corte e costura, aprender bordar, aprender crochê, tricô, é o que serve para nós. Além do que nós já sabe fazer.

Carla: E como foi o acesso ao curso, fazer a inscrição, foi fácil?

Hortênsia: Para mim foi, teve uma reunião na bolsa família, ai foi oferecido, ai fui no CRAS, foi rapidão, e quando estava esperando já chegou a ligação para confirmar a matrícula, ai tava pronto, foi rápido.

Carla: E durante as aulas, como você se sentia?

Hortênsia: A minha obrigação de ir todos os dias para aula, eu gostava de ir, achei falta quando acabou menina, chegava aquele dia e parecia que estava faltando alguma coisa para gente fazer para ir embora. E já tinha acabado.

Carla: E durante as aulas, você tinha dificuldade em acompanhar os conteúdos que o professor passava?

Hortênsia: Não, não tive, graças a Deus não.

Carla: E quais eram suas principais dificuldades para frequentar o curso, para ir até na aula, você encontrava dificuldade para ir?

Hortênsia: não porque eu tinha minha condução própria, eu pegava e ia embora, não tinha chuva não tinha nada, nada me acercava, eu tinha que ir, de bicicleta, a única coisa que tive umas duas faltas, não sei porque, não lembro agora neste momento o que era, eu sei que teve um atrapalho ai, não sei se foi doença, se foi reunião da bolsa família eu não lembro neste momento.

Carla: E você teve apoio da sua família para participar do curso?

Hortênsia: Não, eu fui sozinha. Eu chamei minha filha para ir também comigo, ela participou, ainda eu brigava com ela porque faltava muito.

Carla: Você que incentiva então ela a participar?

Hortênsia: É para não faltar, porque eu tenho assim se eu for estudar eu não gosto de ter falta, porque se você perde hoje, perde matéria da professora, ai você vai pegar a matéria com um colega e não dá, o coleguinha não vai te explicar como a professora explicou, ai você vai fazer como o coleguinha explicou você não sabe

Carla: O curso incentiva as mulheres a voltarem a estudar, você chegou a retornar alguma coisa ou pretende retornar aos estudos?

Hortênsia: Não, para escola eu não quero mais, eu tenho 61 anos, você acha que vou retornar os estudos para lecionar São Pedro (risos). Eu tinha uma vontade de ser professora de matemática, e não consegui, porque meus pais eram muito rígidos, falava que mulher não precisava estudar, mulher não precisa isso, não precisa aquilo, então eu não tive aquele apoio, eu não tive nenhum colega, nenhum amigo que desse aquele empurrão, vai, vai, vai. Não tive. Em 75, 79, meu pai surrava a gente para não ir para escola, porque a gente se aprontava para ir, ai ele falava vai fazer isso, vai fazer aquilo, você não fez isso, vai fazer primeiro, ai como ia chegar atrasado já na hora do amém. Meu pai não deixava.

Carla: E após a conclusão do curso, como está a sua vida, mudou alguma coisa, com relação ao que era antes?

Hortênsia: Mudou, mudou assim, que agora nós tivemos uma aula lá, que assim você tem o seu produto, você tem seu dinheiro em caixa, você sai e você vende, e seu dinheiro está em caixa, você está com ele parado, mas você tem em caixa, você está com ele parado, mas você sai para vender e você tem seu dinheiro, se você não sai você não tem, então você sempre tem um dinheirinho ali, guardado, mesmo parado.

Carla: E como está sua vida profissional? Você percebeu se aumentou um pouco mais as vendas ou não, continua a mesma e você só consegue administrar melhor?

Hortênsia: Não, eu consegui administrar melhor, eu vendo mais, agora mesmo 17h tenho que levar para uma mulher lá, não é mais tipo assim, tinha que sair todos os dias, eu sai recebia e gastava tudo, agora não, saiu hoje, amanhã não precisa sair, e se eu sair eu vendo tudinho e volto. Muito bom.

Carla: No dia-a-dia você considera que conseguiu aplicar os conhecimentos do curso no negócio que você tem?

Hortênsia: Eu consegui, eu aprendi muito eu agradeço muito a vocês, que incentivou que levou o pessoal lá, agradeço muito.

Carla: Mas você, olhando seu negócio agora, teve a parte teórica, mas o que você acha que falta ainda, que você poderia melhorar?

Hortênsia: Financeiro.

Carla: Tipo investimento?

Hortênsia: Investimento, para você poder dobrar, dobrar ele, porque o que você tem da para você fazer só aquele produto para repor, então você compra aquele que você repõem, mas você não tem condições financeiras para trazer e fazer dois ou três receitas, você não tem estas condições financeiras.

Carla: Para ter em estoque e levar para outros lugares em bastante quantidade, esse não tem?

Hortênsia: Não tem, para eu fazer uma quantia, para fazer duas vezes para levar para Miranda, distribuir ou levar para Jardim, não tem. Porque se eu for fazer para lá, aqui falta, então eu não tenho condições, tenho condições financeiras para fazer só aqui mesmo, para fora não tenho. Outra coisa que eu queria fazer o cadastramento na prefeitura para poder vender, isso que eu queria conseguir.

Carla: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar, com relação ao curso?

Hortênsia: Não, não tem.

Observação: Após a entrevista, Hortênsia mostrou o local onde estoca seus produtos, ela informou que antes não tinha um local próprio para guardá-los, agora organiza em um armário os produtos de limpeza que estão prontos para venda, e em um outro os recipientes vazios que usará posteriormente.

4ª ENTREVISTA – AMARÍLIS

Identificação: 43 anos, união estável, E.M. Comp, Profissão: costureira, cursou Faixa Pantaneira

Carla: Para você, o que foi o Mulheres Mil? Qual que era o objetivo do Programa, você saberia dizer?

Amarílis: Assim, meu objetivo principal era fazer as faixas, eu tinha um sonho a muito tempo que era fazer as faixas e também poder conhecer novas pessoas, isso é muito importante na vida da gente.

Carla: E você conseguiria dizer qual era o objetivo do Programa Mulheres Mil? Do curso em si?

Amarílis: Acho que o objetivo do curso, seria assim estar tirando as pessoas, as mães da casa, porque que nem minha irmã, eu fui também participar deste curso por conta da minha irmã, lembra que ela tem um marido que é problemático, que judia dela, não deixa sair, e assim eu conseguiria fazer com que ela fosse, eu acho que esse curso era mais para isso, e para estar ensinando estas mulheres a se defender destas situações, acho que era esse o maior objetivo destes cursos. E como conseguiu, muitas pessoas ali se libertaram disso. Minha irmã só não conseguiu porque não foi participar do curso.

Carla: E você foi.

Amarílis: Eu fui, e se ela tivesse ido eu garanto para você, conseguiria se libertar desta situação que ela vive até hoje, porque ela não pode sair de casa, se ela sair o marido já vai atrás espancando. E no curso foi ensinado muito isso para as pessoas, a ser mais livre, não ficar apenas dependendo do marido.

Carla: Durante o curso, como você se sentia durante as aulas? Você teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos que eram passados pelos professores?

Amarílis: Não, assim dificuldade não, tinha coisas mais difíceis como matemática, estas coisas a gente até tinha um pouco de dificuldade, mas os professores são muitos bons, conseguem passar bem as coisas para gente, foi muito bom.

Carla: Você teve alguma dificuldade para frequentar o curso?

Amarílis: Para frequentar não, foi um horário bom que foi a noite, que a gente pode estar participando, então não tive dificuldade não, porque não tive quase falta.

Carla: Você teve apoio da sua família para participar?

Amarílis: Sim.

Carla: Após o curso, você chegou a retornar seus estudos ou pretende fazê-lo?

Amarílis: Não

Carla: E após a conclusão do curso, como está sua vida, mudou alguma coisa do que era antes ou não?

Amarílis: Ah sempre muda porque, você aprende muitas outras coisas, todo vez que você participa de um curso deste você abre mais sua mente, você fica mais instruída com todas as coisas, então acaba que muda na vida da gente, a gente cresce um pouco mais.

Carla: E você conseguiu aplicar os conhecimentos adquiridos no curso, no dia-a-dia no seu trabalho, em alguma atividade, alguma forma você aplica ou não?

Amarílis: Por enquanto ainda não.

Carla: e o que você acha que falta para você conseguir aplicar?

Amarílis: Então eu acho que deveria ter um acompanhamento de um designer, ajudando a gente neste ponto, porque que nem a faixa, tem um monte de jeito para gente estar usando, por exemplo nas camisetas, nas blusinhas, só que tinha que ter ajuda de alguém. Porque a gente viu lá, em cinto, em bolsa, seria bom se tivesse um outro curso que pudesse complementar esse, para gente poder estar aplicando, porque só em si a faixa eu acho difícil a gente conseguir em vender, muitas faixas para os peões pantaneiros, mas então se conseguíssemos fazer este trabalho, daria para aplicar em outro tipo de trabalho, bolsa, chinelo, aí ficaria bom.

Carla: Então tá, era mais isso, obrigada pela sua participação.

5ª ENTREVISTA –VIOLETA

Identificação: 34 anos, casada, E.M. Comp., 1 filha, recebe bolsa família a 3 anos, Profissão : Merendeira, cursou Faixa Pantaneira.

Carla: Para você, o que foi o Programa Mulheres Mil?

Violeta: Bom, foi um programa muito importante para mim, que eu conheci várias pessoas, histórias né, histórias de vida, que também incentivaram bastante, eu também aprendi a fazer a faixa.

Carla: E para você, o que seria o objetivo do Programa Mulheres Mil, você saberia falar?

Violeta: (silêncio)

Carla: Pode falar o que vir na sua cabeça, se alguém perguntasse o que faz no Mulheres Mil, o que eles querem fazer, se alguma amiga perguntasse, o que você responderia?

Violeta: Acho que foi assim, incentivar mais a mulher, ser mais independente, buscar seus objetivos, foi isso.

Carla: Durante o curso, como você se sentiu durante as aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos que os professores passavam?

Violeta: Não, fui bem.

Carla: E quais as principais dificuldades encontrada, para frequentar o curso, você tinha alguma, no dia da aula na escola onde tinha o curso.

Violeta: Era mais dia de chuva, quando estivesse chovendo era mais complicado, por conta da região, barro.

Carla: Você teve apoio da sua família, para frequentar o curso?

Violeta: Sim, tive.

Carla: Após o curso, você retomou seus estudos ou pretende fazê-lo de alguma forma?

Violeta: Eu mudei bastante minhas ideias, eu comecei a trabalhar.

Carla: Você não trabalhava antes?

Violeta: Não, nunca trabalhei, aí comecei a trabalhar, fiz o ENEM o ano passado, já faz uns 12 anos que terminei o Ensino Médio, nunca fiz nada de curso, esse foi o primeiro e me incentivou bastante. Depois já fiz um curso pelo PRONATEC, foi auxiliar administrativo, foi pelo Mulheres Mil que fiquei sabendo.

Carla: E você está trabalhando a onde?

Violeta: Na Pestallozi

Carla: Então após a conclusão do curso, como está sua vida? Você acredita que mudou alguma coisa, em relação ao que era antes?

Violeta: Mudou, principalmente no emprego, no modo de pensar, mudou bastante.

Carla: Com relação isso como que foi, por exemplo, seu esposo ele te incentivou ou você teve que batalhar por isso?

Violeta: Não, ele incentivou bastante

Carla: Você trabalha que horas lá?

Violeta: No período da manhã.

Carla: Você conseguiu aplicar os conhecimentos adquiridos no curso, no seu dia-a-dia, ou na sua vida profissional?

Violeta: Sim, também.

Carla: Você poderia dar algum exemplo?

Violeta: Mais na forma de se expressar, porque eu não era muito de dar opinião, ter ideias próprias, porque sempre foi falado muito isso no Mulheres Mil, da mulher ser independente, ter ideias e isso tudo.

Carla: Você considera que poderia estar melhor, teria alguma sugestão para o curso, que poderia facilitar, por exemplo você não trabalha com a Faixa Pantaneira em si, você acha que poderia ter feito uma outra coisa, o próprio curso para trabalhar com isso ou não? Você que seguiu outros caminhos mesmos.

Violeta: Acho que faltou a continuidade, tinha um projeto que não terminamos que era fazer a cooperativa, eu acharia bom se tivesse mesmo a cooperativa, para continuar, quando você ligou até falei para uma amiga, tomara que seja da cooperativa.

Carla: Então eram estas as questões. Gostaria de agradecer sua participação.

6ª ENTREVISTA – ACÁCIA

Identificação: 29 anos, união estável, E.Fund Inc. I, bolsa Família: 2 anos. Profissão: Do lar, cursou Faixa Pantaneira.

Carla: Para você o que foi o curso Mulheres Mil, se alguém chegasse e perguntasse o que foi o curso Mulheres Mil, para o que foi para você? Qual era o objetivo do Programa Mulheres Mil?

Acácia: Foi bom para mim aprender.

Carla: O que você aprendeu lá, você lembra o que foi bom para você?

Acácia: Aprender a mexer com faixa mesmo.

Carla: E durante o curso como você se sentia nas aulas? Você tinha dificuldade em acompanhar o conteúdo, as aulas que os professores passavam?

Acácia: Não

Carla: Fazia bem?

Acácia: Fazia.

Carla: E quais as principais dificuldades que você encontrava para frequentar o curso? Você tinha dificuldade para ir à escola e estudar?

Acácia: Não

Carla: A noite não tinha problema?

Acácia: Não, não tinha problema

Carla: Você teve apoio da sua família? Do seu esposo para estudar.

Acácia: Eu tive

Carla: Depois que você terminou, você chegou a fazer um outro curso ou pensa em voltar a estudar?

Acácia: Não

Carla: E como está sua vida agora, mudou alguma coisa ou não, continua a mesma coisa do que era antes?

Acácia: Mudou.

Carla: E o que você considera que mudou?

Acácia: [silêncio]

Carla: Você saberia dar algum exemplo?

Acácia: [silêncio]

Carla: Teve alguma coisa que você aprendeu e conseguiu fazer aqui na sua casa, no seu dia-a-dia?

Marido responde: foi só isso mesmo que aprendeu.

Carla: Você não está fazendo faixa?

Acácia: Não

Carla: Tem algumas mulheres que pensam em se reunirem para fazerem a faixa, você teria interesse em participar do grupo ou tem interesse em trabalhar por conta própria em casa?

Acácia: Eu gostaria

Carla: o.k. Então era isso Acácia, gostaria de agradecer sua participação.

Observação: A entrevista foi realizada no quintal da casa da entrevistada, e seu esposo ficou a todo momento próximo da entrevistada.

7ª ENTREVISTA – AÇUCENA

Identificação: 37 anos, solteira*, E. Fund. Inc. 4 filhos, recebe bolsa família há 7 anos.
Profissão: autônoma

*Filho: faz dia que ela era casada né mãe.

Carla: Para você o que foi o Mulheres Mil, o que foi o curso? Se alguém chegasse para você, e perguntasse o que era, como você responderia?

Açucena: Foi um bom aprendizado

Carla: E você saberia falar qual foi o objetivo do Programa Mulheres Mil? Qual era o objetivo do curso.

Açucena: Ressuscitar a nossa cultura, que é muito esquecido já.

Carla: Durante o curso, como você se sentia durante as aulas, você teve dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Açucena: Um pouco da matemática.

Carla: Mas como você sentia nas aulas?

Açucena: ah eu me sentia bem

Carla: Quais as principais dificuldades que você encontrava para ir no curso?

Açucena: é por causa deste aqui (apontando para o filho), as vezes quando chego estão todos dormindo, ai chego e a porta está aberta, ai fica só as crianças na casa.

Carla: Quantos anos que tinha o maior que ficava cuidando.

Açucena: Ele tem quinze, estava aqui agorinha de vermelho.

Carla: Então você tinha dificuldade em deixar os filhos em casa. Você teve apoio da sua família, para fazer o curso.

Açucena: Eu tive, porque minha mãe morava do lado e ficava cuidando as crianças, minha irmã lá no fundo, me ajudou muito no curso.

Carla: Após terminar o curso, você chegou a voltar a estudar ou pretende fazer?

Açucena: Eu pretendo fazer.

Carla: Qual você pretende fazer?

Açucena: Qualquer um.

Carla: E após a conclusão do curso, como que está sua vida, você acredita que mudou alguma coisa, ou continua a mesma coisa?

Açucena: Mudou

Carla: Mas o que você acha que mudou, você poderia dar algum exemplo?

Açucena: Minha casinha mesmo, agora graças a Deus teve como aumentar um pouquinho

Carla: Mas foi alguma coisa que você aprendeu durante o curso que ajudou?

Açucena: Sim, porque do tempo que eu tinha parado de estudar já tinha esquecido tudo.

Carla: Você conseguiu aplicar na sua vida alguma coisa que aprendeu durante o curso? Seja da Faixa Pantaneira ou de outras matérias que você tinha.

Açucena: Um pouco.

Carla: A Faixa Pantaneira você não faz? Chega a produzir alguma coisa?

Açucena: Não porque tem que ter o tear, e não teve como mandar fazer.

Carla: Se tivesse um grupo para fazer a faixa pantaneira, você teria interesse em participar, ou prefere trabalhar sozinha?

Açucena: Mas iria ficar lá mesmo no Sapicué

Carla: Sim, ficaria muito longe para você?

Açucena: não, é que ficaram de ligar para mim, mas ninguém ligou.

Carla: Gostaria de agradecer sua participação.

8ª ENTREVISTA – ANIS

Identificação: 39 anos, união estável, E. M. Inc., 3 filhos, recebe Bolsa família, profissão: autônoma, cursou Empreendedorismo.

Carla: Para você, o que é o Programa Mulheres Mil. Você saberia falar. Quais eram seus objetivos do projeto.

Anis: Ah, foi um objetivo para a gente aprender a nos proporcionar né, o nosso ganha pão de cada dia. O que a gente fazia era de uma forma e acabou mostrando que não era a forma exata e sim a mostrar a maneira da gente fazer o nosso crescimento, no nosso salário, né.

Carla: Como que você chegou até o curso? Como foi seu acesso?

Anis: Pelo CRAS, teve as inscrição, aí eu fiz a inscrição.

Carla: Durante o curso como se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Anis: Não, graças a Deus não.

Carla: Quais as principais dificuldades encontradas para frequentar o curso?

Anis: O horário que era puxado para mim, mas a gente sabia levar.

Carla: O horário era a noite?

Anis: A noite.

Carla: Na época você trabalhava?

Anis: Eu trabalhava saia a cinco horas do serviço e ainda tinha que chegar em casa e deixar a janta pronta pra as crianças, como eu entrava as cinco e quarenta no curso então era isso, era puxado pra mim.

Carla: Você teve apoio da sua família para participar do curso?

Anis: Sim, da família e dos amigos.

Carla: Após o curso você retornou seus estudos ou pretende fazer?

Anis: Retornei já estou cursando o primeiro ano. Que eu estava, eu tinha parado na sexta, na sexta série. Já estou no primeiro, graças a Deus, e vou terminar meus estudos.

Carla: Na época que você fez Mulheres Mil ? Você estava sem estudar ?

Anis: Estava sem estudar

Carla: Você cursou até a sexta série?

Anis: até a sexta série. Ai passou um ano eu retornei o ano passado.

Carla: Após a conclusão do curso, como que está sua vida? Mudou alguma coisa em relação ao que era antes?

Anis: Está bem, graças a deus. Que agora eu ganhei meu dinheirinho dentro de casa. Trabalho dentro de casa e ganho meu dinheiro, com o que eu faço para vender na rua.

Carla: Antes você trabalhava assim?

Anis: Trabalhava para os outros, né, e hoje não. Hoje eu trabalho para mim, e tiro meu dinheirinho.

Carla: Você conseguiu aplicar algum conhecimento adquirido no curso na sua vida?

Anis: As aulas de matemática. O lucro.

Carla: Ahh, antes você não conseguia, não tinha essa noção ?

Anis: Não, não é que era sem noção. É que é assim, tudo que a gente pegava né em vez da gente aplicar a gente, praticamente jogava fora né, com coisas que não tinha importância, mas hoje não. Hoje a gente aplica e aumenta o lucro nosso.

Carla: Você falou na época do Mulheres Mil estava na sexta série, fazia muito tempo que você tinha parado de estudar?

Anis: huumm, acho que fazia uns doze, treze anos que eu não estudava.

Carla: Qual foi o motivo principal para ter parado de estudar?

Anis: Problemas particulares. Eu engravidei e não tive mais condição de estudar.

Carla: Você percebia, se tinha alguma diferença, se na época que você era mais jovem, era incentivada ou não para estudar?

Anis: Não, porque antes eu tinha que trabalhar para ajuda minha mãe. Minha mãe tinha um comércio e eu tinha que trabalhar junto com ela. Ai não tinha condição de trabalhar e cuidar da filha ao mesmo tempo e fazer os estudos.

Carla: Você teve mais irmãos?

Anis: Mais cinco.

Carla: Eles estudaram ou não?

Anis: Todos são formados.

Carla: São formados?

Anis: São.

Carla: Então tá. Anis, era isso. Tem alguma outra coisa que queria colocar?

Anis: O que eu posso dizer é que para mim foi muito importante né. Foi uma aprendizagem que eu aprendi que tudo que a gente vai fazer a gente tem que fazer com amor, com carinho para dar certo. E lá tudo que ensinou passaram para nós. Foi isso. Foi o respeito, a admiração, né, o amor, o carinho. Que sem isso a gente não consegue fazer nada, não consegue montar nada. né?

Carla: Então tá, obrigada pela sua participação.

Anis: De nada.

9ª ENTREVISTA – CAMÉLIA

Identificação: 39 anos, união estável, Fund. Inc., 3 filhos, recebe benefício do governo (1 ano e meio), profissão: do lar e vendedora, cursou Empreendedorismo.

Carla: Camélia, para você o que foi o Programa Mulheres Mil? Quais foram os objetivos?

Camélia: Para mim foi uma coisa assim, muito importante. É eu acho assim, que foi uma coisa que lembrou muito. Tipo assim, no começo, né. Aquela história do início da vida

história da gente, assim, foi uma coisa muito, muito marcante, foi muito importante, aprendi muito mesmo.

Carla: Você fez o mapa da vida?

Camélia: Isso, fiz o mapa da vida, comecei a relembrar aquela história do começo, aí comecei a relembrar tudo, dos meus pais, lá do início tudo. Foi assim, uma coisa muito importante para mim.

Carla: Como que você chegou até o curso?

Camélia: Como que eu cheguei? Eu fui na reunião do bolsa família né, aí lá eles falaram que estava tendo esses cursos. Que era para procurar o CRAS, quem se interessasse, para fazer inscrição, daí fui e fiz, fui sorteada né. Para fazer, porque tinha entre muitas, algumas iam ser escolhidas. Para mim foi muito bom, foi muito importante.

Carla: Durante o curso como você se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Camélia: Não! não tive. Para mim foi tudo muito bom.

Carla: Como você se sentia nas aulas? Porque fazia tempo que você não estudava?

Camélia: Aham não, assim todo mundo se ajudava né, dos professores, os alunos, quando sabia, o outro. Assim, no começo é meio difícil porque depois de alguns tempos que não ia na aula. Mais depois foi normal, foi bom. Adorei.

Carla: Quais foram as principais dificuldades que você encontrou para frequentar o curso?

Camélia: Quando tinha as aulas de matemática. Que era, sempre fui um pouco ruim em matemática né, mais as outras aulas assim normal, mais depois não teve.

Carla: Você teve apoio da sua família para participar do curso? Do seu esposo, dos seus filhos?

Camélia: Assim tive, porque eles incentivava né, assim, fala assim, é muito bom participar, estar fazendo coisa diferente. E para mim foi muito bom, nossa, ficava contando os dias, para ir para lá, até assim, quando acabou eu senti muita falta, porque já estava bem acostumada.

Carla: Após o curso, você chegou a retornar os seus estudos? Fez algum outro curso? Ou pretende fazer ainda?

Camélia: Não, não fiz. Assim, não fiz ainda, mais eu pretendo fazer. Inclusive naquele dia marcou para ir na reunião lá. Eu estava falando, a tomara que a oportunidade de outros cursos né. Aquela reunião que teve lá foi muito boa né, de economia solidária.

Carla: Após a conclusão do curso, como que está sua vida, você considera que mudou alguma coisa em relação ao que era antes? Considerando o que você aprendeu no curso.

Camélia: É eu aprendi mais, assim, porque tive. Eu mexo com vendas né, ai teve aquelas aulas lá né, do professor tudo para administrar o dinheiro, como administrava as coisas então melhorou.

Carla: Então você conseguiu aplicar o conhecimento que você adquiriu no curso aqui para sua casa, para sua vida?

Camélia: Com certeza né, e aprendi bastante, porque tipo eu né. Que nem ele explicou, as vezes a gente ganha um pouco faz conta mais do que aquilo e então é assim que funciona né. Estou aprendendo, cada dia mais e para mim foi muito importante mesmo pra mim aquele curso. Nossa foi ótimo.

Carla: Você parou de estudar na sexta série. Quantos anos você tinha?

Camélia: Eu tinha, morava lá no nordeste eu devia ter o que, se agora eu estou com trinta e nove (39) está com dezenove anos (19) que eu vim para cá, eu deveria ter uns 17 anos. Por ai uns 17.

Carla: Porque que você teve que parar de estudar?

Camélia: Na época eu morava no sitio, ai tipo a gente era muito apegado aos pais ai tive que ir para cidade pra estudar. Ai era muito apegado, sentia muita falta, muita saudade.

Carla: Você morava onde...? Morava com quem quando você ia para cidade?

Camélia: Com a minha irmã. Mai não era mesma coisa que morar com a mãe, lá em Pernambuco nordeste que eu morava. Ai eu vim morar pra cá. Para Aquidauana, quando eu cheguei aqui eu comecei a estudar só que dai eu tinha muita dificuldade para estudar, o colégio era longe, ai comecei a estudar com os colegas, ai eles desistiram, ai eu tinha que trabalhar durante o dia. Ai a noite ficava difícil, ai eu parei, logo em seguida eu casei, ai veio os filhos, e ficou cada vez mais difícil né ficou mais difícil.

Carla: Você tem alguma consideração para falar com relação ao projeto?

Camélia: Assim eu falo assim que para mim eu acho foi muito, mais muito importante mesmo. Como eu falo pra todo mundo. Hoje eu estava falando para minha irmã, nossa falei como a gente aprende o bastante as coisas da vida, porque aquele curso foi muito importante para mim igual agora eu falei, igual agora me avisaram, eu não sabia o que era economia solidária fui no curso, aprendi e eu falei pra ela. Tem muitas coisas que tem que aprende, que a gente não sabe, então nessas reuniões, nesses cursos eu aprendi muita coisa mesmo. Para mim foi ótimo, assim quando você ligou sabe, foi muito bom, foi muito maravilhoso. Então

eu pretendo também que surja outros cursos para gente estar fazendo, para estar aprendendo cada vez mais. Né? e é isso.

Carla: Obrigada.

10ª ENTREVISTA – DÁLIA

Identificação: 53 anos, união estável, Escolaridade: fund. Inc., 4 filhos, recebe benefício do governo (3 anos), profissão: cozinheira, cursou Empreendedorismo.

Carla: Para você o que foi o Programa Mulheres Mil? Quais que foram os objetivos?

Dália: Para mim foi ótimo, porque eu aprendi bastante coisa né, como manejar o dinheiro que eu não sabia né, porque eu pegava e gastava tudinho. E tinha uma mania também de vende a prazo e no final das contas eu também não recebia, acabava levando prejuízo né, eu vendia bastante mas no final das contas eu acabava tendo prejuízo. Agora eu vendo menos, mas a vista.

Carla: Como a senhora chegou ao curso? Ficou sabendo das inscrições?

Dália: Pelo CRAS, eu fui no CRAS e estava lá o convite, me informei ai eu procurei e fiz.

Carla: Durante o curso como você se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Dália: Não, não tive muita dificuldade não, porque eram aulas específica né. Me ajudaram muito.

Carla: Fazia tempo que você não estudava?

Dália: faz mais de 30 anos.

Carla: Você teve alguma dificuldade?

Dália: Não, não tive porque eu leio muito né, me mantenho informada então não tive muita dificuldade.

Carla: Quais foram suas principais dificuldades para frequentar o curso?

Dália: É que eu morava na São Francisco, eu tinha que sair meio dia, de bicicleta né, Atravessa quase toda a cidade para chegar , atravessava a cidade, São Francisco é para cá e atravessa a cidade para entra lá [apontou com a mão].

Carla: Você teve apoio da sua família, do seu esposo, dos filhos?

Dália: Da minha filha.

Carla: E do seu esposo?

Dália: Ele nem sabe. Daí quando ele ficou sabendo já estava no fim do curso.

Carla: Mas senhora acha que ele não iria deixar fazer o curso ou não precisou contar?

Dália: Porque ele fica na fazenda. Ai quando ele chegou aqui já estava acabando o curso.

Carla: Após o curso, você chegou a retomar os seus estudos? Fazer algum outro curso? Ou pretende fazer ainda?

Dália: Eu retomei os estudos ano passado né, pelo EJA. Só que tenho problema de diabete. Aí ela começou a subir, subir, eu acabei ficando internada e fui proibida de estar andando, principalmente tarde da noite por causa que eu podia ter uma crise e de repente e cair pela rua. Como eu ia sozinha e fico sozinha na casa ai tive que parar. Não cheguei a terminar o ano.

Carla: Após a conclusão do curso, como que está sua vida, você considera que mudou alguma coisa em relação ao que era antes, em questão do seu negócio mudou alguma coisa depois que você fez o curso?

Dália: Mudou, na verdade eu queria terminar os estudos. Mas com esse problema, eu não posso estar indo na escola. Eu tenho horário para comer, eu tomo insulina. Então eu não posso passar do horário, eu não posso comer as merenda das escolas, então ficou uma dificuldade, além de que a escola é longe.

Carla: Qual que era a escola?

Dália: É o Doris. Eu não posso sair sozinha a noite. De repente ela sobe de repente ela abaixa. Então eu estou tendo dificuldade nisso, mas mudou minha visão de trabalhar nas vendas.

Carla: Como assim?

Dália: Achava que se vendesse bastante ia ser mais lucrativo, no fim as pessoas acabam comprando fiado. Para receber é um problema, as vezes você nem recebe. Ai mudou né, porque se eu vendia 70, 80 eu passei a vender menos, mas com certeza que vai ganhar.

Carla: Então antes você tentava vender o máximo possível para todo mundo sem se importar se a pessoa iria pagar ou não. Agora não, a senhora primeiro verifica se a pessoa vai pagar?

Dália: Geralmente a vista né, a prazo só para aquelas pessoas que já sei, mais assim por semana também não por mês. Vai pagar no sábado, mais aquelas pessoas que sei que vai pagar.

Carla: Então você conseguiu aplicar o conhecimento que você adquiriu no curso aqui para sua casa, para sua vida?

Dália: Eu aprendi a economizar, porque eu não conseguia economizar de jeito nenhum.

Carla: Não?

Dália: Eu não conseguia não tinha jeito de economizar. Aprendi a economizar, a ter maior relacionamento com as pessoas. Porque eu tinha dificuldade em ter.

Carla: Como assim?

Dália: A me relacionar com as pessoas, assim, para conversar.

Carla: A senhora tinha dificuldade?

Dália: É porque fiquei muitos anos sem trabalhar, confinada na fazenda. Então fiquei naquele mundo pequeno, eu desaprendi, então eu aprendi a me relacionar mais com as pessoas, conhecer mais, mais conhecimento né, a olhar preço. Eu chegava assim, eu não olhava preço, eu chegava zam pum, comprava. Não importava o preço, eu chegava e já comprava, agora eu olho o preço, data de validade.

Carla: A senhora faz o pão para vender?

Dália: Pão, biscoito, essas coisas.

Carla: Aprendeu a organizar?

Dália: A planejar é isso.

Carla: Tem alguma coisa que você gostaria de falar relacionado ao programa mulheres mil?

Dália: Foi ótimo, foi importante para mim, até de vez enquanto passo para minha filha agora. Eu quero que ela economiza, agora eu estou querendo construí minha casa então já fiz o planejamento, para começar comprar o material, até aprendi que a gente ir pagando o material adiantado para construir a casa já não tem mais o debito para paga né, porque fez a compra adiantado, e vai pagando e isso também não sabia , então agora vou começa a comprar o material para minha casa.

Carla: Quando foi que a senhora parou de estudar? Qual foi o principal motivo?

Dália: Na época eu trabalhava de dia né, eu estudava a noite. E começou me dar um problema, principalmente da matemática, modéstia à parte eu sou boa na matemática. Mais eu acho que o esforço, o estudo de hoje era o de antes, que é a raiz quadrada, essas coisas, ai eu comecei a ter uma espécie de desmaio na sala de aula, quando comecei a me esforçar de mais, fui no médico e o médico me proibiu de estudar.

Carla: O médico proibiu?

Dália: Proibiu por causa que tinha um distúrbio , e comecei a toma uns remédios pesados , ai ele falou que eu não podia mais estuda. Ai eu parei

Carla: A senhora parou, porque o médico falou que não podia mais estudar?

Dália: Porque quando eu me esforçava de mais me dava um branco e eu caia, desmaiava. E depois eu descobri que era um negócio de disritmia.

Carla: Tipo uma epilepsia?

Dália: Exato, tipo uma epilepsia.

Carla: Então dona Dália, era isso, obrigada pela sua participação.

11ª ENTREVISTA – ÍRIS

Identificação: 46 anos, solteira, escolaridade: E.M.inc, 1 filho, profissão cozinheira, cursou Empreendedorismo.

Carla: Para você o que foi o programa mulheres mil? Quais foram os objetivos do programa?

Iris: Ah, o objetivo que acho que é que eu aprendi muita coisa. Para mim foi tudo de bom, que eu estava desempregada e foi um curso que chegou numa boa hora.

Carla: E qual seria a ideia geral do programa?

Iris: Igual eu disse pra você, nem sei como explicar, para mim foi bom, eu aprendi algumas coisa que eu não sabia entendeu, é isso, aprendi muita coisa, fiz amizade, foi muito bom.

Carla: Como a senhora chegou até curso? Como você fez sua inscrição?

Iris: Através da minha amiga Jasmim, que ela foi fazer, ela ligou para mim que inclusive nós duas trabalhava junto eu estava desempregada e ela também. Ela ligou e estava saindo esse curso. Daí agente foi fazer a inscrição e deu certo.

Carla: Vocês fizeram pelo CRAS?

Iris: Aham (a entrevistada fez sinal positivo com a cabeça)

Carla: Durante o curso como você se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Iris: Não! Não tive não, os professores explicavam, se a gente não entendia eles iam na mesa, eles eram muito atenciosos

Carla: Como você se sentia nas aulas?

Iris: Eu me sentia super bem, eu gostava.

Carla: Quais foram suas principais dificuldades para frequentar o curso?

Iris: Única dificuldade, bom já que é para fala a verdade, é que eu estava fazendo o curso e meu casamento estava desmoronando, tinha vez que não dava para mim ir, mais eu fui

tudinho todas às vezes, mas faltava e assim, me deu um problema de saúde, mas avisa os professores e eles entendiam e não colocavam faltas, só isso.

Carla: Você teve apoio da sua família para frequentar o curso?

Iris: Da minha filha, porque minha família é tão grande, é eu e minha filha.

Carla: Mas na época o seu esposo sabia que você estava fazendo o curso, te apoiava?

Iris: eu comecei a fazer o curso ele estava na fazenda, mas só que ele incentivou, mas tinha vez que saia do curso e a gente ia toma um refrigerante e a gente esquecia que a aula acabava acho que era nove e meia e chegava onze hora, daí por isso que teve esse probleminha. Mas nada grave.

Carla: Após o curso, você chegou a retomar os seus estudos?

Iris: Não, inclusive agente pretendia fazer mais no Marly Russo não teve, falaram que ia ter o EJA, mais não teve. Lá para o CEJAR fica muito longe, fica contramão para gente, mais eu tenho vontade, sempre falei.

Carla: Mas o que dificultou foi a localização da escola?

Iris: Se tivesse no Marly Russo com certeza eu e a Jasmim a gente iria continuar. A gente tem vontade, entendeu.

Carla: Após a conclusão do curso, como que está sua vida, mudou alguma coisa em relação ao que era antes ou não fez diferença?

Iris: Mudou sim. Mudou um pouco.

Carla: Mudou o que, por exemplo?

Iris: Sei lá mudou como se diz, quando eu fiz o curso, mudou assim que eu e a Jasmim agente estava, a gente ia fazer uma espécie de cooperativa né, e todo mundo estava querendo fazer, só que daí todo mundo (não completou a frase), mas mudou bastante, a gente aprendeu. Algumas coisas assim, não entro muito nas ideias né, mas algumas coisas valeu a pena sim. Eu já estou criando até, eu já sou uma empreendedora, eu crio galinha e codorna, é e eu falei pra Jasmim eu sou.

Carla: Então você conseguiu aplicar o pouco conhecimento que você adquiriu no curso no seu dia-a-dia?

Iris: Aham (sinal positivo com a cabeça)

Carla: Você conseguiria dar um exemplo?

Iris: Ah do dia-a-dia, acho que é isso aí, como a guria falou lá, eu vou fazer uma horta igual o professor falou, eu vou fazer sabão, vender essas coisas, eu fui para as galinhas e codornas eu acho que eu estou fazendo alguma coisa. Eu acho que sim.

Carla: Além do seu emprego fixo você tem uma coisa que você pode tirar uma renda?

Iris: É eu posso, se eu vender, porque inclusive agora eu estando aqui, minha mãe que fica lá, eu estou criando, mas inclusive eu quero fala a verdade eu nem vendo eu dou para as pessoas.

Carla: Você cria e doa para algumas pessoas?

Iris: É e já tem muito, como minha mãe falou já tem bastante. E as codorna ai eu dou, por que as pessoa que vai comprar, é as pessoa que assim são tão humildizinha coitados, se ele tem aquele cincão, se ele vai comprar ovo da minha pessoa ele vai faltar o pão das criança, ai eu dou entendeu?

Carla: Entendi. E faz tempo que você parou de estudar?

Iris: Faz.

Carla: Você lembra o motivo?

Iris: O motivo que eu parei de estudar, que eu fiquei doente eu perdi os movimentos das minhas pernas, fiquei de cadeira de roda. Eu estudava no Marly Russo e era eu e minha filha, daí minha irmã ia na escola, para assim, porque tinha que me dar trabalho essas coisa, e ninguém, nem da escola, da escola nunca vinha me visita, saber porque eu parei. Dai eu não estudei mais.

Carla: O motivo da paralisação? Teve algum diagnóstico?

Iris: Teve eu operei dos meus nervos, porque minha perna é toda cripada. E por causa da minha coluna.

Carla: Mas com quantos anos?

Iris: Quer ver, acho que esta com uns três ou quatros anos que aconteceu isso.

Carla: E antes quando você era mais jovem?

Iris: Ah é que eu não gostava de estuda não.

Carla: Porque você não gostava?

Iris: Ah eu não gostava assim, porque de primeiro você sabe que a educação era mais rígida né, e minha mãe assim, nossa, estudei no Modelo ai tinha a estação eu ficava jogando turi. Eu sempre fui terrível para mim estuda. Eu não gostava. Inclusive eu gosto de lê eu não suporto escrever, eu não tenho *whats* por causa disso, eu não gosto. Lê você me da qualquer coisa que gosto de ler.

Carla: Sim, mas escrever?

Iris: Não, ai apanhei muito, acho que fiquei com aquilo, por isso minha mãe batia, porque falar igual outro os meus irmãos tudo tem faculdade, tem tudo. É a única que é doméstica,

não que eu não tenha orgulho por isso, mais que não tem mais estudo formado, sou eu, porque tudo meus irmão, porque minha mãe era lavadeira, agente teve a oportunidade.

Carla: Ela incentivava?

Iris: É mais porque minha mãe é analfabeta, mais só que eu mesma por si mesmo eu não quis. Dai eu fui morar na casa dos outros, trabalhar, eu não quis mais.

Carla: Mas na escola você não se enquadrava? Com o estudo?

Iris: Não, ah eu era uma criança muito rebelde, era rebelde, porque minha mãe era uma pessoa muito sofrida ela batia muito, sabe? E eu ia na escola por ir, mas eu nunca tive aquela vontade. Agora eu me arrependo se você perguntar. Porque ser doméstica é muito bom, mais é um serviço sem valor e sofrido. Eu fiquei doente de tanto trabalhar assim de doméstica. E não era em um serviço, era em quatro serviço. E eu fiquei muito mal, o patrão não dá valor e é um serviço que eu falo pra minha filha, minha filha estuda em Campo Grande na escola Militar. E eu falei para ela, agora ela quer sair eu disse para ela: “bom, se você quiser, se não que mais estudar, você pode pegar meu posto está lá, de doméstica, vai fazer o serviço que eu fazia, se não quer estudar. Você tem o exemplo que é sua mãe que não estudou. Eu quero o melhor para você.” Igual a minha mãe queria pra mim, mais eu não entendia. Você entendeu? Só por isso.

Carla: Tem alguma coisa que talvez eu não perguntei e você queira falar?

Iris: Não. Se você perguntar tanto o jeito que eu falo feito um gambá. Não, mais eu não estudei, se acredita, teve várias vezes assim Carla que passou pela minha cabeça, eu falo poxa vida se eu tivesse um estudo eu não estaria, aqui é bom você trabalha entendeu, mas eu já trabalhei em casa, porque ser doméstica não é fácil é um serviço assim, apesar que aqui eu sou da cozinha, mais ajuda, porque agente limpa tudinho aqui. Entendeu? Mais não é um serviço e você vê que não tem direito quase a nada, eu tenho, eu e a Jasmim é a licença maternidade que eu, meu sonho de consumo é ter outro filho eu não quero. E a Jasmim já operada. E só e ficar doente também e ficar encostada né, mais quem estudar, eu falei, eu falei mesmo para minha filha meu posto está lá de doméstica. Pode pegar para você se você não quer estudar, vai limpa chão que você vai ver que é bom. Agora eu acho que ela colocou na cabeça, não que eu estou forçando. Mais tem que estudar.

Carla: Você tem que incentivar.

Iris: Eu não estudei mesmo, não foi por falta da minha mãe. Eu mesmo sabe eu era terrível, eu estudava assim, aprendi um pouco graças a minha mãe na marra, sabe assim, depois eu

estudei a noite no Marly dai aconteceu isso não estudei mais. Eu sair da Nova para ir para o CEJAR eu não vou.

Carla: Iris obrigada pela sua participação.

12^a ENTREVISTA – JASMIM

Identificação: 40 anos, solteira, escolaridade fund. Inc., 4 filhos, recebe benefício do governo, profissão empregada doméstica, cursou Empreendedorismo

Carla: Jasmim , para você o que foi o Programa Mulheres Mil? Quais foram os objetivos ?

Jasmim: Ah... sabe fala eu sei, mas no momento estou meio [risos].

Carla: Então vai pensando que você me fala no final. Como que você chegou até o curso? Como você fez sua inscrição?

Jasmim: Através de amigas. Dai fui e fiz inscrição

Carla: No CRAS?

Jasmim: No CRAS sim.

Carla: Durante o curso como você se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Jasmim: Não! Nenhuma

Carla: Fazia quanto tempo que você não estudava? Fazia tempo ou não?

Jasmim: Dois anos

Carla: Mas nas aulas você se sentia bem, ou se sentia desconfortável? Como você se sentia?

Jasmim: Bem.

Carla: Quais foram às principais dificuldades encontradas para frequentar o curso?

Jasmim: Nenhuma.

Carla: Na época você trabalhava?

Jasmim: Trabalhava.

Carla: Aqui? Ou não?

Jasmim: Não.

Carla: Dava para conciliar bem?

Jasmim: Dava porque na época eu estava fazendo diária .

Carla: Você teve apoio da sua família pra frequentar o curso?

Jasmim: Tive.

Carla: Após o curso, você chegou a retomar os seus estudos ou pretende fazê-lo?

Jasmim: Não retomei, porque depois do curso eu adotei a Ana, e ela está com quatro anos e agora minha mãe esta doente, com problema de hepatite. Inclusive tive que sair da minha casa e vim ficar com ela na casa dela. Então ficou difícil. Eu trabalho, e de repente às vezes ela fica ruim e eu tenho que viajar para Campo Grande com ela. Tenho a minha pequena que está com quatro anos, tenho que dar atenção para ela, para minha mãe, para casa, daí sobra um tempo para ir em minha casa dar uma olhada lá. Porque lá fica meu filho.

Carla: Quanto anos?

Jasmim: Tem 20 anos.

Carla: Ele estuda ou trabalha?

Jasmim: Ele trabalha e estuda também.

Carla: Ele estuda?

Jasmim: Está estudando. É que ele serviu o Quartel. Ele estava trabalhando né. Ele estava estudando. Ai ele teve que sair da escola e sair do serviço para poder servir no Quartel. Porque no quartel não tinha como conciliar, porque o Quartel tinha que viajar para outra cidade, daí não ia resolve né, perdia aula. Ai ele parou. Esse ano ele começou tudo de novo.

Carla: Ele saiu do quartel?

Jasmim: Deu baixa e ele voltou para o emprego dele e começou a trabalhar onde ele trabalhava antes, voltou e começou a estudar, tá fazendo EJA.

Carla: Mas você tem a intenção de estudar ou não?

Jasmim: Tenho sim. Só não voltei porque só tem lá no CEJAR. No CEJAR é muito longe para gente que já trabalha aqui, tem que tomar conta de casa.

Carla: Sim, então aqui na região não tem?

Jasmim: Não tem, Só tem o AJA. O AJA é só para adolescente. De 15 há 17 anos. Inclusive minha filha caçula também esta estudando.

Carla: Mas se tivesse um mais apropriado teria que ser aqui no bairro

Jasmim: No caso EJA sim né.

Carla: Mas teria que ser aqui no bairro?

Jasmim: No bairro e a noite.

Carla: Após a conclusão do curso, como que esta sua vida? O Programa Mulheres Mil de alguma forma mudou sua vida? Como você pensava? Mudou alguma coisa em relação ao seu trabalho? Ou não fez diferença?

Jasmim: Eu acho que me ajudou sim, a ficar mais instruída. Saber mais das coisas. É saber o que a gente pode fazer, o que a gente quiser fazer, a gente pode fazer entendeu? Tipo assim, até mesmo ter uma micro e pequena empresa assim, é tipo tocar algum comércio, alguma coisa, a gente tem a possibilidade, porque a gente aprendeu isso sabe como lida né. A gente não é tão burrinha como a gente era. A gente têm condições agora de toca um comércio alguma coisa assim.

Carla: Mas você antes acreditava que não tinha essa possibilidade?

Jasmim: Não é que não acreditava. É que a gente não tinha instrução das coisas, era mal informada. E o curso então nos informo bem. Nos ensinou bastante coisa.

Carla: Então você conseguiu aplicar o pouco conhecimento que você adquiriu no curso no seu dia-a-dia?

Jasmim: Aprendi tanta coisa

Carla: Consegue lembrar alguma coisa?

Jasmim: Eu acho que, primeiramente a lidar com pessoas, com gente, lidar com pessoas.

Carla: Você achava que tinha mais dificuldade.

Jasmim: Eu tinha né, porque a gente é, sei lá, não sei se a gente é atrasada a gente, é muito tímida. Então agora a gente ficou tipo assim, como eu posso dizer mais despojada, entendeu?

Carla: Sim, e quais foram os objetivos do programa?

Jasmim: O objetivo era, tipo assim instruir mulheres, para ter seu próprio objetivo, para ter um comércio ou até mesmo criar galinha, se quiser vende.

Carla: Administrar seu negocio?

Jasmim: É administrar seu próprio negócio.

Carla: Qual sua relação com o estudo quando você era mais jovem e com a escola? Você parou de estudar mesmo com quantos anos?

Jasmim: Para começa o estudo, quando eu entrei na escola para estudar eu ia fazer 11 anos. Na época antigamente você não tinha que querer. Se a mãe da gente chegasse lá e você vai morar com fulana você simplesmente ia. É assim que eu fui criada entendeu? Ai minha mãe chegava e falava você vai morar com fulano, até então que minha mãe dava eu para as pessoas e falava que iria dar estudo, iria dar calçado para mim, nunca vi estudo nem quanto mais o calçado. Dai a minha mãe descobria ia lá e trazia eu. Foi difícil, foi difícil mesmo. Dai

comecei a estudar, eu parei. Acho que com 15 anos comecei a estudar, fiquei com minha mãe um pouco, eu já não fui criada muito com minha mãe. Fui criada pouco com um, pouco com outro, depois eu tinha que trabalhar com 10 anos. Tinha que tomar conta do meu irmão, daí ao mesmo tempo minha mãe já mandava eu ir morar com alguém para poder até mesmo ter o que comer né. Porque minha mãe sempre foi mãe solteira e nunca teve condições.

Carla: Quantos irmãos você tinha?

Jasmim: Eram dois. Só que na época acho que minha mãe também trabalhava para os outros e antigamente era difícil as pessoas aceitar levar filho no serviço né. Nossa vida foi difícil. E minha mãe não tinha casa própria ela morava com os outros, com minha vó no caso. Na casa da minha mãe são 11 irmãos por tudo. Sempre casa de duas peças, entendeu? Hoje não, hoje a gente, minha mãe tem a casa dela e eu tenho a minha, a minha vó tem a casa dela própria. Antigamente tudo era alugado. E a casa que a gente alugava era barraco. Era de tabua quem estava dentro já dava pra ver lá fora. Era bem difícil nossa vida. Com 15 anos eu larguei de estudar de novo, pra mim poder ir para fazenda trabalhar e mandar dinheiro para minha mãe. Que eu vi que minha mãe está em uma situação difícil trabalha também de empregada doméstica. Tive que de novo parar.

Carla: Com quantos anos?

Jasmim: 15 anos de novo. E parei fiquei um tempo sem estudar, depois voltei de novo, daí tive meu filho, dei uma parada depois voltei de novo, assim eu cheguei até o nono ano, entendeu? Eu não voltei a estudar porque, por causa da escola, não teve mais o EJA. E as coisas complicaram para mim, com esse negócio da minha mãe ficar doente.

Carla: Mas hoje em dia está mais tranquilo? Comparada com que era antes?

Jasmim: Graças a Deus.

Carla: Seus filhos estão estudando?

Jasmim: Estão estudando, os três. Apesar do Junior ter 17 anos. Com 16 anos ele arrumou serviço, ele queria trabalhar. Deixei trabalhar e arrumei escola para ele estudar à noite. Porque é melhor meu filho trabalhando do que meu filho no meio da *gang* né? Que nem o povo falou “ah mais seu filho tem 16 anos não pode trabalhar, ah o juiz vai atrás”. Falei “não, ainda eu vou perguntar para o juiz, o filho é meu ou é seu? Senhor me desculpe o senhor é juiz, mais o filho é seu ou é meu? Prefiro meu filho trabalhando, saber onde está, trabalhando ganhando o próprio dinheiro do que ele vendendo droga ou roubando.” Então hoje ele está com 17 anos e continua trabalhando e estudando a noite no CEJAR. Ele e o João, os dois. O que tem 20 anos

continua no mesmo serviço que ele começou com 16 anos também e o Junior que fez 17 anos que também está trabalhando. O Junior trabalha em uma retifica.

Carla: E o João?

Jasmim: E o João, o que saiu do Quartel, lá no pet shop, o mais pretinho que tiver lá é meu filho.

Carla: No pet shop?

Jasmim: Se tiver a oportunidade de chega lá se olhar o mais pretinho com aparelho no dente é meu filho.

Carla: Tem alguma coisa que talvez eu não perguntei e você queira falar?

Jasmim: A única coisa que eu queria é que desse continuidade também , que viessem outros cursos para gente fazer, como que é, se aperfeiçoar mais.

Carla: Para você seria interessante que viesse par ao bairro?

Jasmim: Para o nosso bairro.

Carla: Se fosse um curso ofertado lá no instituto, não iria ser interessante?

Jasmim: Dai no caso deveria ter ônibus para levar a gente e trazer, porque é tão longe. Seria muito interessante. Se pudesse também né, para outras mulheres também.

Carla: Obrigada Jasmim, pela participação.

13ª ENTREVISTA – MAGNÓLIA

Identificação: 30 anos, casada, escolaridade E. M .Inc., 2 filhos, recebe benefício do governo (2 anos), profissão do lar, cursou Faixa Pantaneira.

Carla: Para você o que foi o programa mulheres mil? Quais foram os objetivos?

Magnólia: Para mim, eu me identifiquei muito por que antigamente nós mulheres não tinha o direito de fazer nada. Não tinha direito de trabalhar, não tinha direito de sair, nem mesmo fazer curso. Hoje, no ano que vivemos, nós mulheres tem o direito de fazer praticamente quase tudo bem dizer, tudo, se quiser e pude e tive estudo até mesmo o serviço que o homem faz. E no curso Mulheres Mil, eu me senti assim, valorizada né, por ter participado do curso e aprender coisas que eu não sabia também.

Carla: Que tipo de coisas que você não sabia que aprendeu lá? Saberla falar?

Magnólia: Uma delas é a faixa.

Carla: Você fez o curso da faixa pantaneira?

Magnólia: Fiz o curso da faixa pantaneira, eu não sabia nem como enrolar a linha, como fazer o processo da faixa. E até mesmo as aulas que tivemos com o professor de lá né. Coisa que não sabia como fala passaram para nós.

Carla: Como que você teve acesso ao curso?

Magnólia: Através do CRAS. Quando eu fui lá eles perguntaram se eu não gostaria de participar do curso que ia ter. Ai eu falei que sim.

Carla: Durante o curso como você se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Magnólia: Não, nas aulas com os professores não. Mas na faixa assim tive, no começo, no processo de tear, na linha de mexer na linha, até mesmo em bate a faixa.

Carla: Mas depois você conseguiu?

Magnólia: Consegui.

Carla: Quais foram suas principais dificuldades para frequentar o curso?

Magnólia: Algumas vezes sim.

Carla: Que tipo de dificuldade?

Magnólia: Na hora as vezes eu tinha que fazer uma outra coisa ai eu não poderia deixar de fazer para ir.

Carla: Você estava trabalhando na época?

Magnólia: Não, é por causa do meu esposo estava a noite né, ainda estuda, por causa dela né [apontou para sua filha, que estava brincando].

Carla: Você teve apoio da sua família para frequentar o curso?

Magnólia: Tive, Bastante.

Carla: Do seu esposo?

Magnólia: Principalmente dele.

Carla: Ele está estudando?

Magnólia: Está estudando a noite.

Carla: O que ele faz?

Magnólia: Está terminando o fundamental.

Carla: Após o curso, você chegou a retoma os seus estudos? Fazer algum outro curso? Ou você pretende fazer ainda?

Magnólia: Eu tentei esse ano, em terminar né, porque eu fiz o primeiro mais não conclui o segundo nem o terceiro. Só que como aqui só tem a tarde é, aqui no Marly, aí não consegui

acompanha porque devido dos alunos, dos alunos se mais novos que eu, então como fala, a falação me atrapalhava um pouco a entende o que a professora falava.

Carla: E não tem a noite, o curso, o EJA?

Magnólia: Não tem. Aqui no Marly não. Só tem lá no CEJAR. No CEJAR eu já estudei, terminei o fundamental no CEJAR. Só que devido ter mudado ficou muito longe pra mim.

Carla: Após a conclusão do curso, como que está sua vida, você considera que mudou alguma coisa em relação ao que era antes ou não?

Magnólia: Mudou porque através dele eu pude entender que nós mulheres não devemos só ficar no fogão. Nós devemos aprender a fazer outros cursos como a faixa, como o tapete, o bordado, até mesmo salgado que serviria como um lucro até mesmo para gente que fica mais em casa. Eu aprendi isso, que não é só o dever de casa que nós devemos fazer né, mesmo sendo dona do lar. Tivemos que fazer um outro exercício em vez de ser só naquilo da casa, do lar, de mexer com roupa, cozinha.

Carla: Então você conseguiu aplicar o conhecimento que você adquiriu no curso aqui para sua casa, para sua vida, no seu dia-dia?

Magnólia: Consigo.

Carla: Você consegue dar algum exemplo de alguma coisa que você faz? Talvez o que tenha aprendido no curso. Pode ser alguma coisa ou pensar de uma forma que nem você já falou que se começo a ver que a mulher não precisa ficar só nas tarefas domésticas? Atualmente o que você está fazendo? Você falou que é do lar, mas você tem alguma outra atividade?

Magnólia: Eu faço tapete de tecido, de retalho. E de vez enquanto eu mexo assim com a faixa mesmo eu parei por causa da linha, que é caro né. Então eu andei parando. Mas é o tapete mesmo que esta ocupando meu dia-a-dia, minha tarde.

Carla: A faixa quando você consegue fazer, você consegue vender ela? Como é que você faz?

Magnólia: enquanto eu estava fazendo sim.

Carla: Estava vendendo?

Magnólia: Uhum, estava vendendo.

Carla: Mas qual é a dificuldade de continuar o processo da faixa? Para comprar o material?

Magnólia: No meu caso é por causa da linha , porque que ela só tem uma marca que utiliza, é duas né, mais o preço subiu muito, então é isso.

Carla: Vocês chegaram a pensar em montar algum grupo?

Magnólia: Nós tentamos, tentemos entre cinco mulheres, mas devido, como se fala assim, eu não sei se foi, coisa mesmo assim natural do que foi acontecendo do dia-a-dia veio doença, veio tratamento então foi afastando todas, as cinco que estava.

Carla: E não conseguiu dar continuidade?

Magnólia: não conseguimos, ai outra teve que acompanhar marido para fazenda.

Carla: Você falou que teve só o fundamental completo. Quando que você parou de estudar mesmo?

Magnólia: Tem três anos.

Carla: Mas antes teve alguma fase que você era adolescente, criança ou com quantos anos você começou e estudar?

Magnólia: A primeira vez que nós entramos no colégio foi com doze anos. Ai minha mãe separou. Voltei a estudar com na verdade eu terminei o fundamental com vinte e dois. Dai para frente eu não consegui iniciar o médio. Começava mas chegava na metade parava.

Carla: Qual o fator principal de ter parado?

Magnólia: eu acho que é porque eu estava solteira né e tinha que trabalhar de dia e estudar a noite.

Carla: Antes você percebia que as mulheres não podiam fazer muita que agora pode fazer. Você chegou a passar por isso? De alguma situação que você acha pela condição de ser mulher?

Magnólia: Não, eu não cheguei a passar, mas eu tive tia minha que passou por isso. Até mesmo a minha bisavó passou por isso. Então vem história, vem passando, a história antiga vem passando para os novos.

Carla: O que elas falam?

Magnólia: Que antigamente elas tinham que só trabalhar em casa, cuidar dos filhos, não poderia sair, não poderia fazer nada né, tinha que estar só em casa e cuidar do filho. Ajudar o marido era pouca coisa.

Carla: Hoje você percebe como?

Magnólia: Hoje não, hoje não né, você vê que tem mulheres que assentam piso, rejunte, coisa que nunca no passo nem os homens eu acho nunca imaginou que as mulheres poderiam fazer.

Carla: A partir do Mulheres Mil você chegou a fazer outros cursos?

Magnólia: Fiz o curso de LIBRAS, de sinais fiz com o Michel. Mas daí não teve assim utilidade para mim ali na hora que eu estava tendo contato com eles na sala. Porque depois

que terminou o curso aí eu já não, pergunta pra mim mesmo agora como que eu (risos), não consigo mais, porque eu não tenho contato com ele mais. Principalmente com a pessoa que é deficiente.

Carla: Em linhas gerais você acredita que o curso foi importante para você?

Magnólia: pra mim foi. Bastante, eu creio que para o tanto de mulheres que tinha, que eu acho que tinha umas trinta, creio que para umas dez mulheres aquilo foi muito importante. Foram muito, porque lá né na sala você ouvia o depoimento delas, que elas nunca imaginavam que iriam estar saindo de casa para estar fazendo um curso, daqui, algumas mesmo até saiu por causa do marido que não queria que elas fizesse.

Carla: Então não chegaram elas terminar porque que o marido não deixou?

Magnólia: A maioria delas não.

Carla: Magnólia muito obrigada pela sua participação.

14ª ENTREVISTA – PERPÉTUA

Identificação: 58 anos, solteira, escolaridade Fund. Inc, 3 filhos, recebe benefício do governo, profissão do lar, cursou Faixa Pantaneira.

Carla: Dona Perpétua, a senhora fez o curso de Faixa pantaneira, pelo Mulheres Mil, concluiu o curso, a senhora saberia falar o que foi o programa Mulheres Mil, e quais foram os objetivos?

Perpétua: Para fazer a faixa.

Carla: Como que a senhora chegou até o curso? A senhora fez sua inscrição?

Perpétua: Eu fiz inscrição no CRAS.

Carla: Durante o curso, como a senhora se sentia nas aulas?

Perpétua: Bem, aprendi a fazer o curso.

Carla: A senhora teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Perpétua: Não.

Carla: Quais eram as principais dificuldades encontradas, para você frequentar o curso, para ir nas aulas, a senhora tinha alguma dificuldade? Para ir na aula?

Perpétua: Não

Carla: A senhora sempre estava na aula?

Perpétua: Sempre estava na aula.

Carla: A senhora teve o apoio da sua família para fazer o curso?

Perpétua: Eu tive

Carla: Seus filhos apoiaram a senhora?

Perpétua: Apoiaram, porque aprendi a fazer a faixa.

Carla: A senhora tem o fundamental incompleto, depois que terminou o curso a senhora chegou a retornar os estudos? Fazer um outro curso?

Perpétua: Não

Carla: A senhora pretende fazer?

Perpétua: Eu pretendo.

Carla: Considerando o curso que a senhora fez, como está sua vida hoje, a senhora consegue ver se mudou alguma coisa do que era antes ou está a mesma coisa?

Perpétua: (silêncio)

Carla: Depois que a senhora terminou o curso, a senhora consegue produzir as faixas pantaneiras?

Perpétua: Eu consigo

Carla: Mas a senhora tem na sua casa, chegou a produzir depois?

Perpétua: Eu produzi, mas depois vendi.

Carla: Mas a senhora continua produzindo as faixas?

Perpétua: Agora ainda não.

Carla: Qual é a principal dificuldade para senhora, em fazer?

Perpétua: Em fazer, a linha.

Carla: É cara?

Perpétua: É.

Carla: A senhora tem o tear também?

Perpétua: Eu emprestei da dona, lá da igreja.

Carla: Então a dificuldade que a senhora tem é em comprar a linha?

Perpétua: E o tear também.

Carla: Além do conhecimento da faixa pantaneira, alguma coisa que a senhora aprendeu no curso, a senhora consegue lembrar de alguma coisa, além da faixa pantaneira?

Perpétua: Eu fiz o curso do sabão, do bordado (a entrevista mostra a camiseta que está vestindo com os dizeres “curso bordado em tecido xadrez”

Carla: A senhora então fez outros cursos?

Perpétua: Hã.

Carla: Mas assim do Mulheres Mil, da Faixa pantaneira, tem mais alguma coisa que a senhora lembra que aprendeu no curso?

Perpétua: Não só a faixa mesmo.

Carla: E a senhora gostou de fazer o curso?

Perpétua: Eu gostei, se tivesse mais eu faria.

Carla: Dona Perpétua, era isso, obrigada pela sua participação.

15ª ENTREVISTA – VERÔNICA

Identificação: 36 anos, união estável, escolaridade E. M. inc., 3 filhos, recebe benefício do governo (desde quando iniciou), profissão diarista, cursou Faixa Pantaneira.

Carla: Verônica, você fez o curso de Faixa Pantaneira, concluiu o curso, para você o que foi o Programa Mulheres Mil?

Verônica: Foi ótimo.

Carla: Você conseguiria falar quais foram os objetivos do curso?

Verônica: Foi , esqueci o nome que nós aprendemos.

Carla: A Faixa Pantaneira?

Verônica: Isso, e o que você faz, no mercado assim, é empreendedorismo.

Carla: Como você teve acesso ao curso? Como você soube do curso?

Verônica: Pela escola mesmo, Marly Russo.

Carla: Durante as aulas como você se sentia?

Verônica: Bem

Carla: Você teve dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Verônica: Não

Carla: Quais as dificuldades que você encontrou para frequentar o curso?

Verônica: Não teve não

Carla: Você teve apoio da sua família?

Verônica: Tive

Carla: Após o curso você retornou seus estudos ou pretende fazê-los?

Verônica: Não

Carla: Após a conclusão do curso, como está sua vida?

Verônica: Bem

Carla: Mudou alguma coisa, ao que era antes, ou está a mesma coisa?

Verônica: Está a mesma coisa.

Carla: O que você aprendeu no curso, você consegue aplicar no seu dia-a-dia?

Verônica: A faixa? Não.

Carla: E alguma outra coisa que você aprendeu no curso?

Verônica: Ah negócio de matemática, tudo de novo, foram muitas coisas.

Carla: Resumindo, o que você acha que foi o Programa Mulheres Mil?

Verônica: Foi bom, para muitas mulheres, para mim, foi ótimo.

Carla: Depois do curso você fez outro curso?

Verônica: Não.

Carla: Você falou que ficou sabendo na escola, você estava estudando?

Verônica: Não, foi uma amiga minha na escola, e fiquei sabendo.

Carla: Você falou que estudou até o primeiro ano do Ensino Médio, qual foi o motivo que você não conseguiu terminar o Ensino Médio?

Verônica: Ah porque era aqui no Marly Russo, depois foi para o CEJAR, achei longe, daí não quis mais mesmo.

Carla: Por conta da distância?

Verônica: Hã.

Carla: Então era isso Verônica, Obrigada.

16ª ENTREVISTA- AZÁLEA

Identificação: 27 anos, união estável, escolaridade Fund. Inc., 1 filho, recebe benefício do governo, cursou Faixa Pantaneira.

Carla: Azálea você concluiu o curso de Faixa Pantaneira pelo Mulheres Mil, para você o que foi o programa Mulheres Mil, você saberia falar?

Azálea: Foi bom, a gente aprendeu muitas coisas.

Carla: Você saberia falar quais foram os objetivos?

Azálea: Aprender fazer a faixa

Carla: Como foi seu acesso ao curso? Como você ficou sabendo do curso?

Azálea: Foi pelo CRAS.

Carla: Durante o curso, como você se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar o conteúdo?

Azálea: Não.

Carla: Quais as principais dificuldades para frequentar o curso?

Azálea: Nenhuma.

Carla: Você teve o apoio da sua família para participar?

Azálea: Hã.

Carla: Você falou que tem o fundamental incompleto, após o curso você retomou seus estudos ou pretende fazê-lo?

Azálea: Não retornei não.

Carla: Mas você teria vontade de fazer?

Azálea: Teria.

Carla: Após a conclusão do curso, como está sua vida? Mudou alguma coisa, em relação ao que era antes?

Azálea: Não, mesma coisa.

Carla: Você conseguiu aplicar alguma coisa do que você aprendeu no curso, no dia-a-dia?

Azálea: Algumas coisas.

Carla: A faixa Pantaneira você chega a confeccionar ou nunca fez depois do curso?

Azálea: Nunca fiz mais.

Carla: Tem algum conhecimento que você aprendeu no curso, que você consegue aplicar no seu dia-a-dia, você saberia falar?

Azálea: Não

Carla: Para você um resumo do Mulheres Mil o que foi? Se alguém perguntasse para você o que é o Programa Mulheres Mil, o curso de Faixa Pantaneira, o que você falaria?

Azálea: Acho que um projeto bom, que veio para nós aprender a fazer a faixa, que ensinou a gente fazer muitas coisas.

Carla: Você conseguiria falar algum tipo de coisa?

Azálea: Não (risos)

Carla: E para você ajudou o curso ter sido aqui no bairro?

Azálea: Ajudou bem.

Carla: Tem bastante opção para vocês para fazerem curso?

Azálea: Não é bem difícil, só teve esse mesmo da Mulheres Mil, depois não teve nenhum curso, depois só com o ensino fundamental.

Carla: Então tem dificuldade, por que não consegue entrar?

Azálea: Não, só com o ensino fundamental, ensino médio.

Carla: Azálea quando você parou de estudar, você lembra o motivo principal?

Azálea: Não

Carla: Então era isso, ficou alguma coisa que você gostaria de falar?

Azálea: Não.

Carla: Obrigada.

17ª ENTREVISTA – ANGÉLICA

Identificação: 31 anos, união estável, escolaridade Fund. Inc., 4 filhos e está grávida, recebe benefício do governo (2 anos), profissão do lar, cursou Empreendedorismo.

Carla: Para você o que foi o Programa Mulheres mil?

Angélica: Bom, eu aprendi muita coisa ali, então foi um... muitas coisas eu não sabia fiquei aprendendo através dali. Como expandir o que eu sabia fazer.

Carla: Quais que foram os objetivos do programa?

Angélica: Quando eu fiz, eu fiz por fazer não tinha muito interesse né, depois que eu fui tendo o interesse em ver como era o curso.

Carla: Como que você teve acesso ao curso?

Angélica: Através da minha mãe. Minha mãe adora cursos. Tudo que ela curso que ela acha interessante ela quê que eu faço também.

Carla: Durante o curso como você se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Angélica: Matemática. Num sô muito boa em matemática não.

Carla: Quais foram suas principais dificuldades para frequentar o curso?

Angélica: Sim, questão dos filhos, eu tinha que largar com minha vó para gente pode i no curso.

Carla: Você teve apoio da sua família para frequentar o curso?

Angélica: Sim.

Carla: Do seu esposo?

Angélica: Sim. Ele e minha vó.

Carla: Após o curso, você chegou a retomar os seus estudos? Faz algum outro curso? Você pretende fazer ainda?

Angélica: Não, eu fiz, eu não retomei, mais eu fiz um curso de manicure que conclui, mais o que eu gosto mesmo é mexer com meu salgado. Isso eu sempre gosto, sempre que sai uma oportunidade eu estou fazendo.

Carla: Após a conclusão do curso, como que está sua vida, mudou alguma coisa em relação do que era antes?

Angélica: Sim, eu aprendi a economizar bastante. Aprendi economia né.

Carla: Então você conseguiu aplicar o conhecimento que você adquiriu no curso para sua vida, no seu dia-dia?

Angélica: Isso.

Carla: Além da economia tem mais alguma coisa que você conseguiu aplicar no seu dia-a-dia, do que você aprendeu no curso?

Angélica: Bom, eu não sei falar muito não, mais eu aprendi a lidar melhor com as pessoas, principalmente com os filhos entendeu? Era muito impaciente eu aprendi a ser paciente. A ouvir coisa que eu não sabia né, eu achei muito interessante.

Carla: Você falou que teve só o fundamento incompleto. Quando que você parou de estudar qual que foi o principal motivo mesmo? Você lembra da época quando você estudava como que era?

Angélica: Eu parei porque não entrava as coisas na minha cabeça. Eu ficava olhando tentando prestar atenção e não conseguia entender então não tinha paciência.

Carla: E na escola os professores tinham paciência também com você?

Angélica: Alguns, alguns não tinham não.

Carla: E a sua família como que via em relação a isso, questão do seu estudo. O que eles falavam, alguém falava para você alguma coisa?

Angélica: Não, foi uma decisão minha eu parei de estudar e comecei a trabalhar.

Carla: Quantos anos você tinha?

Angélica: Eu comecei a trabalhar eu tinha onze anos. Ai não parei mais.

Carla: E para você assim, se você fosse resumir, se alguém perguntasse para você o que foi o projeto Mulheres Mil, o que vocêalaria para pessoa?

Angélica: Mulheres Mil para mim? Ali bem disse foi uma renovação para minha família né. Porque achei que família era só apenas a cuidar de casa e pronto. Mais eu aprendi muita coisa

ali, além de cuida de casa, aprendi a economiza, aprendi a ouvi as pessoas, além dos filhos. Eu passei a prestar mais atenção nas coisas. Que eu olhava paras coisas para mim tanto faz, hoje eu já escuto mais né.

Carla: Que tipo de coisa você escuta mais?

Angélica: ah...eu era muito estressada né. As pessoas me falavam certas coisas eu não gostava, as vezes eu não queria engolir, já desabafa né. Hoje não, hoje eu fico pensando. Às vezes eu fico até quieta para não responde né. Então eu mudei muito em questão daquele curso.

Carla: Você acha que foi em decorrência do curso?

Angélica: Isso.

Carla: Como que está agora, você está fazendo salgado porque você fez empreendedorismo? Você aprendeu a como expandir seu negócio, você conseguiu expandir ou não?

Angélica: Sim, eu aprendi né, eu fiz vários cartões de visitas. Eu tenho meus colegas que tem meu celular, que me liga quando querem alguma coisa né, festas mesmo sempre eu tenho encomendas.

Carla: Então você continua?

Angélica: Então eu continuo mexendo com salgado, entendeu.

Carla: Obrigada pela sua participação.

18^a ENTREVISTA – PETÚNIA

Identificação: 50 anos, solteira, escolaridade E. M. inc., 5 filhos, recebe benefício do governo, profissão Faxineira, cursou Faixa Pantaneira.

Carla: Você concluiu o curso de faixa pantaneira, para você o que foi esse programa Mulheres mil?

Petúnia: Eu queria aprender a fazer a faixa né. Porque eu já faço crochê então era mais, entendeu? Eu aprendi.

Carla: Quais que foram os objetivos do programa?

Petúnia: não, não sei.

Carla: Como que você teve acesso ao curso?

Petúnia: ah, eu fui no CRAS, tinha uma placa lá.

Carla: Durante o curso como você se sentia nas aulas? Teve alguma dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Petúnia: Não, me sentia bem sim.

Carla: Quais foram suas principais dificuldades para frequentar o curso?

Petúnia: Não.

Carla: Das aulas a noite? A Senhora trabalhava na época?

Petúnia: Eu trabalhava, eu tinha sim, isso ai eu tinha sim, porque eu trabalhava né. Eu tenho dois filhos e ninguém nenhum trabalha e eu sou pai e mãe. Porque meu ex-marido nunca ajuda eles, a não sei que dava cadeira, assim no começo do ano. Fora isso nunca ajudou eu que tenho que.

Carla: Então você trabalhava e estudava?

Petúnia: Trabalhava e estudava.

Carla: Você teve apoio da sua família para frequentar o curso?

Petúnia: Não.

Carla: Dos seus filhos, eles não apoiaram?

Petúnia: Não.

Carla: Eles colocaram empecilho?

Petúnia: Não! não nunca colocou . Nunca, não se meteram, não entrou nem saíram, mas nunca tive apoio de ninguém não.

Carla: Após o curso, você chegou a retoma os seus estudos? Fazer algum outro curso? Você pretende fazer ainda?

Petúnia: Não.

Carla: Chegou a fazer algum outro curso?

Petúnia: Não. Curso não fiz não.

Carla: Após a conclusão do curso, como que esta sua vida, mudou alguma coisa em relação do que era antes?

Petúnia: Não, continuou a mesma coisa.

Carla: Têm alguma coisa que a Senhora conseguiu aplicar o que aprendeu no curso no seu dia-dia?

Petúnia: Não.

Carla: A senhora consegue fazer as faixas pantaneiras?

Petúnia: consigo, só que eu não tenho o tear, mais eu consigo. Se eu pegar para fazer eu faço.

Carla: Mas a senhora já fez alguma depois que terminou o curso?

Petúnia: Não. Não fiz, mais se eu pegar para fazer eu faço. Eu faço crochê direito, eu até hoje. Tudo que eu faço eu vendo tudo na escola. Inclusive eu tenho um monte de pedido. Não tenho linha só, mais tenho um monte de pedido.

Carla: Falta linha?

Petúnia: Ahrram.

Carla: Mas qual é a dificuldade da linha?

Petúnia: É cara.

Carla: Então assim, se a senhora pudesse fazer um resumo do programa Mulheres Mil o que a senhora falaria?

Petúnia: Foi muito bom eu aprendi, peguei amizade, aprendi muitas coisas.

Carla: Você falou que tem o fundamento completo. Quando que você parou de estudar qual que foi o principal motivo?

Petúnia: Porque quando eu comecei a estudar eu morava com meus pais né. Ai eu quase que terminei o fundamental, não deixou sair, nunca mais estudei, nunca mais.

Carla: Quem não deixou a senhora estudar.

Petúnia: Meu pai.

Carla: Ele não deixou você sair por quê?

Petúnia: Ele falou que a mulher não precisava de estudo não.

Carla: A senhora tinha quantos anos?

Petúnia: Eu tinha dezesseis anos.

Carla: Para ele já estava bom?

Petúnia: Estava bom, para ele estava bom.

Carla: Depois a senhora não voltou mais.

Petúnia: Não, não voltei. Eu tive filho, ai não dava pra deixar o filho e ir estudar. Também nunca mais tentei.

Carla: Seu pai falava que estava bom estudar, porque você era mulher ou os filhos...?

Petúnia: Os filhos, todos os filhos dele ele. Ah meus irmão estudou mais porque brigou com ele e eu não.

Carla: Seus irmãos estudaram porque brigou com ele?

Petúnia: Exatamente.

Carla: Não queria que estudassem?

Petúnia: Não queria não. Tenho meu irmão que é professor de espanhol é concursado em Porto Murinho, mais é porque ele brigou sabe.

Carla: Todos os filhos?

Petúnia: todos os filhos.

Carla: Por que será que ele falava isso?

Petúnia: Num sei.

Carla: Era independente de se mulher ou homem?

Petúnia: Independe de se mulher ou homem ele só queria o fundamental completo.

Carla: Hoje em dia você percebe assim que é mais fácil para os adolescentes estudarem. Que nem seus filhos, você incentiva eles estudarem?

Petúnia: É eu incentivo, meu guri mais velho está na faculdade. Ele faz matemática, o outro que está na oitava série ainda.

Carla: Mas então, muito obrigada pela sua participação.

19^a ENTREVISTA – GIESTA

Identificação: 38 anos, união estável, escolaridade Fund. Incompleto, não recebe benefício do governo, profissão Cozinheira e Manicure, cursou Empreendedorismo.

Carla: Para você o que foi o programa Mulheres Mil, quais foram os objetivos, você saberia dizer?

Giesta: Sim, quando eu vim participar do Mulheres mil, o objetivo eu achei que era só que ia me enriquece no primeiro momento, como ganha dinheiro esse foi o pertencimento que, quando o projeto veio. Mas o projeto Mulheres mil o objetivo que quando eu comecei nas primeiras aulas, o objetivo que eu vi com ele, é que eu era uma profissional, capacitada. Eu queria ser capacitada porquê? eu queria oferece pro cliente né, pro freguês uma qualidade de serviço melhor, né. Porque eu vi no curso que tem um mercado oferecendo tudo que eu fazia também, então eu queria um diferencial. E o Mulheres Mil me deu um diferencial. Esse curso me deu um diferencial.

Carla: Você fez curso de empreendedorismo?

Giesta: Sim

Carla: Como você teve acesso? Como você ficou sabendo? Você sabia o que era empreendedorismo?

Giesta: Não, não sabia, não tive ideia né. Eu estava pleiteando na época junto ao CRAS uma bolsa família, que nunca consegui. Ai eu fui lá eles falaram tem que espera ai a moça falou

assim, porque você não faz curso de empreendedorismo, tá abrindo um curso. Aí eu fui lá passei pela pesquisa né, uma das perguntas da pesquisa foi o que que eu sabia fazer. Aí eu faço crochê, unha né, sabia cozinhar. Respondi um questionário e mandaram eu aguardar. Empreendedorismo. Essa palavra me vinha na cabeça, não como uma pessoa que tinha que empreender, tem que aprender, dá o melhor. Eu acho que empreendedorismo hoje, na minha opinião, antes era, antes do curso, empreendedorismo era quem tinha dinheiro, coloca uma empresa, isso para mim era. Agora com a vinda do curso tudinho, empreendedorismo sou eu, né. Com meu próprio trabalho, com aquilo que eu ofereço para a sociedade o que a sociedade retribui para mim, o que retribui pra minha casa, que eu sou empreendedora hoje não só na minha vida profissional, mas também na vida familiar. Eu quero dizer assim, com esse curso, foram horas, foram dias sacrificados porque não era fácil deixar minha vida secular para o curso, mas foi um esforço que valeu à pena. Então eu conheci o curso dentro do CRAS, lá me informaram que eu podia fazer essa inscrição.

Carla: Você teve dificuldade em acompanhar os conteúdos?

Giesta: Não, porque verdadeiramente todos os professores que deram as aulas, todos, todos, foram muito bem explicados. Parecia assim, eu senti assim, cada professor que entrava sabia que a gente tinha uma dificuldade. Tinha pessoas adultas ali, mas tinha dificuldade, que muitas muito tempo fora da sala de aula algumas até estavam estudando, mas eu percebia que eles preparavam aula, vocês preparavam aula com cuidado né, para levar o conteúdo o material, então eu nunca sai da sala de aula, das aulas com alguma dúvida, eu sempre saia esclarecida. E cada dia eu buscava mais força para aprender mais, eu ficava sempre aguardado para próxima aula.

Carla: Quais eram as principais dificuldades que você encontrava para frequentar o curso?

Giesta: A primeira dificuldade foi meu casamento. Na primeira semana meu marido começou arrumar dificuldade em casa, porque eu tinha que dar atenção a ele, ele estava com problema de saúde, depois que estava recuperado, eu percebi que meu primeiro obstáculo foi ele. Ele não queria deixar eu vir a universidade para fazer o curso. Por que? Porque nesse período eu ficava em casa, o outro atendendo cliente em casa, fazendo unha, sempre estava por ali, então foi ele. E o segundo foi que eu abri mão nesse horário de uma agenda, a minha agenda tinha que ser desmarcada né manicure para poder vir pro curso, então foi uma parte financeira e uma parte da família mesmo.

Carla: Mas assim com ele, seu esposo, com o tempo melhorou?

Giesta: Melhorou. Ele viu assim, que não conseguia mais me parar né, porque o que eu aprendi aqui dentro era o que eu queria mesmo né, eu aprendi, porque assim, eu acho que o aprendizado que eu tive aqui ninguém vai me roubar e ele percebeu isso que ele não tinha mais força para tomar de mim, aí ele chegou um tempo que ele me trazia de moto e me levava.

Carla: Antes ele não trazia?

Giesta: Não, não trazia, cassava confusão para ele vir, minha filha me trazia. Aí quase que dois meses, dois meses né depois, ele que me trazia de moto, já me trazia de moto, já começo acredita naquilo que eu estava fazendo. Porque eu acho que no começo nem ele acreditava. Que um projeto que ia dar certo, que todo mundo que ia só começar e ninguém ia terminar.

Carla: Você tinha feito outros cursos antes?

Giesta: Só profissionais. Só, assim não desse nível.

Carla: De manicure? Chegou a fazer algum curso?

Giesta: Fiz curso de manicure

Carla: Mas na sua família, teve apoio das suas filhas, por exemplo?

Giesta: Tive apoio, até a hora que eu abracei você né falei, que hoje eu tenho dois filhos dentro da faculdade, um fazendo letra e outro fazendo biologia celular e eles, porque eu tenho uma pequena de treze anos, eles me incentivavam, vir para o curso. Como hoje eu vim para cá os três falaram, mãe vai lá não perca não, é o conhecimento, é bagagem que ninguém vai tomar da senhora, então entre os três que estudam, os meus filhos, me apoiaram muito, me incentivaram muito.

Carla: Após o curso você retomou seus estudos ou fez outros cursos?

Giesta: Após o curso né? o único curso que fiz foi em corumbá, eu fiz um curso lá, para mais uma técnica em manicure. Voltando a escola que pretendo né, mas aí é uma coisa que eu vou dizer, nós estamos no século vinte um. E ainda a gente encontra uma barreira no casamento. Eu tenho um casamento que meu esposo é dezoito anos mais velho que eu, aí ele acha a forma de eu querer ir para escola é uma forma de querer acabar o casamento, ele vive achando que eu estou querendo terminar o casamento, porque eu falo que vou estudar. Então hoje eu encontro barreira dentro da minha casa, para ir para sala de aula por causa do meu casamento. E eu não tenho estudo, nunca pude ir para escola direito. Eu vivia numa situação que minha mãe era uma mãe de nove filhos eu sou a primeira desses nove e não pude estudar. Minha mãe tinha muitos filhos e minha obrigação era cuidar de casa e cuidar dos filhos, então não tive direito de estudar né, eu só estudei até a terceira série, mas meu projeto é voltar para sala

de aula, não para ter uma faculdade, mas para ter um entendimento. Vou contar uma coisa que me aconteceu, quando meus dois filhos eram pequenos, ela chegou com uma tarefa de divisão em casa, na minha cabeça como eu não sei o que é divisão, eu achei que quatro dividido por dois era dois, eu fiz ele fazer toda essa tarefa assim, chegou em casa ele voltou muito triste. Eu vou aprender a matemática para ensinar a senhora ele falou para mim. Mãe está tudo errado o que a senhora ensinou. Que assim, eu achei que eu estava ensinando o correto. Ele está tentando mais uma faculdade, agora ano que vem para Química né. Que ele matemática ele é nota dez, mas ele fala sempre que ele aprendeu uma das partes ele aprendeu porque um dia ele passou vergonha um dia porque eu ensinei ele errado, então eu pretendo voltar a estudar, não sei quando, mais eu pretendo um dia.

Carla: Então assim, quando você era nova, um dos principais fatores que impediram de estudar foi porque você tinha que ficar em casa ajudando, porque você era irmã mais velha.

Giesta: Isso. Tinha que cuida da casa dos filhos.

Carla: Com quantos anos parou de estudar

Giesta: Eu só estudei a primeira com sete ano, oito anos... nove, nove dez anos eu não estudei mais. Eu aprendia a ler sozinha assim. Eu subia no ônibus errado em Corumbá e andava Corumbá no bairro que a gente morava e pegava Dom Bosco aí eu comecei a gravar as primeiras letras do ônibus. E a partir daí eu comecei a grava as primeiras letras e depois comecei gravar mais uma e assim eu fui somando as letra. Aí também eu aprendi a ler por interesse próprio, eu já li livros né. E hoje como eu não tenho estudos eu passo a fazer leitura, já li *Mente Perigosa*, já li dois livros de Machado de Assis.

Carla: E quando você era nova, seus irmãos tinham condições de estudarem?

Giesta: Tiveram, tiveram condição de estuda mais ninguém quis estudar. Ninguém quis estudar.

Carla: E a sua mãe ela incentivava a estuda ou não?

Giesta: Não, não incentivava por causa das criança, porque não tinha com quem cuidar. Na verdade ela me falou já tem dois anos atrás, que ela foi uma pessoa que podou dois sonhos. Um sonho é eu ter estudado, o segundo sonho é de ser bailarina. Tinha um concurso em Corumbá de balet, que quem dançasse a música da Xuxa lá tinha melhor, e quem ficasse na final ia ganhar um ano de balet para fazer, daí aulas grátis. Eu fui até a final e ganhei. A gente morava muito longe da academia onde fazia né, Dona Sicília que chamava na época. E eu pude participar só dois meses, porque não tinha condições de ir de ônibus, eu subia no ônibus

quando o cobrador era legal deixava eu ir, quando não mandava descer. Eu também encontrei barreira na minha casa, minha mãe falava: - você não vai conseguir, você não nasceu para isso, ela falava assim. Então ela me desanimava com outros sonhos né. Então meu sonho assim, não é outra coisa a não ser bailarina, eu queria ser bailarina. Ai tem uma coisa assim que me sinto frustrada, me sinto frustrada nesse instante, mas por um outro lado eu sinto que hoje meus filhos estão dando continuidade indo para escola, eu fico feliz quando chega um boletim, estou vendo dois filhos dentro de uma academia, faculdade né. Então para mim assim, estou sendo realizada.

Carla: Então assim, após a conclusão do curso como está sua vida? Mudou alguma coisa em relação do que era antes?

Giesta: Não, mudou cem por cento. Eu falei, eu oferecia um trabalho e ficava correndo atrás de cliente para fazer unha, chegava sextas ficava ligando, e aí fulano vai fazer unha, então já fazia aqui, então vamos agendar a próxima?!. E com o curso eu aprendi que eu tinha que oferecer. Que o empreendedorismo, uma parte dele é oferecer. Qualificação, oferecer. Eu fui buscar eu fiz mais um curso depois disso, de manicure. Eu aprendi a mexer com material descartável. Até a própria esterilizadora dentro de casa, porque eu esterilizava no salão numa minha amiga, eu fiz investimento para comprar o material para esterilizar em casa. Hoje eu não vou atrás das clientes, não preciso mais. Na verdade foi selecionadas. Agora eu tenho exatamente as pessoas assim, que são clientes fixas ali. Então eu aplico o empreendedorismo que eu precisava aplicar.

E também aprendi a fazer comprar, no empreendedorismo. Que compra é essa?. Eu compro uma luva que custa três reais. Vem o par de luva, vem a lixinha e o palitinho, são descartáveis isso aí. E eu cobro vinte e cinco reais da manicure. Certo? Então já tá ali, dentro dos vinte e cinco envolvido, eu aprendi isso aqui. Eu achava que como eu comprava aquilo ali eu tinha que cobrar um extra, fora, aí o professor ensinando a matemática embute dentro do seu trabalho, coloca um preço só, você leva para trabalhar, para vir aqui. Então eu aprendi isso. Então tenho uma clientela maravilhosa. Agora na questão da roupa eu vendia roupa, vendia bolsa e eu nunca via meu dinheiro, sempre estava correndo de dinheiro para viajar. Eu trabalhava para poder juntar e não via meu lucro. Então eu aprendi assim, se meu lucro é de trinta por cento (30%) em cima de uma peça eu guardo vinte por cento (20%) no banco e dez por cento é meu para mim utilizar, e esse vinte por cento 20% tem que render, porque da próxima vez que eu for viajar, vai ter dinheiro bruto mais o lucro dos 20% que vai entrar para uma nova compra. Então eu aprendi na verdade a economizar, a fazer um cálculo, ter um

balancete de tudo isso, colocar entradas e saídas e isso eu não sabia, então o dinheiro era disperso na minha mão. Não agora não, eu consigo fazer, ele mandou fazer um planilha de entradas e saídas durante o mês da minha casa. Isso melhorou muito o custo de vida, melhorou minha vida.

Hoje na nossa casa a gente pode falar que a gente faz uma refeição de manhã, um almoço, o chá da tarde e a janta. Antes do curso era almoço e janta nossa refeição em casa. Então quando a gente começa a fazer planejamento dentro da família, começa a melhorar, a situação financeira, começa melhorar a autoestima. Então o curso na verdade ele trouxe isso.

Carla: Então antes você tinha uma refeição de almoço e janta por falta de recursos?

Giesta: É, porque não sabia aplicar os recursos.

Carla: Você conseguiu colocar, não só no seu empreendimento, mas na sua casa também, conhecimento que você adquiriu no curso?

Giesta: Na minha casa também.

Carla: Teria alguma coisa que você gostaria de colocar relacionado que talvez não perguntei, de algum conhecimento que você também aprendeu no curso ou escutou. No que o programa Mulheres Mil impactou na sua vida, assim, de uma forma geral, resumindo tudo. Você já colocou um pouco, teria mais alguma coisa?

Giesta: Têm sim, eu consigo ver assim. Só lembrando uma frase, uma parte da música de Lulu Santos, que fala assim: “nada do que foi será”. Quando o curso terminou eu estava de frente do novo horizonte. Horizonte esse era um mundo para mim que agora era conhecido. Mas porque conhecido agora e antes não conhecido? Era o momento do saber que já estava despertado. Por que despertado? Quantas vezes você não analisa não vê, eu consegui ter sensibilidade, dentro curso, com as pessoas que estavam do lado. Saber que o outros também tinha problema que muitas as vezes era maior que o meu, mas as vezes achava que o meu era maior que todo mundo. E o curso, o curso me fez ter sensibilidade com as pessoas, o curso aqui me ensinou, o Mulheres Mil me ensinou a ser uma pessoa não mais como antes uma, mais sim observar, ceder. Por que ceder? Eu acho que a palavra ceder vinha muito em algumas aulas, ceder. Você precisa sempre ceder ao outro para você ter uma vida confortável, ter uma vida regada de prazeres, de amizade.

O que eu quero dizer o que aprendi aqui, com os professores, com os alunos, com tudo as pessoas em volta, é que a gente precisa, muitas vezes rompe o casulo, sai daquela casca, sacrificar algum boi na vida da gente que muitas vezes a gente segurando uma coisa que acha que é tudo e não é. Quando aceitei Mulheres Mil meu casamento ficou no fio, um dia ele

falou assim, se você continuar a gente vai separar, eu aceitei. “Não aceitou por que não gostava dele?” Não, não aceitei porque eu queria aprender. Porque quando a pessoa te prende muito você numa coisa, que você sabe que é bom, você tá vendo que tem pessoas ali envolvida, você tem que arriscar. Muitas vezes a gente tem que pagar algum preço para poder ter algum proveito na vida. Eu fiquei disposta a pagar esse preço, graças não separou, mas o que Mulheres Mil trouxe para mim? eu estou investindo agora, se deus quiser na faculdade dos meus filhos já tá mais que tranquila. Então eu estou trabalhando nesse momento para poder manter eles na faculdade. Que que Mulheres mil trouxe para mim? Uma visão, a minha filha chegou em casa e falou: - Mãe, eu vou trabalhar e não vou participar do PIBID – que é um projeto junto a faculdade, por que? Porque vai ficar ruim para mim, porque eu preciso trabalhar, porque o salário é bom, daí eu falei: - Não, vai pro PIBID que aqui a gente se controla, garante que tá aqui, então eu acho que agora estamos vivendo em um momento um pouco apertado, mas eu acho que é, como é criação de uma história é assim mesmo, passa por um momento mais dificultoso, para depois ficar em um momento mais confortável.

E o Mulheres Mil foi assim, esse projeto foi assim, ele nasceu de uma ideia, para mim, na minha opinião, que alguém que estava preocupado em atingir mulheres que não tinha estudo, é o que penso, mulheres que estavam vulnerável de alguma forma, mulheres que precisavam de uma autoestima. Então eu quero conta que parte que encontrei, me encontrei vulnerável, autoestima baixa quando Mulheres Mil chegou na minha vida e também porque não, com uma situação difícil, tinha uma profissão, mas não sabia. E hoje Mulheres Mil trouxe para mim, minha autoestima, vulnerabilidade eu não me sinto mais vulnerável a nada, porque agora eu sei fala não, eu sei como me defender, porque todas as aulas tem um momento que preenchia uma lacuna que estava aberta, quer dizer hoje, esse projeto veio mudança na minha vida, que hoje eu sou um ser humano, uma profissional melhor e até uma mãe melhor por causa desse projeto.

Carla: E assim você falou que conseguiu investir no seu negócio tudo, mas você sente que ainda falta alguma coisa você conseguir ter um negócio, falar: - não, agora sim, nós vamos ter uma equilibrada, agora sim realmente, ou seja, tem mais alguma coisa que você acha que poderia ser feito e de que forma? Que caminhos talvez você acha que poderia melhorar ainda mais seu investimento?

Giesta: Quando eu vejo falar de, vamos falar de governo né. Quando a gente fala de bolsa escola, não, de bolsa família, ouço falar disso né, na minha cabeça que essa verba que vem, claro para mães, eu acho assim, poderia ela de uma certa forma ser aplicada das bolsista, das

peessoas que recebem, ter um curso, mas um curso com uma cooperativa, com cooperativa né. e para mim o que eu preciso hoje é de alguém acredite nos meus sonhos, na minha capacidade. Então como eu não tenho, como eu mesmo investi por causa da minha situação financeira, meu sonho, minha realidade queria que acontecesse é ter meu próprio negócio, e hoje eu trabalho restaurante em Anastácio. Eu cozinho para outras pessoas, mas eu queria ter meu próprio salão, ter minha própria loja, então assim eu acho que não tem uma porta, assim que a gente pode chegar lá alguém para investir, isso é dificultoso, no Brasil que a gente vive isso é dificultoso, não tem. Então o meu sonho para ser realidade era alguém que investisse, sabe, nem que seja uma contra partida de fique alguma coisa ali pendente porque na minha situação, eu tenho problema né, estou com meu nome com problema foi uma compra que eu fiz pra uma irmã minha que caso já divorciou e eu estou com meu nome pendente, aí falou assim, a demorar não sei quantos anos. Ah não é assim, você precisa tirar seu nome daquela loja, porque cê pode até fala que tá limpo, mas seu nome tá ali, alienado ali, então eu acho assim, alguém que acreditasse nos sonhos da gente. Eu precisaria alguém que investisse na verdade no meu sonho.

Carla: Então falta assim, investimento?

Giesta: Investimento

ANEXO D – ENTREVISTA À COORDENADORA LOCAL DO PROGRAMA MULHER MIL

Cargo no IFMS- AQ: Professora

Função desempenhada no Programa Mulheres Mil IFMS-AQ: Coordenadora Local

1 - Como foi a implantação do Programa Mulheres Mil no IFMS-câmpus Aquidauana?

O Curso foi implantado em Aquidauana a partir de um levantamento das potencialidades e possibilidades de qualificação das mulheres em situação de vulnerabilidade social. No ano de 2011 atendemos a uma Chamada Pública MEC/SETEC – 01/2011, porém deveríamos atuar em áreas de abrangência do território da cidadania. Por esse motivo desenvolvemos o primeiro projeto na cidade de Anastácio;

No ano de 2012 com o desenvolvimento do projeto em 2013 realizamos uma pesquisa nos CRAS do município com o objetivo de realizar um levantamento dos cursos já ofertados e uma tentativa de identificar um indicador que pudesse diagnosticar as necessidades reais das comunidades, nesse contexto percebemos que as mulheres em sua maioria já haviam realizado vários cursos de capacitação, porém não lhes proporcionavam essa mudança social. Identificamos também um grupo de mulheres que desenvolviam o artesanato regional, específico de nossa região pantaneira. Os dois cursos surgiram com base nesse diagnóstico. Empreendedorismo e o de Confeção de Faixa Pantaneira.

2 - Quais cursos foram ofertados até o presente momento pelo Programa Mulheres Mil ?

No ano de 2011 com o término do curso em 2012 foram ofertados na cidade de Anastácio os cursos Básicos em Confeitaria e Panificação na modalidade FIC. No ano de 2013 os cursos Básico em Empreendedorismo e Confeção de Faixas Pantaneiras.

3 - Como realizaram a escolha destes cursos? Detalhar por ano.

Em 2011 os cursos Básicos em Confeitaria e Panificação foram realizadas pesquisas de interesse nas comunidades carente. Os mais solicitados foram os ofertados. Foi implantado na cidade de Anastácio. Em 2013 foi realizada uma pesquisa prévia com apoio dos CRAS da cidade de Aquidauana.

4 - Houve parcerias com outras instituições para execução dos cursos ofertados? Especifique quais e a função que exerciam.

Sim. As prefeituras municipais na divulgação e locais para realizar as inscrições e realização dos cursos. Houveram parcerias com as secretarias de saúde na realização de palestras.

Parcerias com a Secretaria de Estado de educação do Estado do MS na cedência das escolas para a realização dos cursos em Anastácio e em Aquidauana.

Parceria com o Projeto Sapicuá para a realização do curso de confecção das faixas pantaneiras e cedência de teares e instrutores. Parceria em Anastácio com a Associação Ebenezer para a realização do curso prático de panificação.

5 - Quais as principais dificuldades encontradas pela gestão do programa para execução dos cursos?

No primeiro momento dificuldades de encontrar profissionais qualificados para ministrar os cursos; A liberação de recursos e compra de materiais para a realização dos cursos;

6 - Quais eram os principais objetivos do Programa Mulheres Mil?

Para atender os objetivos do Programa Mulheres Mil e a partir análise dos dados socioeconômicos levantados nas áreas urbanas dos municípios de Anastácio e Aquidauana, o projeto Construindo Sonhos, Transformando Vidas tinha por objetivo:

- Possibilitar o acesso à educação profissional e tecnológica a 100 mulheres em situação de vulnerabilidade social na cidade de Aquidauana – MS;
- Estimular a inclusão educacional, produtiva e social de 100 mulheres em situação de vulnerabilidade nas cidades de Anastácio e Aquidauana – MS;
- Ofertar os cursos de qualificação profissional com base na realidade das comunidades e reconhecimento de saberes;

7 - Você acredita que o Programa Mulheres Mil conseguiu atingir plenamente seus objetivos?

Plenamente não. Porém com grande êxito na mudança da qualidade de vida das estudantes e principalmente quando tratamos de inserção da mulher no convívio social. Podemos evidenciar o retorno de muitas aos bancos escolares.

8- Após a conclusão dos cursos, houve um acompanhamento ou encaminhamento com as estudantes, para continuação do trabalho realizado ?

Sim. Com grupos de apoio, para capacitação em Economia Solidária.

ANEXO E – CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Entrevista/ Nome Fictício	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Profissão	Benefício Social	Curso
1ª Rosa	38	Fund. Inc	Casada	Autônoma	Sim	Empreendedorismo
2ª Margarida	33	E. M. Comp	Casada	Cabelereira	Sim	Empreendedorismo
3ª Hortênsia	61	Fund. Inc	Solteira	Refiladora/aposentada	Sim	Empreendedorismo
4ª Amarílis	44	E. M. Comp	Casada	Costureira	Não	Faixa Pantaneira
5ª Violeta	34	E. M. Comp	Casada	Merendeira	Sim	Faixa Pantaneira
6ª Acácia	29	Fund. Inc	União estável	Do lar	Sim	Faixa Pantaneira
7ª Açucena	37	Fund. Inc.	Solteira	Autônoma	Sim	Faixa Pantaneira
8ª Anis	39	E. M. Inc.	União estável	Autônoma	Sim	Empreendedorismo
9ª Camélia	39	Fund. Inc.	União estável	Autônoma	Sim	Empreendedorismo
10ª Dália	53	Fund. Inc.	União estável	Cozinheira	Sim	Empreendedorismo
11ª Iris	46	E. M. Inc.	Solteira	Cozinheira	Sim	Empreendedorismo
12ª Jasmim	40	Fund. Inc.	Solteira	Empregada Doméstica	Sim	Empreendedorismo
13ª Magnólia	30	Fund. Comp	Casada	Do lar	Sim	Faixa Pantaneira
14ª Perpétua	58	Fund. Inc.	Solteira	Do lar	Sim	Faixa Pantaneira
15ª Verônica	36	E. M. Inc.	União estável	Diarista	Sim	Faixa Pantaneira
16ª Azálea	27	Fund. Inc.	União estável	Do lar	Sim	Faixa Pantaneira
17ª Angélica	31	Fund. Inc.	União estável	Do lar	Sim	Empreendedorismo
18ª Petúnia	50	Fund. Comp.	Solteira	Faxineira (readaptada)	Não	Faixa Pantaneira

				- porteira)		
19ª Giesta	38	Fund. Inc.	União Estável	Cozinheira e Manicure	Não	Empreendedorismo

ANEXO F – TRANSCRIÇÃO MAPA DA VIVA

MAPA DA VIDA - Dália
D. Maria e João. Aquidauanense pegaram-me aos 6 anos para levar para São Paulo para criar como filha chegando lá me tornei escrava, aos 6 anos lavava roupa no frio e na chuva da grande São Paulo. Mas precisamente na Vila Mariana. Vim passear 4 anos depois e ver meus pais e não voltei mais. Eu Dália 50 anos. Estudei a 5ª série, não terminei a sexta por problemas de saúde, os pais antigamente achavam que bastava assinar o nome. Terminei de ser criada por D. Ana e trabalhava lá, lá aprendi o bom gosto por casas limpas e bem arrumadas e também aprendi a cozinhar e o bom por pratos enfeitados e plantas e mesas bem postas e bonita. Fazenda, casamento, conheci a primeira fazenda Santana, sofrimento primeira filha Luzia separação, fome miséria, filho morto: Mario Luis não esqueço. Eliane Cristiane gêmeas, Pedro o caçula todos criados. Luta conheci a vida dura implacável, aprendi a lei da sobrevivência. Vitória filhas criadas e formadas cada uma com sua casa própria, filho peão de campo. Sobrevivi e estou aqui nas Mulheres Mil, o que me restou doença. Diabete, muitas varizes. Mas foi bom, aprendi a trabalhar, a ter responsabilidade e dar valor a vida e posso passar a meus filhos e netos o valor do trabalho e honestidade. Gostaria de ter estudado mais, pois hoje em dia faz-me falta. Meu propósito voltar a estudar ano que vem, Mulheres Mil fez-me que ainda sou capaz de aprender.

MAPA DA VIDA - Rosa
Meu passado era assim, trabalhava muito serviço braçal, vida muito difícil, meus pais trabalhavam em fazenda de cerâmica de tijolos, telhas, também roça. Assim cresci sempre lutando para sobreviver. Meu sonho desde criança era ser alguém, nunca concordei com está situação, enfim cresci. Aos meus 23 anos eu casei e sempre sonhando. Continuo lutando porque sei que vou alcançar meu objetivo. Amo meus filhos, eles são lindos e estudiosos, creio que todos juntos somos feliz amo minha família. Por isso me sinto realizada por ser esposa, ser mãe e ser mulher.

Hoje sou um pouco realizada, tenho um esposo maravilhoso que tem o mesmo sonho. Então sei que juntos vamos realizar muitos sonhos oferecendo o melhor a nossa família que construímos juntos.

Amo meu presente, porque estou realizando um sonho de estudar. Estou amando estudar este curso, está sendo nota 10. Para mim estou muito feliz estar fazendo parte do grupo de mulheres mil, quero chegar no fim deste curso, aprendendo mais coisa importante para mim, por este motivo estou feliz, quero chegar no fim deste curso sendo nota 1000. Meu futuro quero um meio de vida melhor, para mim e minha família.

MAPA DA VIDA - Giesta

Eu me chamo Giesta, esse era meu sonho de ser bailarina, mas não deu, minha mãe é pobre, eu sonhava em ser Ana Botafogo.

Meus sonhos- Alguns sonhos se realizaram, ser mãe, olha que dádiva Deus nos dá Adrielly, Helton e Fabiana.

Sou cozinheira e meu sonho hoje é terminar esse curso de empreendedorismo e abrir meu próprio negócio.

(foto de carro) Esse carro é meu olha lá dentro, você consegue ver essa é minha família eu, meu esposo meus três filhos e Pink minha cachorra

Giesta, brasileira que sonha com um país melhor, um futuro para todos, menos violência mas paz e amor e que todos os sonhos se realizem.

MAPA DA VIDA - Perpétua

Eu gosto muito de cachorros.

(imagem de crianças) Minha vida na escola.

MAPA DA VIDA - Hortênsia

(foto fazenda, mulher andando a cavalo) Minha envernada na fazenda: a onde eu morei com meu pai quando era pequena, só depois que vim para cidade.

(foto fazenda) Esta é minha casa na fazenda. Esta é minha primeira comunhão (foto padre e igreja). Este é meu carro (imagem carro). Este é que eu gosto de fazer (imagem comida). Esta sou eu Hortênsia (imagem atriz)

MAPA DA VIDA - Magnólia

Bom eu vou falar o que me falaram a respeito do meu nascimento. Em 1985 eu nasci às 10h30 da manhã na beira de uma lagoa onde minha mãe lavava roupas. Só que não era hora de eu chegar ao mundo porque minha mamãe estava gestante de 7 mês ainda, mas eu queria vê o mundo. Dei bastante trabalho na hora do parto, tanto eu como minha mãe estava em perigo. Ai bem na hora do desespero a minha madrinha fez uma promessa, se sobrevivesse as duas eu passaria a chamar Magnólia. Ai ficou Magnólia Salvadora porque o meu avô queria colocar Magnólia. A fazenda onde nasci é Estância Brasil, município de Aquidauana.

Com passar do tempo o meu avô me pegou para morar com ele na cidade porque eu tinha coisa para ser tratada na cidade. Como desmaio, tinha também metade do meu cérebro cheio de manchas, tinha que ter acompanhamento médico, tudo isso por causa nasci prematura. Morei com meus avós até os 12 anos de idade porque o meu avô veio a falecer não podia ficar com minha avó. Foi morar com minha mãe na fazenda, lá eu e meus irmãos nos divertia muito, até que um dia meu pai chegou bêbado do pagamento e bateu na minha mãe, na hora não pensei peguei uma faca e coloquei no pescoço dele e disse se ele não largasse a minha mãe eu matava ele ali mesmo. Dai acho que minha mãe viu que não dava mais para ficar ali, vinhamos embora para cidade. Aqui descobriu que meu pai tinha outra mulher. Sofreu muito, passamos bastante dificuldades, mas ela conseguiu criar nós três. Com 15 anos fui embora de casa. Dai comecei a trabalhar em uma granja de galinha perto de Terenos. Com 18 anos estava dando a luz a uma menina linda que hoje tem 8 anos de idade.

Bom com 20 anos estava grávida do segundo filho, uma gravidez cheia de problemas, tanto que na hora dela vir ao mundo tive pré-eclâmpsia na mesa do parto. Fiquei tudo marcada porque queriam que a criança nascesse normal em vez de fazer uma cesariana, quando viram que não estava bem resolveram me cortar. Quase que não vi a minha filha, fiquei toda marcada. Mas hoje estou bem na medida do possível.

Hoje estou com 28 anos tem vez que estou bem, tem vez que estou mal, mas vou levando a vida do jeito que Deus manda. Afinal de contas é ele quem sabe o dia de amanhã, mora comigo o meu irmão, minha filha de 6 anos e o meu marido de 26 anos. Estamos juntos novamente tem 2 anos. Porque para dar uma vida legal para Yasmim. Só que para mim está sendo difícil, ando triste e desanimada. Estou fazendo o curso para me distrair a cabeça, mas peço a Deus que me ajude porque se ele não colocar a mão dele na minha vida não sei o que seria de mim hoje. Estou confiante que fazendo algo para distrair a cabeça vai me ajudar muito em minha casa, se Deus quiser ele é a força na minha vida hoje. Também quero um dia ter a minha própria casa, porque moro de aluguel 200 reais por mês é difícil, mas estou levando como posso. Ok! É isso.

MAPA DA VIDA – Violeta

Eu nasci em Aquidauana no dia 03/04/1980 sou a filha mais velha entre 6 irmãos, fui criada por padrasto até os 15 anos, minha infância não foi boa pois meu padrasto batia na minha mãe, eu e meus irmãos que eram filho dele não podíamos sair para brincar e nem visitávamos nossos parentes. Minha mãe vendia pipoca, ele ficava em casa, quando ele ia eu tinha que ir também, minha mãe se separa ou muitas vezes mais voltava.

Quando ela se separou definitivamente eu tinha 15 anos, minha irmã caçula não tinha nascido ainda, minha mãe estava grávida de 3 meses, aí ela conheceu um senhor chamado Valmiro que ajudou muito ela, meus tios ajudaram também deram casa, minha mãe ganhou um carrinho de pipoca e foi trabalhar para criar a gente, ela nunca mais morou com homem nenhum, meus irmãos e eu consideramos muito o senhor Valmiro, meu padrasto nunca deu pensão dos meus irmãos. O senhor Valmiro conviveu conosco cerca de 8 anos, ele faleceu.

Eu comecei estudar com 9 anos, nunca reprovei, com 16 anos eu conheci meu pai, quando eu nasci ele era casado, mas ele me registrou, mas quando minha mãe foi morar com meu padrasto meu pai não teve mais contato comigo, eu tinha 1 ano.

Quando eu o reencontrei ele ainda estava casado com a mesma mulher, ela sabia de mim mas nunca aceitou, alguns anos depois ele separou e casou novamente com a Dona Luzia que era uma boa pessoa, passei então a frequentar a casa do pai, conheci meus outros irmãos que são mais 6 irmãos por parte de pai. Meu pai ajudou no meu

casamento entrou comigo na igreja. A Dona Luzia conviveu com meu pai 5 anos pois ela faleceu em um acidente de moto, meu pai quebrou a perna, mas ele hoje está bem.

Após a separação da minha mãe alguns meses depois eu conheci o meu esposo, ele também ajudou muito minha mãe, namoramos durante 3 anos, casei com 18 anos, tive minha filha com 19 anos, casei na igreja e no civil, estou casada a 14 anos, só tenho uma filha.

Quando eu casei fui morar na casa que era do meu sogro, mas ele não morava lá, depois de 2 anos meu cunhado foi morar nos fundos da minha casa, moramos lá por 7 anos, até que construímos a nossa casa, estudei até o 3º ano do colegial, não fiz faculdade porque não queria ser professora.

Hoje em dia minha mãe mora próximo de minha casa, tenho 1 irmão casado que tem 1 filho, minha irmã do meio tem 1 filho de 5 anos que mora com minha mãe e ela, mais 4 irmãos meus, minha mãe vende pipoca até hoje, eu ajudo ela, eu faço crochê. Minha filha é meu maior orgulho é uma boa aluna, meu marido é trabalhador, ele me ajuda em casa, ele não é ciumento, ele me deixa participar de tudo que eu quero. Ele não é perfeito porque bebe cerveja. Mas não é agressivo. Eu e minha mãe saímos muito junto, gostamos muito de jogar bingo, minha filha também. Eu cuidei e cuido muito do meu sobrinho.

MAPA DA VIDA- Jasmim

Não tenho muito a dizer da minha vida, do nascimento até os 7 anos de idade não me lembro nada. Com 7 anos eu morava com minha avô, depois fui morar com minha tia, depois voltei a morar com minha avó, até então nunca brinquei de boneca, tive minha infância roubada, com 8 anos de idade fui morar em campo grande onde uma mulher prometeu me dar estudo, roupas, sapatos e comida, nada disso era verdade, quando cheguei lá parecia uma prisão, eu trabalhava, não ia a escola, na verdade não sabia a onde é que eu estava, não tinha notícia da minha família, não podia atender o telefone.

Um dia precisaram sair todo mundo da casa, e eu fiquei sozinha, o telefone tocou eu corri e atendi, era minha mãe e ela me perguntou se eu estava estudando, eu disse que não, eu não sabia nem onde eu estava e que a mulher disse se eu contasse para alguém ela iria me surrar, porque era ordem da minha mãe.

Então minha mãe pegou o trem e foi me buscar, então quando eu achei que iria ficar de

boa minha mãe me deu para outra família aqui em Aquidauana, começou tudo de novo, não ia a escola, não ganhava nota, trabalhava mais que um adulto a casa que eu morava tinha 5 cachorros policial e rotvailer e os outros eu não sei dizer, a mulher me dizia se saísse solto os cachorros em você, um dia Deus tocou no coração dela me levou de volta para casa da minha vó, daí fui morar com uma idosa que tinha um monte de gato, todos os dias tinha que acordar e limpar bosta de gato, não aguentava mais aquela vida.

Todos os dias pedia a Deus será que nunca senhor que vou ter uma casa? Uma família? Sonhava eu morar com minha mãe e meu irmão. Um dia Deus me abençoou e minha mãe alugou uma casa e me levou para morar com ela. Era uma vida difícil porque minha mãe era empregada doméstica, mas conseguia dar de comer para mim e meu irmão. Então finalmente consegui estudar, com 10 para 11 anos, comecei estudar e quando fiz 15 larguei o estudo e comecei a trabalhar, não tinha escolha porque minha mãe ficou desempregada, alguém precisava trabalhar, então fui para fazenda, trabalhar de empregada doméstica também, porque a necessidade faz a gente agir.

Trabalhei 3 anos na fazenda, então resolvi trabalhar em Campo Grande, fiquei 1 ano resolvi voltar e estudar, onde conheci o pai dos meus filhos, fui morar com ele, e fiquei casada 3 anos, engravidei tinha 2 meninos lindo Thalís e o Joel, não deu certo o casamento me separei e fui morar sozinha, fui a luta.

Deus me colocou em minha vida Francisco, Mariana. São os avós dos meus filhos, anjos porque foram eles que deram a minha casa que eu moro hoje. Eu amo de coração com certeza, são os pais que eu não tive quando criança. Depois me casei de novo, tive uma filha linda e novamente me separei e fiquei sozinha com 3 filhos. Um ano novo depois, casei novamente não deu certo, casei novamente hoje sou casada. Deus me pregou uma peça colocou em minha vida uma criança que precisava do meu amor, hoje posso dizer que estou bem, estou bem cuidada com muito amor, o meu bebê, ela fez 3 aninhos dia 13 de Julho, se chama Maria Clara. Agradeço a Deus pela vida dos meus filhos, pela casa maravilhosa, hoje posso dizer que é minha. Maria Clara é filha da minha prima, mas para mim é minha, porque eu já amo de paixão, é a princesinha da casa, meu esposo ama ela, e não gosta que ninguém fale que não é nossa filha, ela conhece a mãe dela, só que ela fala que eu sou a mãe dela, e me chama de mamãe, tem

como eu não sentir bem e muito amada, esta é um pouco da minha história.

MAPA DA VIDA - Amarilis

Minha infância foi muito difícil, éramos muito pobres, eu mais velha tinha que cuidar dos meus 8 irmãos, minha mãe era doente não pude estudar, mas sempre fui uma pessoa com muita fé em Deus, nunca me desamparou e apesar de tudo éramos uma família feliz.

Sou uma pessoa que gosto de fazer amizade, amo a natureza, os animais, um bocado exigente, gosto de organização.

Tudo que eu pedi e peço a Deus ele sempre tem me atendido, principalmente o meu marido. Deus tem realizado meus sonhos dia-a-dia.